

ANDRÉ BOMFIM PEREIRA LUZ

**PULSÃO DE MORTE EM FREUD E
FERENCZI: ENCONTROS E
DESENCONTROS**

São João del-Rei

PPGSI-UFSJ

2022

ANDRÉ BOMFIM PEREIRA LUZ

PULSÃO DE MORTE EM FREUD E FERENCZI: ENCONTROS E DESENCONTROS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia

Orientador: Dr. Pedro Sobrino Laureano

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L979p Luz, André Bomfim Pereira.
Pulsão de morte em Freud e Ferenczi : Encontros e
desencontros / André Bomfim Pereira Luz ;
orientador Pedro Sobrino Laureano. -- São João del
Rei, 2022.
148 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2022.

1. Psicanálise. 2. Freud. 3. Ferenczi. 4. Pulsão
de morte. 5. Regressão . I. Laureano, Pedro Sobrino,
orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 42 / 2022 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.034971/2022-96

São João del-Rei-MG, 29 de agosto de 2022.

A Dissertação "**Pulsão de morte em Freud e Ferenczi: encontros e desencontros**"

elaborada por **André Bomfim Pereira Luz**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leonardo Cardoso Portela Câmara (UFSCar)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

(Assinado digitalmente em 29/08/2022 09:16)

WILSON CAMILO CHAVES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 1352910

(Assinado digitalmente em 09/09/2022 11:02)

PEDRO SOBRINO LAURÉANO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 093.381.277-96

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **42**, ano:
2022, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **29/08/2022** e o código de
verificação: **e00bb389e0**

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pela vida e pela graça derramada.

Ao meu orientador, Dr. Pedro Sobrino Laureano, por suas orientações, sua motivação e dedicação. Elas foram imprescindíveis nesta caminhada.

À minha mãe, que esteve sempre comigo. À minha família, que me deu base e amor. À minha vó, Dilma; meu tio Júnior e o Vandir.

Aos meus amigos, Hisashi, Isabella, Hilton, Raisa, Alex, Davi, Ana, Alisson e Wagner, que ouviram muito das reclamações e dificuldades, e sempre estiveram com o ombro disponível.

Aos meus professores da UFSJ, por sua paciência e ensino, que me possibilitaram chegar até aqui.

Ao Adam, secretário do PPGPSI, que esteve sempre à disposição com muita solicitude.

Ao CAPSE, pelo financiamento que tornou esta pesquisa viável.

RESUMO

A presente dissertação objetiva, por meio de revisão bibliográfica, avaliar as possibilidades de aproximação e distanciamento do conceito de pulsão de morte nas obras de Freud e Ferenczi. Tendo como hipótese de que a conceituação da pulsão de morte como uma tendência constitucional para o zero de tensão é incompatível com a regressão talássica, pois subjaz, nessas concepções, aspectos centrais da metapsicologia de cada autor: morte e vida, constituição e ambiente, o retorno ao inorgânico e a regressão a um estado consubstancial com o meio. Desta forma, constatou-se que essa diferença fundamental marca uma separação metapsicológica dos autores quanto ao conceito de pulsão de morte.

Palavras-chave: pulsão de morte, regressão, Freud, Ferenczi

ABSTRACT

This dissertation intends to analyse, through bibliographic review, the possibilities of convergence or divergence between the concept of death drive present in Freud and Ferenczi's works. Hypothesising that the death drive conceptualisation as a constitutional tendency for the zero tension is incompatible with the thalassic regression. Particularly because central aspects of the metapsychology of each author are underlying in these conceptions: Life and death, constitution and environment, the return to the inorganic and the regression to a state of consubstantiation with the environment. Thus, it was possible to recognise that this fundamental difference marks a metapsychological divergence between the authors when it comes to the death drive concept.

Keyword: death drive, regression, Freud, Ferencz

Sumário

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
1.0 CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE EM FREUD	13
1.1 A pulsão de morte no Além do princípio do prazer	13
1.2 A teorização de Freud depois de 1920	29
1.2.3 O Eu e o Id	29
1.2.2 O problema econômico do masoquismo	38
1.2.3 Mal-estar na civilização	42
2. SÁNDOR FERENCZI: UMA POSSÍVEL LEITURA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE	48
2.1 A teorização de Ferenczi anterior ao Thalassa	48
2.2 Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade	71
2.3 A teorização de Ferenczi a partir de 1924	91
2.4 Notas e Fragmentos	106
3. FREUD E FERENCZI: ENCONTROS E DESENCONTROS	111
3.1 A controvérsia da pulsão de morte posterior a Freud	111
3.2 Considerações sobre a pulsão de morte em Freud e Ferenczi: o zero e o um	122
3.3 Considerações finais	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

INTRODUÇÃO

A introdução do conceito de pulsão de morte por Freud foi um dos elementos mais controversos dentro da comunidade psicanalítica de seu tempo. Não só os discípulos e colaboradores de Freud tiveram dificuldade de aceitar a ideia de uma pulsão de destruição, o próprio pai da psicanálise confessou ter tido uma atitude defensiva em relação a essa ideia: *Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto¹ de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela.* (Freud, 1930, p.56)

Dada tamanha controvérsia, alguns pensadores seguiram a teorização freudiana, outros a negaram veementemente. Ainda, há um terceiro grupo que aceitou o conceito de pulsão de morte, mas não da forma preconizada por Freud. Dentre os psicanalistas que se posicionaram quanto à pulsão de morte, há o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi. A posição de Ferenczi é um caso singular dentre os três destinos que acabamos de apresentar, pois, em um primeiro momento, Ferenczi aparentemente aceitou a teorização de Freud. Mas suspeitamos que essa aceitação se limita à aparência, já que é possível constatar seu afastamento progressivo, mesmo quando a pulsão de morte ainda figurava em suas publicações. Essa posição de Ferenczi já seria o bastante para a pesquisa desse conceito em sua obra. Mas outro elemento, somado a esse, faz essa questão ficar ainda mais chamativa: o projeto Lamarck.

Freud e Ferenczi iniciaram um projeto de aproximação com a teoria de Lamarck, projeto que terminou em 1917 (Figueiredo, 1999). Mas o projeto deixou marcas profundas nos pensamentos dos dois autores. Marcas essas que podem ser facilmente observadas no *Além do princípio do prazer* e no *Thalassa*. De forma que suas argumentações convergem em inúmeros pontos: o organismo só evolui pela ação do meio; há em toda a vida uma tendência ao passado; existe um estado de equilíbrio para o qual a vida tende. Além das aproximações teóricas, fenômenos semelhantes foram observados pelos autores (nessas e em outras obras), como: o trauma, o sentimento de culpa, o jogo infantil, entre outros. Entretanto, ao analisarmos essas obras, pudemos apreender que, mesmo com tamanha semelhança, talvez haja uma divergência fundamental, e talvez essa divergência possa

¹ Sabemos as dificuldades de tradução que a obra de Freud sofreu, o conceito de pulsão pode aparecer em seus escritos como: pulsão, impulso ou instinto. Em termos gerais, optamos por usar o termo pulsão, mas essas outras terminologias também podem aparecer, principalmente nas citações. O mesmo ocorreu com a tradução de Eu (ego), Id (isso) e Superego (Superego). Nesses casos também optamos pelos primeiros.

explicar, mesmo que em parte, as posições de Ferenczi e Freud quanto à pulsão de morte. Um afastamento referente à mínima diferença possível, entre o zero e o um, entre o retorno ao inorgânico e a regressão talássica. E partindo dessa hipótese de pesquisa, realizamos esse trajeto nas obras de Freud e Ferenczi, e esta dissertação é o seu resultado.

Dada essa importância das obras de 1920 e 1924, fizemos delas o ponto central da pesquisa, mas de formas diferentes. Em Freud, tomamos o *Além do princípio do prazer* como início. Essa decisão se deu por duas razões: a primeira, as considerações de Freud quanto à primeira dualidade pulsional já são deveras conhecidas, e retornar a elas prolongaria muito o texto, e os ganhos produzidos por esse movimento fogem do escopo desta pesquisa; a segunda razão é uma amenização da primeira, pois alguns dos elementos mais importantes para o tema da pesquisa, desenvolvidos por Freud antes de 1920, retornam em suas argumentações no *Além do princípio do prazer* e nos outros textos que o seguiram. Nesses casos, pudemos analisá-los ou, pelo menos, apresentá-los.

Já no capítulo referente à teoria de Ferenczi, o *Thalassa* marca o centro e um início mais palpável do afastamento do psicanalista húngaro para com Freud. E como já dissemos, esse afastamento foi progressivo. Desta forma, decidimos apresentar os passos do autor até o *Thalassa* para, então, apresentar a obra e depois as consequências dela. Nesse percurso, alguns argumentos de Ferenczi que não se relacionam tão diretamente com a publicação de 1924, mas que guardavam algum valor para a pesquisa, também foram apresentados.

Feita essas considerações, acreditamos que as escolhas dos capítulos e o caminho seguido ficam evidentes. No primeiro capítulo nos dedicamos à teorização de Freud acerca da pulsão de morte. Esse capítulo foi dividido em dois subcapítulos: um dedicado ao *Além do princípio do prazer*, e o outro às obras que o sucederam. A decisão de separar a publicação de 1920 teve como objetivo dar ênfase às propostas feitas por Freud nela. Afinal, a importância dessa obra para esta pesquisa é singular.

No *Além do princípio do prazer*, Freud, através de suas observações clínicas e cotidianas, questiona a soberania do princípio do prazer nos processos psíquicos. Pois, por meio dessas observações, ele pôde identificar um processo mais arcaico que esse: a compulsão à repetição. E esse processo muda fundamentalmente o entendimento da pulsão na obra freudiana, ela que era um motor que movia para adiante, ganha um caráter conservador. Caráter esse que revela uma tendência primitiva em ação na substância viva, o retorno ao inanimado. E assim Freud pôde definir essa tendência como a pulsão de morte, e a tendência que garante que esse retorno ocorra pelos caminhos do

desenvolvimento do próprio organismo, com a pulsão de vida. Assim, ele estabeleceu a sua segunda dualidade pulsional.

Estabelecida a nova dualidade, pudemos acompanhar o seu desenvolvimento posterior. No *Ego e o Id*, Freud demonstra o impacto que essa teorização teve em sua obra, uma nova topologia do aparelho psíquico é apresentada. Uma topologia que se relaciona diretamente com as duas classes das pulsões. O vienense também relaciona as pulsões de vida e de morte com a polaridade amor e ódio e demonstra a destrutividade auto e alo dirigida como efeito constitucional da pulsão de morte.

O elemento agressivo e destrutivo da pulsão de morte retorna no *O problema econômico do masoquismo*. Assim, o par sadismo-masoquismo pode ser interpretado pela nova dualidade. O sadismo sendo causado pela ação de Eros sobre a pulsão de morte, visando torná-la inócua pelo investimento no mundo exterior. Mas essa excitação da pulsão de morte não é o bastante para eliminar a sua ação no interior do organismo. Dessa forma, essa parte excitada age buscando o retorno ao inanimado, o que explica o masoquismo. Nessa publicação, Freud também reviu os princípios em ação no funcionamento mental. Retomando o princípio do prazer e o princípio da realidade (sendo o primeiro identificado com Eros e o segundo, respondendo à realidade), um novo princípio é exposto e marca essa tendência de retorno ao zero de tensão, o princípio do Nirvana.

A agressividade, a violência e a dominação retornam no *Mal-estar na civilização*, em que Freud as explica pela ação da pulsão de morte inata, mas afastada da sexualidade. Essa forma de ver a pulsão de morte lhe garantiu autonomia e um papel fundamental na formação da cultura.

Dedicamos o segundo capítulo à análise da obra de Ferenczi, partindo de suas concepções anteriores à publicação do *Thalassa*. Nessa primeira parte, apresentamos que, desde o início de suas obras, o psicanalista húngaro já atribuía um fator central para relação do indivíduo com o ambiente, e identificava a regressão como um processo fundamental que ocorria no psiquismo. Outros dois elementos também merecem destaque nesse período: a adesão de Ferenczi à lei da biogenética fundamental de Ernst Haeckel, desde a publicação *A importância da psicanálise na justiça e na sociedade* de 1913, e sua convicção monista afirmada em 1909, na conferência *A respeito das psiconeuroses*.

Esses mesmos elementos retornaram, e foram expandidos, no *Thalassa*. Nessa publicação, ao analisar o coito, Ferenczi identifica uma tendência de retorno à vida intrauterina, um estado onde a separação do ego e do ambiente ainda não existia. Mas essa tendência regressiva não se limita apenas à regressão ao corpo materno, pois, ao

compreendê-la a partir da filogênese, a regressão alcança estados ainda mais primitivos. Um estado de perfeito equilíbrio entre o organismo e o ambiente, uma unidade mínima e consubstancial. Mas essa unidade foi rompida pela catástrofe da seca dos oceanos. Catástrofe essa que todos os indivíduos revivem devido ao nascimento, e buscam retornar ao estado anterior à ela.

Posteriormente à publicação de 1924, o elemento relacional ganha ainda mais destaque na obra de Ferenczi. Esse destaque é tamanho que contraria abertamente a posição constitucional da pulsão de morte em Freud. No artigo *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, o psicanalista húngaro demonstra como a autodestruição tem apenas uma aparência inata, pois a causa de fato é um trauma precoce. Trauma que volta a ser apresentado por ele, no polêmico *Confusão de língua entre adultos e crianças*, artigo no qual ele retoma o efeito da sedução no psiquismo e demonstra como a morte, a disjunção e a autodestruição podem vir de fora, pela ação do desmentido.

No terceiro capítulo, apresentamos um pequeno desvio, saindo da leitura de Freud e Ferenczi para outros autores: Klein, Winnicott, Laplanche, Green e Lacan. Esse desvio objetiva expandir a ideia da controvérsia quanto ao conceito da pulsão de morte, e apontar se os mesmos elementos que identificamos como afastamentos entre os autores estudados na pesquisa também são causa de discussão entre outros pensadores da psicanálise. E posterior a isso, pudemos nos dedicar a uma reflexão sobre os caminhos da pulsão de morte em Freud e Ferenczi, a partir da nossa hipótese de pesquisa.

Dada a natureza teórica desta dissertação, a metodologia de pesquisa foi a revisão bibliográfica, mas assumindo uma postura única, pertinente à pesquisa em psicanálise. A singularidade da pesquisa psicanalítica é sua fecundidade; ela não inclui dentro de suas preocupações a inferência generalizadora. Seu campo teórico exige do pesquisador a apropriação da técnica por meio de um estilo que se cria no manejo do tratamento. Sendo assim, é sempre particular. O método é o manejo e a construção das teorias de associação livre, transferência, interpretação, nas suas mais diversas possibilidades. Dessa maneira, o método de pesquisa só pode ser entendido a partir da situação psicanalítica de pesquisa. (Iribarry, 2003)

Dessa forma, compreendo que sou o primeiro sujeito da pesquisa. Pois, como sustenta Ravasio (2016), o campo de trabalho advém a partir da transferência e, por aí, o pesquisador oferece o testemunho da sua investigação. Por isso, uma pesquisa em psicanálise se sustenta, em primeiro lugar, pela transferência, colocando o autor em um lugar *sui generis*, o lugar de saber a partir de um enigma. É importante salientarmos a

transferência como eixo na relação com a pesquisa, como aquilo que lança o enigma ao pesquisador, e que supõe um não saber, sustentando paralelamente um desejo de saber.

1.0 CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE EM FREUD

1.1 A pulsão de morte no *Além do princípio do prazer*

Desde *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895) estabeleceu que o funcionamento do aparelho nervoso se movimentava guiado por uma tendência de eliminação da tensão recebida. A tendência original é de eliminar completamente a quantidade de Q dentro do aparelho. A esse princípio de funcionamento, Freud nomeou de princípio da inércia neuronal. Mas o desenvolvimento do organismo traz consigo mudanças fundamentais na forma de funcionamento do aparelho nervoso, com o surgimento dos estímulos endógenos, a eliminação se torna impossível, acarretando uma mudança no funcionamento do aparelho. A tendência de eliminar a tensão é substituída pela tendência de manter a quantidade de energia no aparelho o mais baixo e constante possível. Essa nova tendência recebeu o nome de princípio da constância. Nesse primeiro momento de desenvolvimento teórico, Freud já alinhava a ideia de que o aumento da tensão dentro do aparelho é sentido como desprazer, e sua eliminação é sentida como prazer.

Nesse caso, o desprazer teria que ser encarado como coincidente com um aumento do nível de Q ou com um aumento da pressão quantitativa: equivaleria à sensação quando há um aumento da Q em Ψ . O prazer corresponderia à sensação de descarga (Freud, 1985, p.330).

A função de descarga está relacionada com a tendência do sistema nervoso de evitar a dor e o desprazer resultante do acúmulo de Q no sistema. Essa hipótese aproxima o princípio do prazer ao princípio da inércia neuronal. Afinal, o desprazer diz respeito à tensão causada pelo acúmulo de Q, e o prazer é gerado pela descarga dessa tensão. O prazer absoluto seria o resultado de uma descarga total de Q. Essa concepção faria Freud refletir, 25 anos depois, sobre a possibilidade do princípio do prazer estar a serviço da pulsão de morte, já que a ausência total da tensão só é possível com a morte. Posteriormente, Freud substituiu a identificação do princípio do prazer com o princípio da inércia, pela identificação dele com o princípio da constância. (Garcia-Roza, 2004). Sobre o princípio do prazer, diz Freud:

é uma tendência que atua a serviço de uma função cuja tarefa é libertar inteiramente da excitação o aparelho mental, ou manter constância o nível de excitação dentro dele, ou mantê-lo tão baixo quanto possível (Freud, 1920, p. 17).

Então, pode-se compreender a hipótese de que o aparelho psíquico se move no sentido de manter excitação a mais baixa possível, ou constante. Dessa forma, qualquer coisa que aumente a quantidade dela é sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, isso é o que fundamenta o lugar do princípio do prazer na teoria freudiana. O princípio do prazer ocupou um lugar de tendência soberana no aparelho psíquico, desde sua aparição no *Projeto* de 1895 até 1920, ano que Freud publicou o *Além do princípio do prazer*.

Em 1920, Freud publica o texto que abre as portas para a introdução da pulsão de morte no pensamento psicanalítico, o *Além do princípio do prazer*. Freud afirma que: *Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer* (Freud, 1920, p. 26). A escolha do verbo “supor” já indica uma possível quebra no que, até então, era um firme fundamento que regia todo o funcionamento do aparelho psíquico. Nessa pequena passagem, Freud já demonstra uma incerteza que abalaria toda sua teoria até então estabelecida.

O desenvolvimento da teoria pulsional levou Freud a conceber formas mais complexas do aparelho psíquico lidar com a estimulação. Alguns fenômenos observados na normalidade, e na patologia, fizeram que fosse necessária uma revisão teórica. Acarretando a deposição do princípio do prazer de sua soberania, havia algo mais antigo do que ele. Os fenômenos centrais que fizeram Freud rever sua teoria, foram: os sonhos das pessoas acometidas pela neurose traumática, oriunda das experiências da primeira grande guerra; a criança que repetia simbolicamente uma experiência desagradável; a reação terapêutica negativa; e a experiência de repetição na transferência. (Maldonado, 2006)

A revisão teórica feita por Freud marca o ponto de queda da dominância do princípio do prazer, mas de forma alguma indica o abandono desse princípio na teoria freudiana.

é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado

final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer (Freud, 1920, p 19).

Freud (1920) reflete sobre uma condição vinda de tragédias que ocorrem com graves concussões mecânicas, a neurose traumática. Porém, um fator novo se apresentava, temos que lembrar que Freud escreveu o *Além do princípio do prazer* em 1919, apenas um ano depois do fim da terrível primeira grande guerra. Uma guerra que durou quatro anos e que deixou cerca de 19 milhões de mortos. Esse acontecimento terrível em solo europeu originou inúmeros casos de neuroses traumáticas. Porém, como atento observador, Freud percebeu que muitos daqueles que sofriam de neurose traumática oriunda da experiência bélica não apresentavam nenhuma lesão no sistema nervoso. Dessa forma, com a variável orgânica isolada, a explicação psicanalítica ganhou espaço.

Dentre os elementos ligados à neurose traumática, um chamou a atenção de Freud, o sonho. Os sonhos das pessoas que sofriam com a neurose traumática traziam repetidamente o indivíduo de volta à situação que originou o trauma, e esse elemento foi responsável pela revisão da teoria dos sonhos. Pois, na *Interpretação dos sonhos*, o sonho era tido como uma realização velada dos desejos sexuais reprimidos (Freud, 1900). Mas nesses sonhos onde o paciente sofria pelo efeito do trauma, era evidente que eles não desejavam pensar no seu acidente. Ainda sim, eles retornavam para esse momento em seus sonhos, e isso poderia indicar que essa experiência onírica agia de maneira contrária à natureza dos sonhos, previamente definida. Seria esperado que os pacientes sonhassem com seu passado sadio ou com sua cura, entretanto, a volta ao sofrimento confronta diretamente a ideia do sonho como realizador de desejos. Para que a confiança nessa função onírica não seja perdida, Freud aponta dois caminhos: que os sonhos das pessoas nessa condição estão perturbados e afastados de seu propósito, ou pode haver alguma tendência masoquista no Eu. (Freud, 1920).

Após introduzir essa questão quanto à neurose traumática, Freud passa então a analisar outro fenômeno que pôde observar com seus próprios olhos, uma brincadeira específica de seu neto. Esse menino tinha o hábito de pegar algum objeto e arremessá-lo para longe. Quando fazia isso, o menino emitia um som longo e arrastado de “o-o-o-ò”, que era acompanhado por uma expressão de interesse e satisfação. Tanto Freud quanto a mãe do menino acreditavam que esse som representava a palavra alemã “fort” (foi embora). Freud, então, concluí que essa brincadeira representava um jogo, em que o menino pegava seus brinquedos e “ia embora com eles”. Em um determinado momento, o psicanalista pôde fazer uma observação que concordaria com seus pensamentos, o menino

possuía um carretel com um pedaço de corda amarrado em volta dele. O menino arremessava o carretel por sobre a borda de sua cama encortinada, de forma que o carretel desaparecesse entre as cortinas e, ao mesmo tempo, o menino expressava seu “o-o-o-ó”. Então ele puxava o carretel pela corda e saudava seu reaparecimento com um som “da” (ali). Era, então, um jogo de desaparecimento e retorno, mas a criança encontra um prazer maior no retorno.

Freud, portanto, interpreta essa brincadeira como relacionada à realização cultural da criança, sua renúncia pulsional que efetuara quando deixara sua mãe ir sem qualquer protesto. A criança se compensa disso encenando o desaparecimento e o retorno nos objetos. A criança não poderia ter tido como prazerosa a partida de sua mãe, mas, mesmo assim, ela repetia essa experiência. E dentre as duas formas da brincadeira, aquela na qual ela deixava ir era a mais frequente. Isso indica que o objetivo final desse jogo infantil não pode ser explicado por meio do prazer que o reencontro proporcionava. Mas Freud indica algumas hipóteses para tentar explicar esse comportamento da criança. Na primeira, a criança pode, por meio do jogo, passar de um papel passivo para um ativo na cena, mesmo que a experiência tenha sido desprazerosa. Outra interpretação possível é a de que a criança, ao arremessar o objeto e fazê-lo desaparecer, encontra a satisfação de um impulso reprimido de se vingar pelo abandono. Como podemos observar, Freud apresenta seus argumentos lentamente, familiarizando o leitor com cada um de seus passos. A cautela é condizente com a empreitada, pois o que está em questão é um dos fundamentos da teoria psicanalítica, a soberania do princípio do prazer. Depois dessa exposição sobre esse jogo infantil, ele apenas sugere a possibilidade de algo que possa agir independentemente do princípio soberano, pois, para atacar o rei, ainda serão necessárias mais armas. Dessa forma, adiando a conclusão, Freud sugere:

Assim, ficamos em dúvida sobre se a pressão para elaborar psiquicamente algo impressionante, para se apossar totalmente disso, pode se manifestar de maneira primária e independente do princípio de prazer. No caso aqui discutido, a criança só poderia repetir uma impressão desagradável na brincadeira porque a essa repetição está ligado um ganho de prazer de outro tipo, porém direto (ibid., p.37).

O próximo fenômeno analisado por Freud, ainda no *Além do princípio do prazer*, foi a transferência que ocorre na clínica. Na prática clínica o paciente pode não recordar daquilo que está reprimido, e justamente o que foge a sua memória pode ser o essencial. Com a impossibilidade da rememoração, o paciente se vê obrigado a repetir o material reprimido como se este fosse uma experiência atual. Essas reproduções estão geralmente

relacionadas com uma parte da sexualidade infantil, o complexo de Édipo, e são atuadas, por meio da transferência, para com o analista. Neste ponto, a neurose anterior é substituída pela neurose de transferência. Mesmo com o esforço do analista de tratar por meio da rememoração, é necessário permitir que a repetição ocorra para alcançar o sucesso terapêutico. Dentro dessa repetição que ocorre na clínica, Freud vai lançar mão da compulsão à repetição pela primeira vez no *Além do princípio do prazer: Para achar mais compreensível essa compulsão à repetição que se manifesta durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos* (ibid., p.41).

A primeira vez que o termo compulsão à repetição apareceu nos escritos de Freud foi em 1914, na obra *Recordar, repetir e elaborar*. Nesse trabalho, ele escreveu: *enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar* (ibid., p.166). Mas a compulsão à repetição aparece nesse escrito ainda dentro da lógica de funcionamento do princípio do prazer. Ela ainda era vista como uma manifestação da insistente tentativa dos conteúdos inconscientes de encontrarem satisfação.

Em 1919 (mesmo ano da escrita do *Além do princípio do prazer*), Freud publica *O Estranho*, e refletindo sobre a estranheza quanto à repetição, especialmente a involuntária, escreve:

Pois é possível reconhecer na mente inconsciente, a predominância de uma 'compulsão à repetição', procedente dos impulsos pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões - uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos (Freud, 1919, p.297 — grifo nosso).

Essa mudança da concepção da compulsão à repetição ganha centralidade no *Além do princípio do prazer*, e vai abrir caminho para a teorização da pulsão de morte. Para explicá-la, Freud (1920) continua a operacionalizá-la por meio da neurose de transferência. Mas primeiro é preciso lembrar que quem exerce a repressão é o Eu, e o reprimido busca abrir seu caminho rumo à consciência através de alguma ação real. Essa resistência está sob o domínio do princípio do prazer, pois ela intenta evitar o desprazer causado pela liberação do recalçado. Assim, é possível para Freud identificar a ação da compulsão à repetição ainda dentro da regência do princípio do prazer, já que o repetido pode causar desprazer para o Eu, e prazer para outro sistema. Contudo, ele identifica algo na repetição que não pode ser subscrito nessa lógica:

a compulsão à repetição também rememora do passado, experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos (Freud, 1920, p. 34).

Nesse sentido, Mezan (2006) explica que o conteúdo repetido na transferência é marcado por um desprazer profundo e intenso, impedindo sua aproximação com o princípio do prazer, pois a repetição não visa a reprodução de um momento feliz para os propósitos pulsionais.

Freud (1920) indica que a sexualidade que floresce no início da vida da criança figura entre as experiências que não possibilitam o prazer em sua repetição, pois a vida sexual infantil, desde seu começo, está destinada a apresentar desejos intoleráveis e impossíveis, por sua incompatibilidade para com o estágio de desenvolvimento da criança e com a realidade, deixando uma marca dolorosa de seu abandono e uma cicatriz narcísica. E, ainda assim, os pacientes repetem, sob transferência, as situações indesejadas e as mais penosas emoções. É fácil supor que as experiências que puseram fim ao florescimento de sua vida sexual infantil no passado não produziram prazer. E também é compreensível que estas experiências causassem menos desprazer se emergissem na forma de lembranças ou sonho, ao invés de se manifestarem na forma de experiências novas, mas, ainda assim, *ela é repetida; uma compulsão impele a tanto* (ibid., p. 43).

A compulsão à repetição não ocorre exclusivamente em pacientes que produzem sintomas neuróticos. Freud também indica a sua ação sobre as pessoas que em todas as suas relações sempre alcançam o mesmo resultado, a repetição como causa do destino inescapável. Assim, podemos compreender as armas que Freud levanta para atacar a soberania do princípio do prazer, sua argumentação nos oferece diversos fenômenos que, isolados, não poderiam apontar certamente para algo que vai além do princípio do prazer, e o próprio Freud fornece outras explicações plausíveis. Os sonhos daqueles acometidos pela neurose de guerra poderiam indicar tendências masoquistas do Eu, a brincadeira da criança podia indicar uma passagem da passividade para a atividade; já a transferência poderia ser explicada pela força do retorno do recaiado, e a possibilidade de que o prazer fosse alcançado em outro lugar. Mas, agrupados, esses fenômenos indicam que sua interpretação por meio do princípio do prazer deixa algo para trás, como se precisasse de algo mais. E, desse modo, Freud pôde propor algo anterior ao princípio do prazer, diz ele:

algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio de prazer que ela domina. Mas, se uma compulsão à repetição opera realmente na mente, ficaríamos satisfeitos em conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições pode surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer, ao qual, afinal de contas, até agora atribuímos dominância sobre o curso dos processos de excitação na vida mental (Freud, 1920, p. 37 — grifo nosso).

Munido da compulsão à repetição e a possibilidade de algo mais primitivo do que o princípio do prazer, Freud inicia um movimento especulativo. Hoje é deveras comum o reconhecimento da importância do *Além do princípio do prazer* como uma virada na teoria psicanalítica, pois nele Freud propõe a pulsão de morte, e assim como diz Mezan (2006, p. 252): *a pulsão de morte é um elemento tão radicalmente novo, e transforma a rede da psicanálise de maneira tão profunda.* Mas quando Freud o escreveu, essa importância não era evidente. Freud o propôs apenas como um exercício hipotético. Como fica claro em suas palavras:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará (Freud. 1920, p. 39).

O movimento teórico da psicanálise, por meio dos processos inconscientes, supõe que a consciência não é o fato mais universal dos processos mentais. A consciência é apenas uma função desses processos. A consciência (Cs) produz percepções das excitações provenientes do mundo externo, e sentimentos de prazer e desprazer que surgem no interior do aparelho. Dessa forma, pode-se supor que o sistema Pct-Cs ocupa uma posição no espaço. Ele deve ficar na fronteira entre o exterior e interior, deve estar voltado para o mundo externo e envolver outros sistemas. Uma concepção que, segundo Freud, o aproxima da anatomia:

Notamos então que com essas hipóteses não ousamos nada novo, mas nos associamos à anatomia cerebral localizadora, que situa a “sede” da consciência no córtex cerebral, na camada mais externa, envolvente, do órgão central (ibid., p.47).

Destacamos essa passagem por ela indicar uma companheira que Freud recorrerá nas suas especulações, as ciências biológicas. Em alguns momentos, Freud as usará como analogias e, em outros, como elementos que legitimarão as suas posições, e confirmarão as suas hipóteses.

Dando início à especulação anunciada, Freud (1920) propõe que o leitor imagine um organismo vivo simples, como uma vesícula indiferenciada de uma substância

suscetível à estimulação. A superfície desse organismo está voltada para o mundo externo, e por essa razão, ela se diferencia do resto do organismo, servindo como órgão para o recebimento dos estímulos. Pois, pela ação desses choques externos sobre a superfície da vesícula, modificou, sua substância foi modificada permanentemente, até uma certa profundidade. O que fez com que os processos excitatórios nela transcorressem de maneira diferente do seu interior. Eis um argumento de Freud com clara inspiração lamarckista. Assim, podemos apontar que, mesmo que Freud tenha abandonado, em 1917, o “Projeto Lamarck”², que idealizou com Ferenczi, ainda há repercussões desse projeto em sua obra. Retomando a argumentação de Freud (1920), a superfície desse organismo se tornou um córtex marcado pelo efeito da estimulação, essa marca permite que o organismo receba de forma segura os estímulos exógenos e, ao mesmo tempo, impede que outras modificações ocorram. O mesmo ocorre no sistema Cs, seus elementos não podem ser permanentemente modificados, pois já sofreram essa profunda modificação. Assim, *por meio dessa especulação teríamos entrelaçado em certa concatenação a origem da consciência com a posição do sistema Cs e as peculiaridades do processo excitatório a ele atribuíveis* (ibid., p.50).

Freud prossegue com as suas especulações a partir da vesícula viva com a sua camada protetora contra os estímulos:

Esse pedacinho de substância viva paira em meio a um mundo exterior carregado com as mais intensas energias, e seria fulminado pelos efeitos dos estímulos desse mundo se não fosse dotado de uma proteção contra estímulos (ibid., p.50).

Essa proteção surge da seguinte maneira: a superfície torna-se inorgânica e, como um envoltório ou uma membrana, defende o interior do organismo dos estímulos, diminuindo o impacto que ele sofreria devido à estimulação. Assim, pela morte da camada exterior, o interior foi salvo do mesmo destino. Entretanto, essa defesa pode ser rompida caso o organismo receba estímulos com intensidade maior do que a sua capacidade de amortização. Nessa argumentação, quase mitológica, de Freud sobre a vida primordial, podemos destacar a forma com a qual ele descreve a relação desse organismo com o meio. O organismo está desamparado, submerso em um meio aterrorizante que atenta com a sua sobrevivência todo o tempo. Não há, nas palavras de Freud, nenhuma argumentação que indique um equilíbrio que favoreça a vida ou que demonstre um caráter acolhedor do meio.

² Voltaremos ao “Projeto Lamarck” no capítulo II, ao analisarmos o *Thalassa*.

Para o organismo, é mudar ou morrer, ou melhor, é deixar-se morrer para mudar e sobreviver.

Freud (1920) afirma que a capacidade de se proteger das estimulações é tão importante quanto a capacidade de receber os estímulos, pois o organismo é dotado de uma quantidade de energia interna, e precisa se empenhar para defender as formas de conversão dessa energia contra uma tendência niveladora. Uma forma de lermos essa posição de Freud é aproximando essa energia com o calor. É como se a temperatura do ambiente estivesse mais elevada do que a temperatura do interior do organismo. Sem alguma forma de isolante térmico, esses corpos tendem a equilibrar as suas temperaturas. A superfície diferenciada age justamente para limitar a quantidade de calor recebida pelo organismo. Ao trabalhar a ideia do trauma, Freud retornará a capacidade de conversão do aparelho psíquico e o efeito da estimulação que rompe a barreira protetora, como veremos a seguir. Já a recepção de estímulos tem como principal função tatear o ambiente externo, e para realizar essa função, apenas pequenas amostras do ambiente são necessárias, afinal, já constatamos o que ocorre se o ambiente for experimentado em sua totalidade.

Mas a camada cortical e, posteriormente, o sistema Cs, não recebe estimulações exclusivamente do ambiente, ela também recebe os estímulos endógenos, devido a sua posição entre o mundo interno e o externo. E contra a estimulação interna não é possível erguer uma barreira protetora como membrana diferenciada.

frente ao interior, a proteção contra estímulos é impossível, as excitações das camadas mais profundas se propagam pelo sistema diretamente e em quantidade não reduzida na medida em que certas características de seu fluxo produzem a série das sensações de prazer-desprazer (ibid., p. 52).

Porém, em comparação aos estímulos exteriores, as excitações internas são mais adequadas à forma de trabalho do sistema. Freud aponta que isso ocorre por dois motivos: a prevalência das sensações de prazer e desprazer; e a ação do aparelho contra as excitações internas que produzem um grande aumento do desprazer.

Até então em sua elucubração, Freud modelou todo esse funcionamento do aparelho psíquico em um caso ideal, onde todas as defesas são capazes de amortecer o impacto da força do ambiente, e o sistema consegue equilibrar as tensões internas. Nesse caso, ainda estamos dentro da lógica de funcionamento do princípio do prazer. Então Freud vai buscar algo que rompe esse modelo para apontar algo que se oponha a esse princípio, e esse elemento é o trauma.

A experiência traumática ocorre quando *Aquelas excitações de fora que são fortes o bastante para romper a proteção contra estímulos são chamadas por nós de traumáticas* (Ibid., p.53). Com essa invasão, o funcionamento energético do organismo é perturbado, acarretando uma ação defensiva total desse organismo. Nesse primeiro momento, o princípio do prazer é posto de lado, pois a prioridade do aparelho não é a de buscar prazer e evitar o desprazer. O aparelho passa a ter como prioridade dominar e vincular essas energias, para depois se desvencilhar delas. Para isso, é produzido um contra-investimento, mesmo que isso leve os outros sistemas ao empobrecimento.

Nesse sentido, Maldonado (2006) vai apontar que esse contra-investimento objetiva impedir o influxo de novas quantidades de excitações e convertê-las em cargas energeticamente quiescentes ou ligadas. Isso porque, só assim é possível a atuação do princípio do prazer. Para que esse princípio atue, é preciso que o volume das excitações seja dominado. É por meio da repetição que o organismo realiza essa empreitada. Repetindo, o organismo busca ganhar o controle da situação e se prepara para perigos futuros.

A neurose traumática é uma consequência do rompimento do escudo protetor cuja angústia, e seu superinvestimento dos sistemas receptores, é a última linha de defesa contra essa força traumática. Já que esse superinvestimento pode preparar o sistema para a recepção da estimulação, em sua ausência o sistema não consegue se preparar. Dessa forma, Freud aproxima a angústia e os sonhos dos neuróticos de guerra, que os levavam de volta à situação original. Sonhos esses que não podem estar escritos sob o funcionamento do princípio do prazer, mas que agem com outro objetivo. Um objetivo que precisa ser cumprido para que a regência do princípio do prazer possa operar. Diz Freud:

Esses sonhos procuram recuperar o controle dos estímulos mediante o desenvolvimento de angústia, desenvolvimento cuja não ocorrência se tornou a causa da neurose traumática. Eles nos dão assim uma perspectiva a respeito de *uma função do aparelho psíquico que, sem contradizer o princípio de prazer, é no entanto independente dele e parece ser mais primordial que o propósito do ganho de prazer e da evitação do desprazer* (Freud, 1920, p. 56 — grifo nosso).

Esses sonhos que se relacionam com algo anterior ao princípio do prazer, não podem ser escritos pelo modelo evacuativo prazer-desprazer, *eles obedecem antes à compulsão à repetição* (ibid., p.57). Assim, a função realizadora dos desejos do sonho só pode iniciar depois que a vida psíquica tenha aceitado o princípio do prazer. Ou seja, essa não é a função original e primária.

No capítulo cinco do *Além do princípio do prazer*, Freud retoma a argumentação a partir da ideia de que o organismo não possui uma barreira protetora contra as excitações internas. E a forma mais abundante dessa estimulação são as pulsões do organismo. Freud as apresenta como: *os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica* (Freud, 1920, p. 45).

Freud propõe que as emoções originadas pelas pulsões obedecem ao processo primário, elas pressionam visando a descarga. Nesse sentido, Garcia-Rosa (2004) esclarece que o aparelho psíquico atua de formas diferentes em cada parte do sistema. Sobre a energia móvel quem está em atuação é o processo primário, que opera no inconsciente. Já no caso da energia vinculada, quem atua é o processo secundário. Do ponto de vista econômico, o processo primário caracteriza um modo de funcionamento no qual a energia escoava livremente para a descarga, da maneira mais rápida e direta. Já o processo secundário caracteriza um modo de funcionamento no qual a energia não é livre, ela está ligada e seu escoamento é impedido ou retardado.

Cabe então aos estratos superiores do aparelho sujeitar as excitações pulsionais que atingem o processo primário. Se estes fracassarem, pode surgir um distúrbio semelhante à neurose traumática, e somente após o sucesso dessa empreitada que se torna possível a dominância do princípio do prazer. Essa tarefa de sujeitar as excitações tem precedência sobre o princípio do prazer, mas ela não se opõe a ele, ela simplesmente o despreza (Freud, 1920).

Por meio da brincadeira infantil e da transferência, Freud indica o caráter pulsional e demoníaco da compulsão à repetição. Este último se manifesta quando ela atenta contra a soberania do princípio do prazer. Na brincadeira infantil, a criança repete as experiências desagradáveis buscando dominar uma impressão poderosa de forma ativa, algo que não seria capaz de ser realizado apenas na experimentação passiva, esse movimento da criança pode, em alguns casos, causar prazer, indicando que a repetição pode ou não ocorrer sobre o princípio do prazer. Mas na transferência que ocorre na clínica, o paciente repete situações de sua vida infantil que não podem alcançar o prazer, se colocando *de todos os modos acima do princípio do prazer* (ibid., p.61). Os traços repetidos pelo paciente demonstram que eles não estão em um estado de vinculação, incapazes de obedecer ao processo secundário.

Freud relaciona a compulsão à repetição com a pulsão. Esta relação indica um atributo universal da pulsão e da vida orgânica. A relação entre a pulsão e a compulsão à repetição se evidencia na nova definição de pulsão de Freud, segundo ele:

Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (Freud, 1920, p.47).

Essa nova definição da pulsão muda o caráter deste conceito. A pulsão até então era vista como um motor de mudança e de desenvolvimento, mas agora ela ganha um caráter conservador:

Essa concepção do impulso soa estranha, pois nos acostumamos a ver nele o fator que impele à modificação e ao desenvolvimento, e agora devemos reconhecer nele precisamente o oposto, a expressão da natureza conservadora do que é vivo (ibid., p. 62).

Podemos salientar que Freud está indicando que essa tendência é um atributo universal da vida. Seu argumento, que iniciou com a neurose de guerra, passando pelo jogo infantil e pela transferência, agora alcança o comportamento migratória dos peixes e das aves. Não só a clínica o sustenta, mas a biologia e a embriologia. Desse modo, ele pode afirmar uma compulsão orgânica à repetição.

Dizem que o mesmo vale para os voos migratórios das aves de arribação, mas somos dispensados de buscar outros exemplos pela advertência de que nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia temos as maiores provas a favor da compulsão orgânica à repetição (ibid., p.62).

Continuando sua especulação, Freud propõe que *todos os impulsos querem restabelecer coisas anteriores* (ibid., p.63). Dessa forma, se as pulsões são conservadoras, não seria um desejo inerente da substância mudar. Mas o organismo ainda se desenvolve, se adapta, tal como a vesícula viva. Esse desenvolvimento é o resultado da ação do ambiente sobre o organismo, um ambiente que perturba e desvia essa tendência original. Sem a influência externa, a vida seguiria sempre o mesmo curso. Essas mudanças são, então, guardadas pelas pulsões conservadoras e armazenadas para futuras repetições, uma forma de alcançar a antiga meta, mas por novos caminhos. Mas se o objetivo é retornar para um estado anterior, é preciso que a matéria viva tenha passado por ele em algum momento. E como toda e qualquer evolução é um resultado de um desvio forçado pelo ambiente, este estado também deve ser o mais primitivo possível. E já que tudo o que vive,

morre, retorna ao inorgânico por razões internas, Freud conclui que: *meta de toda vida é a morte e, retrocedendo, que o inanimado estava aí antes das coisas vivas* (ibid., p.64).

Devido à tensão gerada pela animação da matéria, esta buscou se equilibrar. Eis a primeira pulsão, o retorno ao inanimado. Tarefa que a substância recém-animada executava com facilidade, era curto o seu caminho em direção à morte. E esse foi o estado das coisas por um longo período. Mas em um determinado momento, a força do ambiente perturbou a substância viva e desviou o seu caminho de retorno. Esses desvios obrigaram a substância viva a percorrer caminhos mais complicados em direção à morte. Caminhos esses mantidos pelos impulsos conservadores, que configuram *o quadro dos fenômenos da vida* (ibid., p.64).

Freud se depara com a árdua tarefa de argumentar como a pulsão de autoconservação poderia estar a serviço da morte. Então, ele descreve a função dessa pulsão: *são impulsos parciais, destinados a assegurar o caminho próprio do organismo rumo à morte e manter à distância outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não as iminentes* (ibid., p.65). Por outras possibilidades, só podemos compreender que se trata dos desvios, e das perturbações, que o organismo sofreu devido à força da estimulação exógena. Ou seja, há nesse organismo uma forma constitucional de retorno, assim como um esforço para que nada atrapalhe esse movimento. Assim, o organismo pode morrer à sua maneira, e conta com os guardiões da vida e serviços da morte para isso.

Mas Freud ainda não consegue atribuir a compulsão à repetição às pulsões sexuais, ele ainda não encontra qual elemento está sendo repetido na sua tentativa de prolongar a vida, por meio da união de células germinais distintas. O que traz um grande problema: se a compulsão à repetição não poder ser aplicada às pulsões sexuais, o entendimento de que a pulsão é uma força que busca restaurar um estado anterior deveria ser descartada. Se isso se concretizasse, o novo dualismo perderia seu sentido e não poderia ser atribuída uma base pulsional à compulsão à repetição.

Freud, então, recorre à biologia para ver se algo nela pode negar a sua hipótese: aquilo que vive morre por razões internas. Ele aponta que foi realizado um estudo experimental em organismos unicelulares, para avaliar a suposta imortalidade da substância viva. Woodruff, um biólogo americano, realizou experimentos com um infusório ciliado, o animálico deslizador, que se reproduz por fissão em dois novos indivíduos, persistindo até a 3 029ª geração, quando o experimento foi encerrado. O último descendente era tão vivaz quanto o primeiro. Esse experimento indicaria justamente o

contrário do que Freud tinha hipotetizado, não haveria então sinal de que os organismos morrem por causas internas.

Porém, Freud descobriu que outros experimentos chegaram a conclusões diferentes. Maupas e Calkins e outros descobriram que, após uma certa quantidade de gerações, os infusórios se tornavam mais débeis, diminuíram de tamanho, perdiam algo de sua organização e chegavam a morrer. Isso poderia ser evitado se algumas medidas recuperadoras fossem aplicadas. Quando isso ocorria, os protozoários pareciam morrer, após uma fase de senescência, tal como os animais superiores.

Desses experimentos, Freud destaca dois pontos que legitimam seu modelo. O primeiro, se dois animálculos antes de apresentarem sinais de senescência pudessem coalescer um com o outro, eles rejuvenesceriam. A conjugação é antecessora da reprodução sexual. Em segundo lugar, provavelmente os infusórios morram de morte natural como resultado de seus processos vitais. A diferença do resultado no experimento de Woodruff, foi devido ao fato dele prover a cada geração um nutriente novo. Sem esses nutrientes os animálculos eram prejudicados pelos produtos do seu metabolismo. Então eram seus próprios produtos que tinham resultados fatais para eles. Ou seja, eles morriam por causas internas (Freud,1920).

Já que *nossa expectativa de que a biologia eliminasse completamente o reconhecimento dos impulsos de morte não se cumpriu* (ibid., p.76), Freud prossegue com sua argumentação e encontra a fisiologia de Herinch, assim, ele propõe que existem dois processos constantes na substância viva agindo em direções contrárias: um sendo construtivo ou assimilatório, e o outro, destrutivo ou dissimulatório. E Freud vê nesses processos uma possibilidade de aproximação com sua teoria pulsional, ele se pergunta: *Ousaremos reconhecer nessas duas direções dos processos vitais a atividade de nossas duas moções de impulso, os impulsos de vida e de morte?* (ibid., p.77).

Mas antes de responder a essa indagação, é preciso avançar mais um passo. Para tal, Freud recorre à citologia, e a concepção de que a união de uma série de células numa associação vital se tornou o meio de prolongar a vida. Uma célula ajuda a conservar a vida da outra, e a comunidade de células pode viver, mesmo que as células individuais tenham de morrer. Tal como ocorre na união de seres unicelulares, que rejuvenescem em sua cópula, experimentando um efeito conservador da vida.

Aplicando a essas últimas constatações sua teoria da libido, Freud supõe que os instintos de vida de cada célula tomam outras células como objeto, neutralizando parcialmente os instintos de morte. Já as células germinais se comportam de maneira

narcisista, elas guardam sua libido para usá-la quando uma fusão com outra célula ocorrer, e, assim, gerar um novo indivíduo. Então Freud conclui que *a libido de nossos impulsos sexuais coincidiria com o eros dos poetas e filósofos, que mantém coeso tudo o que é vivo* (ibid., p.78).

Dada essa nova concepção da libido, Freud retoma todo o desenvolvimento de sua teoria anterior e aponta os limites que lhe obrigaram a fazer todo esse movimento reflexivo. A primeira dualidade pulsional (entre as pulsões sexuais e de autoconservação) teve de ser revista, já pelo estudo do narcisismo, o Eu deixou de ser apenas o órgão repressor e passou a ser o verdadeiro e original reservatório da libido. Essa libido era também uma manifestação da força da pulsão sexual e precisava ser identificada com as pulsões do Eu. Um impulso sexual entendido como Eros, que tudo mantém. Por isso, a oposição da primeira dualidade pulsional, entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, se tornou inadequada.

Mas, com a queda da antiga dualidade, uma nova dualidade pulsional surge entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Freud a introduz por meio da polaridade que há no amor objetual. De um lado há o amor (afeição) e de outro há o ódio (agressividade). Desde o início, o pensamento psicanalítico identificou um componente sádico na pulsão sexual. Esse componente pode tornar-se independente e dominar toda a atividade sexual de uma pessoa. Ele não pode surgir de Eros, pois seu objetivo é danificar o objeto e não conservar a vida. Esse componente tem de vir de outro lugar, *não se torna evidente aí a hipótese de que esse sadismo é na verdade um impulso de morte que foi afastado do eu por influência da libido narcísica, de maneira que só aparece na relação com o objeto?* (ibid., p.82).

Quanto às pulsões sexuais conservadoras da vida, Freud (1920) retoma o experimento com os protistas e reafirma que a cópula e outros estímulos têm efeito rejuvenescedor sobre eles. Mas ainda resta a dúvida sobre o porquê disso ocorrer. Esse efeito se dá justamente pelo acréscimo de estímulos, pois a união com a substância viva aumenta as tensões, introduzindo novas diferenças vitais que devem ser vividas. Se o organismo tem a tendência de reduzir ou manter constante a tensão, todo estímulo obriga o organismo a um novo movimento de eliminação, o que acaba por prolongar a vida. É justamente essa tendência para o princípio do nirvana (aqui ainda entendido como o princípio do prazer), o movimento de eliminar essas tensões, que fortalece a concepção de Freud quanto à existência da pulsão de morte.

Quanto à dificuldade de aplicar à compulsão à repetição as pulsões sexuais, após recorrer à biologia, Freud usa da filosofia para exemplificar sua hipótese. Ele encontra os escritos de Platão, falado por Aristófanes no *Symposium*. Nessa fala, há tanto a origem do instinto sexual, quanto as suas variações em relação ao objeto. Platão escreve que a natureza humana diferiria da que se tem hoje. Os sexos eram três: o homem, a mulher e a união dos dois. Nesses homens primitivos, tudo era duplo, até que Zeus decidiu contá-los em dois. Após feita a divisão, as duas partes do homem desejam a sua metade, então reuniram-se e lançaram os braços em torno da outra metade buscando, de alguma forma, se fundir. Dessa proposta filosófica, Freud abstrai um modelo que serve a sua hipótese. A substância vida, devida a sua animação, fora dividida em pequenas partículas, que se esforçam para se reunir por meio das pulsões sexuais.

Freud deixa claro a posição ocupada por suas hipóteses propostas no *Além do princípio do prazer*. Segundo ele:

Pode-se perguntar se, e até onde, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nestas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido e que não procuro persuadir outras pessoas a nelas acreditar, ou, mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito. Não há razão, segundo me parece, para que o fator emocional da convicção tenha, de algum modo, de entrar nessa questão. É certamente possível que nos lancemos por uma linha de pensamento e que a sigamos aonde quer que ela leve, por simples curiosidade científica, ou, se o leitor preferir, como um *advocatus diaboli*, que não se acha, por essa razão, vendido ao demônio. Não discuto o fato de que o terceiro passo pela teoria dos instintos, por mim dado aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo... É verdade que minha afirmativa do caráter regressivo dos instintos também se apoia em material observado, ou seja, nos fatos da compulsão à repetição. Pode ser, contudo, que eu tenha superestimado sua significação (Freud, 1920, p. 69).

Essa citação evidencia, de forma clara, que neste primeiro momento, o terceiro passo de Freud, a expansão da teoria pulsional, a nova dualidade, ainda era apenas uma hipótese. Um pensamento reflexivo, baseado nas observações de Freud, mas que ainda estava longe de ser considerado por ele um avanço decisivo, certo e marcante da teoria psicanalítica.

Concluindo o *Além do princípio do prazer*, Freud afirma que há nas pulsões uma tendência em restaurar um estado anterior e muitos processos psíquicos podem ocorrer de forma independente do princípio do prazer. Essa tendência seria comum a todas as pulsões e visaria retornar a uma fase específica do desenvolvimento. Sobre esses fatores o princípio do prazer não tem qualquer controle.

Uma das mais importantes funções do aparelho psíquico é a de sujeitar os impulsos pulsionais que se chocam com ele, substituir o processo primário que predomina nesses impulsos pelo processo secundário e converter a energia catéxica livremente móvel em um catexia quiescente. Nesse movimento, nenhuma atenção é dada ao desenvolvimento do desprazer, mas isso não quer dizer que o princípio do prazer fora suspenso. Essa transformação ocorre em seu favor, a sujeição dos impulsos é um ato preparatório que introduz e assegura a dominância do princípio do prazer.

O princípio do prazer é uma tendência que age a favor de uma função, liberar o aparelho psíquico das excitações, e conservar a quantidade de excitação constante nele ou mantê-la o mais baixa possível. Essa função se relaciona de alguma maneira com o esforço fundamental da substância viva, o retorna à tranquilidade do mundo inorgânico (Freud, 1920).

Por fim, Freud (1920) salienta que as pulsões de vida têm mais contato com a percepção interna, se manifestando como rompedores da paz e produzindo tensões, cujo alívio é sentido como prazer. Por outro lado, as pulsões de morte fazem seu trabalho de forma mais discreta. O princípio do prazer parece servir às pulsões de morte. Ele mantém a guarda sobre os estímulos oriundos do mundo externo, mas se acha mais voltado para a guarda dos estímulos internos.

Garcia-Roza (2000), ao analisar a introdução da nova dualidade pulsional no *Além do princípio do prazer*, entende que a tendência de toda substância viva de retornar ao estado inorgânico é identificada por Freud com a pulsão de morte, enquanto o esforço para que esse objetivo se cumpra de forma natural é denominado pulsão de vida. Dessa forma, o objetivo da pulsão de vida é regular o caminho para a morte. As pulsões sexuais e de autoconservação são pulsões de vida, pois as pulsões sexuais garantem a mesmice do organismo e as pulsões de autoconservação garantem a normalidade do caminho para a morte. Eis o novo dualismo pulsional entre as pulsões de vida versus as pulsões de morte.

1.2 A teorização de Freud depois de 1920

1.2.3 *O Eu e o Id*

Três anos após a publicação do *Além do princípio do prazer*, Freud publica o *Ego e o Id*, retomando as discussões iniciadas em sua especulação. Contudo, diferente da publicação anterior, Freud vai se basear mais em suas observações clínicas do que no

modelo biológico. Nessa publicação, fica evidente o impacto que a virada de 1920 teve na psicanálise. Não só a dualidade pulsional teve de ser revista, mas uma nova topográfica do aparelho psíquico foi proposta.

Freud inicia a publicação de 1923 retomando alguns pontos essenciais desenvolvidos anteriormente. O entendimento quanto ao consciente e inconsciente é o primeiro e mais importante desses pontos, pois uma das coisas que não se pode perder ao pensar em psicanálise é que a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é a premissa que sustenta toda a teoria e a prática. Ou seja, a essência do psíquico não está na consciência. Esta é apenas uma qualidade do psíquico, que pode se manifestar ou se ausentar.

Devido às reflexões sobre o conceito de narcisismo e alguns elementos encontrados na clínica, Freud teve que rever sua topologia, pois a simplificação que indicava que o conflito psíquico, encontrado na clínica, se dava entre o consciente e o inconsciente não era suficiente para explicar as novas descobertas, principalmente aquelas ligadas ao Eu. O Eu, essa organização coerente dos processos psíquicos, se liga à consciência e domina os acessos à motilidade. *Ele é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos* (Freud, p.14).

Mas Freud também identificou ser do Eu que partem as repressões sobre certas tendências, fazendo com que elas sejam excluídas da consciência. Por outro lado, o reprimido se opõe ao Eu, ele busca retirar as suas resistências. Mas o paciente nada sabe sobre isso, ou seja, há no Eu um elemento inconsciente. Ele conclui:

Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente (ibid., p.15).

Uma mudança de compreensão é então proposta sobre as relações estruturais da vida psíquica: a oposição se dá entre o Eu coerente e o reprimido que se separou dele.

Para desenvolver a ideia do Eu, Freud recorre aos pensamentos de Georg Groddeck. Ele então dá o primeiro passo formal para desenvolver dois dos três termos de sua nova topografia, nas palavras dele: *Eu a entidade que parte do sistema Pcp e é inicialmente pcs, e de Id, segundo o uso de Groddeck, a outra parte da psique, na qual ela prossegue, e que se comporta como ics* (ibid., p.21).

O Eu se forma a partir da superfície do Id, tendo o seu núcleo o sistema Pct. Explicando graficamente, o Eu não envolve inteiramente o Id, apenas à medida que o sistema Pcp forma sua superfície. O polo inferior do Eu se liga ao Id.

O Eu se esforça para lançar sobre o Id as influências do mundo externo. Ele busca colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que no Id rege irrestritamente. A percepção tem no Eu a mesma função que a pulsão tem para o Id. Freud propõe uma generalização com taxa de erro. O Eu representaria aquilo que é chamado razão e ponderamento, que se opõe ao Id, o receptáculo das paixões.

Há no Eu uma importância funcional, o controle dos acessos à motilidade. Sua relação com o Id, nesse sentido, é explicada por Freud tal como a relação de um cavaleiro que tem de pôr freios à força superior do cavalo. Contudo, o cavaleiro o faz com suas próprias forças, mas o Eu necessita de forças emprestadas. Por outro lado, até mesmo o mais forte dos cavaleiros às vezes precisa submeter às vontades de sua montaria, para que não se separe dela. O mesmo faz o Eu, ele *costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria* (ibid., p. 23).

O Eu vai além da ideia de ser uma parte do Id modificada ou o representante do mundo externo no psiquismo. Ele possui *uma diferenciação em seu interior que pode ser chamada de “ideal do Eu” ou Super-eu* (ibid., p. 25). Essa parcela do Eu tem uma relação ainda menos estreita com a consciência. Assim, Freud introduz o último termo de sua segunda tópica.

Freud usa do estudo da melancolia para discutir sua ideia do Supereu, retomando alguns elementos do *Luto e melancolia*, de 1917. Neste artigo, ele discute, por meio da diferença da reação à perda do objeto, a importância da identificação com o objeto e suas modificações no Eu. A perda do objeto na melancolia gera uma cisão do Eu, pois o objeto fora primeiramente introjetado como parte do Eu, por meio da identificação. Nesse Eu cindido uma parte se contrapõe à outra, avaliando-a criticamente, como se esta fosse um objeto. Essa instância crítica demonstra uma autonomia sobre as outras.

Nossa desconfiança de que o agente crítico, que aqui se separa do ego, talvez também revele sua independência em outras circunstâncias, será confirmada ao longo de toda a observação ulterior. Realmente, encontraremos fundamentos para distinguir esse agente do restante do ego. Aqui, estamos nos familiarizando com o agente comumente denominado ‘consciência’; vamos incluí-lo, juntamente com a censura da consciência e do teste da realidade, entre as principais instituições do ego, e poderemos provar que ela pode ficar doente por sua própria causa (Freud, 1917, p.280).

Essa introdução do agente crítico já identifica uma questão sádica no Supereu que, como veremos, se relaciona com a pulsão de morte.

Retornando ao *Eu e o Id*, Freud (1923), por meio da substituição do investimento objetal pela identificação no Eu, afirma que essa substituição participa na configuração do Eu e contribui essencialmente na formação de seu caráter. Quando um objeto sexual tem de ser abandonado, sobrevém no Eu uma alteração. O objeto abandonado se estabelece no Eu, tal como ocorre na melancolia. Esse processo é um tanto quanto frequente na vida do indivíduo e possibilita o entendimento de que *o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados* (ibid., p. 26).

É por meio da identificação que ocorre no Eu que se pode alcançar a origem do ideal do Eu. Nele se esconde a primeira e mais significativa identificação, a identificação com o pai da pré-história individual. Ela não é resultado de qualquer investimento objetal. Ela é uma identificação direta, imediata, anterior a qualquer investimento objetal. As escolhas de objetos relativos a pai e mãe parecem resultar em tal identificação e reforçam a identificação primária. Essas relações são complexas, por se relacionarem com a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional.

Essa alteração no Eu, que ocorre no complexo de Édipo, assume uma posição especial diante dos outros conteúdos do Eu, *surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu* (ibid., p.31). Mas Freud adverte que o Supereu é mais que os resíduos das primeiras escolhas objetais do Id, da mesma forma ele possui o sentido de uma forte formação reativa ao resíduo que o formou. Sua relação com o Eu não se limita à advertência de que ele deve ser como o pai, ele também proíbe o Eu, pois este não pode ser como o pai. Algumas coisas são reservadas apenas para ele.

A repressão do complexo de Édipo não é uma tarefa simples. Como os pais foram vistos como obstáculos para a realização do desejo, o Eu teve de se fortalecer para efetuar a repressão e estabeleceu o mesmo obstáculo dentro de si. Ele tomou a força do pai emprestado para realizar essa empreitada, mas, como consequência desse empréstimo, o Supereu conservou o caráter do pai. Isso faz com que quanto mais forte foi o complexo de Édipo, mais rapidamente ocorreu sua repressão e mais severo é o domínio do Supereu sobre o Eu. Domínio que se manifesta na forma de consciência moral, talvez como um sentimento inconsciente de culpa.

O ideal do Eu é *herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id* (ibid., p.33). Quando ele se estabelece, o Eu se torna senhor do complexo de Édipo, mas, ao mesmo tempo, se

submete ao Id, já que, enquanto o Eu é o representante do mundo externo, o Supereu o confronta, tal como um advogado do mundo interno, do Id. Em última instância, esse conflito reflete a oposição entre a realidade e o psíquico.

No quarto capítulo do *Ego e o Id*, Freud lança mão das hipóteses desenvolvidas no *Além do princípio do prazer*. Ou seja, aquilo que fora apresentado apenas como uma ideia hipotética se torna fundamento para seu pensamento. Ele retorna à dualidade entre as pulsões de vida e morte. Cabe destacar que os pontos revisitados por Freud foram: Eros abrange as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação; o sadismo é um representante da pulsão de morte; as pulsões de vida tem como objetivo, por meio de uma agregação cada vez mais ampla da substância viva, tonar a vida mais complexa e, nesse movimento, ela a conserva. Já a pulsão de morte busca reconduzir o vivente ao estado inanimado.

Ambas as pulsões se comportam de maneira conservadora, se empenhando em restabelecer um estado perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida é a causa da continuação da vida e da aspiração pela morte. A vida é a luta e o compromisso entre essas duas tendências, de forma que o *propósito da vida seria respondido de forma dualista* (ibid., p. 37). Em cada uma das pulsões, está ligado um processo fisiológico, assimilação e desassimilação. Em cada mínimo fragmento da substância, estão ativas as duas tendências em uma mistura desigual.

As duas tendências, Eros e a pulsão de morte, se misturam e amalgamam uma com a outra. Para Green (1986), essa condição é fundamental para o entendimento da pulsão de morte freudiana, pois é impossível dizer algo sobre a pulsão de morte sem se referir ao seu oposto, pois a pulsão de vida e a pulsão de morte formam um par conceitual indissociável. Freud recorre à especulação biológica do *Além do princípio do prazer* para demonstrar essa união, isso porque, por meio da união dos organismos unicelulares em formas pluricelulares, é possível a neutralização da pulsão de morte, desviado-a para o mundo externo. Assim, a pulsão de morte pode se manifestar *como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida* (Freud, 1924, p. 38).

Se as duas pulsões podem se mesclar, é aceitável que também possa ocorrer uma disjunção dessas pulsões. O elemento sádico da pulsão sexual é um exemplo dessa mescla adequada a um fim. O sadismo independente, na forma de perversão, é um modelo de uma disjunção que não foi levada ao extremo. Então a pulsão de destruição é posta a serviço de Eros para realizar a descarga. O entendimento quanto à possibilidade de uma disjunção pulsional expande a possibilidade de entendimento de inúmeros elementos na teoria psicanalítica. As neuroses obsessivas, por exemplo, chamam a atenção devido à disjunção

pulsional e a proeminência da pulsão de morte. A regressão libidinal também se baseia em uma disjunção pulsional. Ou seja, a disjunção pulsional está diretamente relacionada com os fenômenos patológicos.

Mesmo depois de toda essa argumentação sobre a nova dualidade pulsional, Freud ainda apresenta algumas dúvidas sobre sua validade e, para buscar examiná-la, recorre aos seus achados clínicos, iniciando pela polaridade amor e ódio:

É certo que não há dúvida em relação ao princípio do prazer, [e] a organização do Eu tem justificação clínica, mas a distinção das duas espécies de instintos não parece bastante assegurada, e é possível que fatos da análise clínica liquidem tal pretensão (ibid., p.39).

Freud, então, discute sobre a possibilidade de transformação do amor em ódio, que ocorre na paranoia, e do ódio em amor, que ocorre na homossexualidade. Freud identifica a polaridade amor e ódio respectivamente com a pulsão de vida e a pulsão de morte: *Para a oposição entre as duas espécies de instintos podemos introduzir a polaridade de amor e ódio* (ibid., p. 39). Mas a dualidade entre as pulsões de vida e as pulsões de morte define que essas tendências caminham para direções diametralmente opostas. Contudo, se o amor pode se transformar em ódio, e o ódio pode se transformar em amor, *perde-se completamente a base para uma distinção fundamental* (Freud, 1923, p. 40). Assim, Freud demonstra que na paranoia a ambivalência já estava presente, e no caso da homossexualidade, a tendência agressiva do menino para com o pai tem sua satisfação impossibilitada, mas ainda há a necessidade de que alguma satisfação seja alcançada. Por isso, a agressividade se torna uma atitude afetuosa. Dessa forma, o pai da psicanálise conclui que nesse polo afetivo não há a possibilidade de conversão, e esta *seria incompatível com a diferença qualitativa das duas espécies de instintos* (ibid., p.41).

A discussão quanto à transformação do amor em ódio (e vice-versa) suscitou outra hipótese em jogo na trama pulsional, *tenho apenas uma hipótese a oferecer, não uma prova. Parece plausível que essa energia operante no Eu e no Id, deslocável e indiferente, provenha da reserva de libido narcísica, seja Eros dessexualizado* (Freud, 1923, p.42). Essa energia é deslocável e indiferente, ela se junta à pulsão de vida ou de morte e eleva o investimento total dessa pulsão.

Essa energia deslocável é libido dessexualizada, também pode ser descrita como energia sublimada, pois mantém o intento do Eros de unir e ligar, contribuindo para o esforço pela formação de unidade que caracteriza o Eu. Essa sublimação ocorre por

intermédio do Eu. Quando o Eu lida com os primeiros investimentos objetais do Id, ele acolhe em si a libido desses objetos e a liga às mudanças do Eu, produzidas pela identificação. Nesse movimento de acolhimento, ocorre um abandono dos objetivos sexuais.

As novas considerações de Freud apontam para um desenvolvimento na teoria do narcisismo. No início, toda a libido está acumulada no Id. O Id envia parte dessa libido para os investimentos objetais eróticos e, por meio disso, o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetal e se impor como objeto de amor ao Id. Ou seja, o narcisismo do Eu é o narcisismo secundário.

Na montagem desse argumento de Freud, as pulsões de vida ganham destaque. Tamanho destaque que o vienense se apressou em lembrar ao leitor de que, pelas considerações feitas no *Além do princípio do prazer* e pelo elemento sádico presente em Eros, ainda é possível afirmar sua concepção dualista fundamental. Mas a dificuldade de apresentar a pulsão de morte vem diretamente de uma característica dessa pulsão, pois *os instintos de morte são mudos essencialmente, e de que o fragor da vida parte geralmente de Eros* (ibid., p. 44).

O princípio do prazer e o Id se colocam contra o Eros. Por outro lado, o princípio da constância se relaciona diretamente com as pulsões de vida:

Se, conforme Fechner, o princípio da constância governa a vida, que seria uma descensão na morte, são as exigências de Eros, dos instintos sexuais, que, enquanto necessidades instintuais, impedem a diminuição do nível e introduzem novas tensões” (Freud, 1923, p.44).

Neste ponto, Freud indica uma separação entre o princípio do prazer e o princípio da constância. Retornaremos essa discussão ao analisarmos o desenvolvimento dessa perspectiva de Freud no *Problema econômico do masoquismo*, de 1924.

Ao introduzirmos os fenômenos centrais para o desenvolvimento do conceito de pulsão de morte, dissemos que a reação terapêutica negativa era um desses fenômenos. Entretanto, seu entendimento na nova dualidade pulsional não foi trabalhada no *Além do princípio do prazer*; porém esse fenômeno ganhou destaque no desenvolvimento do *Ego e o Id*.

Freud destaca sua observação desse fenômeno nos seus pacientes:

Quando lhes é dada esperança e mostrada satisfação com a marcha do tratamento, parecem insatisfeitas e geralmente pioram seu estado. [...]. Toda solução parcial, que deveria trazer — e traz em outros — uma melhora ou

suspensão temporária dos sintomas, nelas provoca um momentâneo exacerbar do sofrimento, elas ficam piores durante o tratamento, em vez de melhorar. Mostram a chamada reação terapêutica negativa (Freud, 1923, p.61).

Na reação terapêutica negativa, algo se opõe à melhora, como se receasse a aproximação da cura, tendo-a como perigosa. Nesses casos, o que prevalece não é a vontade da cura, mas a necessidade da doença. Um fator ganha predominância na reação terapêutica negativa, o fator moral. Um sentimento de culpa que se satisfaz no fato de estar doente, e que de nenhuma forma deseja abrir mão do castigo de sofrer. Esse sentimento de culpa se mantém mudo para com o doente, não acusa que ele é culpado, apenas doente. Freud propõe que esse comportamento do ideal do Eu é o que determina a gravidade da neurose.

A articulação de Freud da reação terapêutica negativa com o sentimento inconsciente de culpa e o Supereu marca um ponto central na virada teórica e clínica, iniciada no *Além do princípio do prazer*. Mezan firma:

Freud vinculou a reação terapêutica negativa ao sentimento inconsciente de culpa, e da teorização deste sentimento resultou a invenção do superego; esta por sua vez, abriu caminhos para a reformulação da tópica, trazendo como consequência a ruptura da bela correspondência entre metapsicologia e procedimentos terapêuticos (interpretação) que havia vigorado na época da primeira tópica. (Mezan, 1996, p.32)

A relação do sentimento inconsciente de culpa e o Supereu é analisada por Freud por meio de sua experiência clínica, principalmente nos casos de neurose obsessiva e melancolia. Na neurose obsessiva, o sentimento de culpa é forte, mas não consegue se justificar diante do Eu. Isso faz com que o Eu do paciente se indigne com a imputação de culpa, ele solicita ao analista que o fortaleça na rejeição desse sentimento. Neste caso, o Supereu foi influenciado por processos inconscientes para o Eu, como se o Supereu soubesse mais sobre o Id do que o Eu.

Na melancolia, o Supereu arrebatava a consciência com mais violência. Mas o Eu não reclama, ele se admite culpado e se sujeita ao castigo. Ou seja, na neurose obsessiva os impulsos permaneceram fora do Eu; já na melancolia, o objeto que levanta o furor do Supereu foi acolhido pelo Eu, por meio da identificação.

Na melancolia, o Supereu arrebatava a consciência e se lança implacavelmente contra o Eu, como se ele tivesse tomado para si todo o sadismo disponível. Ou seja, o elemento destrutivo se instalou no Supereu e se voltou contra o Eu. Nesse momento, o que reina é a mais pura expressão da pulsão de morte, que pode realmente guiar o Eu à morte caso ele não se defenda a tempo, por meio da conversão em mania.

Na neurose obsessiva, a regressão à organização pré-genital possibilitou que os impulsos amorosos passem por uma conversão em impulsos agressivos contra o objeto. A pulsão de morte se torna livre e deseja destruir o objeto. Mas o Eu não aderiu a essas tendências. Ele se opõe, lançando mão de formações reativas e medidas de precaução, fazendo com que as tendências permaneçam no Id. Porém, o Supereu responsabiliza o Eu por elas. Perdido, o Eu se defende em vão das instigações do Id e da repreensão do ideal. Tudo que o Eu pode fazer é inibir as ações mais grosseiras de ambos os lados, resultando em um infundável autotortimento e, posteriormente, um tortimento sistemático do objeto.

Freud reafirma que a pulsão de morte, tida como perigosa por ele, se acha de várias maneiras no indivíduo:

Os perigosos instintos de morte são tratados de várias maneiras no indivíduo, em parte são tornados inofensivos pela mistura com componentes eróticos, em parte são desviados para fora como agressão, e em larga medida prosseguem desimpedidos o seu trabalho interior (ibid., p.51).

Surge uma questão fundamental: é preciso entender como o Supereu pode se tornar um local de reunião das pulsões de morte na melancolia.

No que diz respeito à restrição pulsional da moralidade, o Id é completamente amoral. O Eu se esforça em ser moral. O Supereu pode ser hipermoral e se tornar tão cruel quanto o Id pode ser. Quanto maior é o esforço do indivíduo de restringir sua agressividade ao mundo exterior, mais severo e agressivo se torna seu ideal do Eu para com o Eu. É como um deslocamento, uma volta dessa agressividade contra o próprio Eu. Acreditamos que essa foi uma conclusão lógica encontrada por Freud ao escrever pulsão de morte no modelo tensional, pois, como ela também busca ser satisfeita, mas foi impedida de avançar sobre o mundo exterior, só resta atacar as unidades internas.

Freud (1923) ainda precisa de mais um passo para descrever como a pulsão de morte pode se estabelecer de forma tão violenta no Supereu e, para tal, recorre à gênese deste e à disjunção pulsional que a acompanha. O Supereu nasceu da identificação com o modelo paterno e, como toda a identificação, tem um caráter de uma dessexualização ou sublimação. O mesmo ocorre sob a forma de uma disjunção pulsional. Após a sublimação, o componente erótico não tem a força necessária para conter toda a destrutividade combinada a ele. Assim, a destrutividade é liberada na forma de uma tendência à agressividade e à destruição. *E dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso “Ter que”* (ibid., p.52).

Mas o Eu não se mantém imparcial quanto às duas espécies de pulsão. Através de seu trabalho de identificação e sublimação, ajuda as pulsões de morte a subjugarem a libido, mas, ao fazer isso, se arrisca a tornar-se objeto dessas pulsões. Para prestar auxílio a essas pulsões, ele tem de se encher de libido, o que o faz o representante de Eros, levando-o a querer viver e ser amado.

O trabalho de sublimação do Eu tem como consequência uma disjunção pulsional, e a liberação da pulsão de morte no Supereu, fazendo que o Eu se exponha ao perigo dos maus tratos e da morte. Quando o Eu sucumbe à agressão vinda do ideal, seu destino é tal como o dos protozoários que perecem devido aos produtos que eles mesmo criaram. Ele morre por razões internas.

1.2.2 O problema econômico do masoquismo

Dada a teorização de uma nova dualidade pulsional, alguns elementos presentes na teoria psicanalítica tiveram que ser revisados por Freud. Um desses elementos foi o masoquismo que, em 1924, recebeu um artigo intitulado *O problema econômico do masoquismo*.

O título do artigo já traz uma questão e já aponta o aspecto principal que serviu de guia para Freud. O masoquismo foi discutido sob a perspectiva econômica e há nele um problema suscitado e respondido por meio da introdução do conceito de pulsão de morte. Sob a ótica econômica, Freud (1924) chama “enigmático” haver um elemento masoquista na vida pulsional. Afinal, sob a regência do princípio do prazer, o masoquismo é incompreensível. Se a dor e o desprazer deixam de ser advertência e passam a ser objetivos em si mesmos, o princípio do prazer é paralisado.

Para a compreensão do masoquismo, é preciso primeiramente entender como o princípio do prazer se relaciona com as duas espécies de pulsão, a pulsão de morte e a pulsão de vida. Tal como a tendência à estabilidade de Fechner, o aparelho psíquico tem a intenção de reduzir a zero a quantidade de excitação ou, pelo menos, mantê-la a mais baixa possível. Freud afirma que por sugestão de Barbara Low nomeou essa tendência como princípio do Nirvana.

Ao aportar essa questão, Freud evidencia um elemento que ainda carecia de elucidação, pois, no *Além do princípio do prazer*, o princípio do Nirvana foi apresentado

como idêntico ao princípio do prazer, mas a ele foram atribuídas duas tendências incompatíveis: a tendência de eliminar as tensões e alcançar o inorgânico, e a tendência de manter o nível de excitação interna mínimo e constante. Tendências essas que marcam um retorno nos escritos de Freud de suas postulações escritas no *Projeto para uma psicologia científica*, podendo elas serem aproximadas do princípio da inércia e da constância, respectivamente. Além disso, a tendência de retorno ao zero é uma ação da pulsão de morte. Já a constância age para proteger as unidades interiores do efeito devastador do meio, uma ação da pulsão de vida. Por isso, Freud reconhece que *apressadamente identificamos o princípio de prazer-desprazer com este princípio do Nirvana*. (Ibid., p.166)

Para esclarecer essa questão, Freud retoma o que propusera no *Além do princípio do prazer*. O princípio do Nirvana (e o do prazer, ainda identificado a ele) estaria totalmente a serviço das pulsões de morte. Ele tem por objetivo conduzir a vida ao silêncio inorgânico, com a função de advertir contrariamente as exigências da pulsão de vida. Mas Freud afirma que essa concepção tão central até agora não pode estar correta, pois o aumento ou a diminuição dos montantes de estímulos são sentidos na série dos sentimentos de tensão, e há tensões prazerosas e distensões desprazerosas. Dessa forma, não se pode definir diretamente a sensação de prazer-desprazer apenas pelo aumento ou diminuição da tensão, embora ainda esteja relacionado. A premissa unicamente quantitativa já não responde a essa questão; esse fator está relacionado a uma característica qualitativa.

O princípio do Nirvana, pertencente à pulsão de morte, experienciou algo no ser vivo que o modificou e o tornou o princípio do prazer. Ou seja, Freud separa de vez esses dois princípios de funcionamento psíquico. A experiência que marcou essa transformação do princípio do Nirvana pode ser apenas a pulsão de vida, a libido, que conquistou sua parte nos processos vitais. Assim, pode-se concluir que:

O princípio do Nirvana expressa a tendência a da pulsão de morte; o princípio do prazer representa as exigências da libido, e a modificação do primeiro princípio, o princípio de realidade representa a influência do mundo externo (ibid. p.168).

Nenhum dos três princípios é realmente abandonado pelo outro, eles conseguem se tolerar. Embora possa ocorrer algum conflito entre eles, por suas metas serem diferentes. Uma busca a diminuição quantitativa da carga; o outro, um caráter qualitativo dela; e o terceiro, um adiamento da descarga e uma aceitação temporária da tensão.

Dada essa pequena explicação sobre essas tendências em atuação no psiquismo e sua relação com a pulsão, a análise do masoquismo se dá de forma mais clara. O

masoquismo pode ser dividido em três formas: o erógeno, o feminino e o moral. Freud retoma o que havia definido nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e afirma que o masoquismo erógeno diz respeito a uma condição imposta à excitação sexual. Mas essa explicação precisava ser revista sob a ótica da nova dualidade pulsional, o que acarretaria uma expansão do entendimento do masoquismo e de sua contraparte na vida pulsional, o sadismo.

A libido encontra nos seres vivos a pulsão de morte e tem por objetivo fazer com que essa tendência destruidora se torne inócua. Para isso, ela se desvia para os objetos do mundo externo. A pulsão de morte desviada passa a poder ser chamada *instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder* (Freud., 1924, p. 171). Mas uma parte da pulsão de morte é colocada a serviço da função sexual. É aí que se encontra o sadismo. Porém, uma parte da pulsão de morte não participa desse movimento para fora e, por meio da excitação sexual concomitante, se liga libidinalmente. Nesse ponto se encontra o masoquismo original erógeno. Esse processo de controle sobre a pulsão de morte se dá por uma certa mescla de proporções variáveis entre ela e Eros. De forma que não é possível encontrar um estado puro de pulsão de morte e nem de vida.

Ao definir o masoquismo erógeno a partir da ação das pulsões no interior do indivíduo, Freud indica algo sobre a sua percepção da dualidade pulsional, algo que já estava presente no *Além do princípio do prazer*: a constitucionalidade da ação pulsional e seu elemento biológico. Pois ele diz que o masoquismo erógeno possivelmente tem um *fundamento biológico e constitucional, e permanece incompreensível se não nos resolvemos a formular suposições acerca de pontos bastante obscuros* (ibid., p.68). Todo o fundamento apresentado é o movimento pulsional e nos parece ser esse os “pontos obscuros” que ganharam luz. Por essa ser uma ação mais simples e constitucional, ele se justifica como base das outras duas formas de masoquismo.

Freud indica o masoquismo erógeno como um processo primário e as duas outras formas de masoquismo são expressões dele. Mas, ao identificar o masoquismo como um processo primário, Freud altera a posição desse fenômeno dentro da sua teoria. No artigo *As pulsões e seus destinos*, Freud (1915) apontou que o masoquismo se dava através de um dos destinos da pulsão, a transformação em seu contrário. Nesse caso, o masoquismo seria uma mudança na finalidade do sadismo, a finalidade causar dor se tornaria receber dor, uma forma de retorno do sadismo ao Eu. Ou seja, o masoquismo era um processo secundário. Mas agora o sadismo se torna um desvio da tendência autodestrutiva, sendo

um entendido como um processo secundário, e a agressividade autodirigida como um processo primário.

Freud destaca que algumas formas de masoquismo podem ser conhecidas pelas fantasias dos pacientes. Em um determinado tipo de fantasia, fica claro que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena, desamparado e dependente, mas, principalmente, ele deseja ser tratado como uma criança mal comportada. Essa categoria de masoquismo coloca o indivíduo em uma posição que Freud define como tipicamente feminina, ou seja, ser castrado, possuído e dar à luz. Por essa razão, essa categoria de masoquismo foi nomeada feminino. O sentimento de culpa também está presente no conteúdo manifesto dessas fantasias, há na pessoa a suposição de ter infligido algo, cabendo-lhe expiar seus pecados usando desses meios dolorosos. Esse elemento de culpa do masoquismo já o relaciona com a terceira forma de masoquismo, o moral.

O masoquismo moral atenuou sua relação com a sexualidade. Nele o que importa é apenas o sofrimento, e se este é causado por uma pessoa amada, ou não, é indiferente. Nesse caso, a pulsão de morte foi introjetada e se enfureceu contra a própria pessoa. Esse sentimento moral é uma função do Supereu, e o sentimento de culpa é o resultado de uma tensão entre Supereu e o Eu. Sobrando ao Eu reagir com sentimentos de angústia à percepção de que não está à altura das exigências postas pelo Supereu. O Eu tem a função de unir e conciliar as exigências das três instâncias a que serve (o id, o supereu e a realidade) e encontra no Supereu o modelo que busca seguir. Freud recorre aos desenvolvimentos alcançados por ele no *Ego e o Id* para identificar a fonte da agressividade e destrutividade em ação no Supereu, já que este representa tanto o Id quanto o mundo externo e tem a sua origem na introjeção dos primeiros objetos investidos pelo Id, mas de forma dessexualizada. Por isso, ele conservou algumas características das pessoas introjetadas, os pais, tal como sua severidade e sua capacidade de vigiar e punir. Mas é por meio da disjunção das pulsões que ocorre na dessexualização que o Supereu aumenta sua severidade e pode ser tão cruel com o Eu.

Algumas pessoas podem se apresentar sob domínio de uma consciência um tanto quanto sensível, mesmo que não estejam conscientes disso. Mas essa moral inconsciente se difere do masoquismo moral. No primeiro caso, o que ocorre é a submissão do Eu ao sadismo do Supereu. No segundo caso, sobre o próprio masoquismo do Eu, *que anseia por castigo, quer do Super-eu, quer dos poderes parentais externos* (ibid., p.177). Esse sentimento de culpa, Freud identifica como *necessidade de castigo nas mãos de um poder parental* (ibid., p.177). O desejo de ser surrado pelo pai é apenas uma deformação

regressiva do desejo de ter uma relação sexual passiva com ele. Com esses elementos, o sentido oculto do masoquismo moral é revelado. A consciência e a moralidade surgiram com a superação e a dessexualização do complexo de Édipo, mas por meio do masoquismo moral, a moralidade pode ser novamente sexualizada, acarretando uma revitalização do Édipo e se cria um caminho para regredir a moralidade ao complexo de Édipo.

Além da fixação no amor paterno, a repressão cultural das pulsões impede que seus componentes destrutivos tenham aplicação na vida, fazendo com que o masoquismo do Eu seja intensificado pelo ressurgimento da pulsão de destruição no seu interior. Mas não se limita apenas ao Eu, ela também é acolhida pelo Supereu e eleva o sadismo deste para com o Eu. Estes dois elementos se juntam e produzem a mesma consequência, um sentimento de culpa e uma maior severidade e sensibilidade da consciência.

Desse modo, o masoquismo moral vem a ser testemunha clássica da existência da mistura de instintos. Seu caráter perigoso se deve ao fato de proceder do instinto de morte, correspondendo à parte deste que escapou de ser voltada para fora como instinto de destruição. Por outro lado, tendo ele a significação de um componente erótico, também a autodestruição do indivíduo não pode ocorrer sem satisfação libidinal (ibid., p.179).

1.2.3 Mal-estar na civilização

No ensaio *Mal-estar na civilização* (1930), Freud retoma o tema da pulsão de morte. Todavia, nesse escrito, ele apresenta as relações complexas e antagônicas entre a dinâmica pulsional e as restrições feitas à sexualidade e a tendência agressiva pela civilização.

Para iniciar suas reflexões, Freud se debruçou sobre o que pode ser a mais complexa das perguntas: “qual é o sentido da vida humana? ”. Para dar uma resposta a essa questão, Freud recorre ao desejo dos homens:

eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa; quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres. No sentido mais estrito da palavra, “felicidade” se refere apenas à segunda. Correspondendo a essa divisão das metas, a atividade dos homens se desdobra em duas direções, segundo procure realizar uma ou outra dessas metas — predominantemente ou mesmo exclusivamente (Freud, 1930, p. 20).

Se é isso o que os homens querem, eles querem o programa do princípio do prazer. Mas o mundo está em desacordo com esse programa. Essa forma de felicidade não está presente na “criação”. Estreitando a ideia de felicidade, pode-se apontar que ela vem da

satisfação repentina de uma necessidade represada, só sendo possível como um fenômeno episódico. Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer prossegue, ela resulta em apenas um morno bem-estar, de forma que o estado é muito pouco usufruído, o que se pode fruir com maior intensidade é o contraste criado.

Por outro lado, a infelicidade é bem mais fácil de ser experimentada:

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos (Freud, 1930, p.21).

Dada essas possibilidades de sofrimento, as pessoas tendem a moderar suas pretensões à felicidade, da mesma forma que o princípio do prazer se converteu no princípio da realidade. O indivíduo pode se dar por feliz apenas ao escapar da desgraça, ou a própria tarefa de escapar da desgraça impele para o plano de conquistar o prazer.

São inúmeras as formas com que os indivíduos tentam lidar com essa questão, pois o aparelho psíquico admite um bom número de influências. A satisfação pulsional causa a felicidade, mas ela também pode ser causa do sofrimento quando o mundo exterior deixa a pessoa à míngua, recusando-se a saciar suas carências. Então há uma expectativa de que se houver alguma ação sobre os impulsos pulsionais, os homens estariam livres de uma parte significativa de seu sofrimento. Essa defesa não age sobre o aparelho sensorial, ela busca dominar as fontes internas de necessidades. Em sua vertente mais extrema, essa defesa tenta liquidar as pulsões. Quando isso é alcançado, todas as outras atividades são abandonadas, e a vida sacrificada, e só se alcança *apenas a felicidade da quietude* (ibid., p.23).

Em um caminho mais moderado, busca-se apenas o governo das pulsões e não o seu aniquilamento. Este governo opera sobre as instâncias psíquicas mais elevadas, que já se submeteram ao princípio da realidade. Nessa estratégia, o objeto da satisfação não é de todo abandonado, e uma certa defesa contra o sofrimento é conquistada. Essa defesa se dá pelo fato de que a não satisfação das pulsões subjugadas não é sentida de forma tão dolorosa como a das pulsões não inibidas. Mas isso acaba por diminuir significativamente o potencial de fruição. A sensação de felicidade pela satisfação de uma pulsão selvagem é incomparavelmente mais forte do que a alcançada ao satisfazer uma pulsão domesticada.

Freud propõe que os homens lançam mão de outras formas de afastar o sofrimento: eles recorrem à sublimação, à fantasia e à ruptura dos laços com a realidade. Porém, todas

elas acabam falhando. Assim, Freud conclui que, mesmo sendo impossível para o homem alcançar a felicidade pelo programa do princípio do prazer, ele ainda é incapaz de abandonar seus esforços para se aproximar de sua realização. Muitos são os caminhos possíveis, seja pela busca da obtenção do prazer ou pela evitação do desprazer, mas *em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos* (ibid., p.27).

Retomando os três elementos que causam o sofrimento humano, *a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade* (ibid., 29), Freud volta a sua atenção para esse último, evidenciando um descompasso, já que as instituições criadas pela humanidade deveriam prover proteção. Mas elas não o fazem, pelo contrário, são elas mesmas as causas do sofrimento. Esse elemento evidencia a presença de uma natureza indomável, própria da constituição psíquica: a força pulsional. Força essa que a sociedade busca inibir, tanto da sexualidade quanto da agressividade.

Freud se opõe abertamente à ideia de que o ser humano é uma criatura pacífica e amorosa:

ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* (Freud, 1930, p.49).

Em termos gerais, essa agressividade precisa ser provocada, ou se coloca a serviço de outro propósito, que poderia ser alcançado de formas mais suaves. Mas quando as forças psíquicas que a inibem se ausentam, ela se expressa de modo espontâneo e revela o homem como uma besta selvagem que não poupa nem mesmo a sua própria espécie.

Esse pendor à agressão é o elemento que perturba a relação do homem com o seu próximo e obriga a civilização a fazer seus grandes dispêndios, pois, devido a essa agressividade primária, a sociedade está permanentemente ameaçada de desintegração. Não restando à civilização outra coisa senão lançar mão de tudo o quanto for possível para colocar limites às pulsões agressivas, por meio das formações psíquicas reativas. Ela usa de métodos que levam as pessoas a se identificarem e estabelecerem relações amorosas inibidas em sua meta, vindo desses meios as restrições à vida sexual e o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento esse *contrário à natureza humana original* (ibid., p.50). Obviamente, esse estado ideal de controle sobre a agressividade não

foi alcançado, então a civilização espera prevenir apenas os mais grosseiros excessos de violência e, para isso, se dá o direito de ser violenta contra o violento.

Não é uma tarefa fácil para os homens renunciarem à gratificação de sua tendência à agressividade. Tanto que grupos sociais menores permitem a pulsão um escape, por meio da hostilização daqueles que não são pertencentes ao grupo. É possível ligar um número significativo de pessoas pelo amor, desde que reste alguém para ser alvo de sua agressividade.

A cultura impõe sacrifícios para a sexualidade e para a tendência agressiva. Isso explica o porquê é tão difícil o homem ser feliz nela. O homem primitivo estava melhor posicionado nesse ponto, mas a sua segurança era mínima. O homem civilizado trocou uma porção de felicidade por uma de segurança.

No capítulo VI do *Mal-estar na civilização*, Freud retoma o caminho que percorreu no desenvolvimento de sua teoria pulsional, desde a primeira dualidade até o estado atual. Caminho esse que já expusemos anteriormente. Entretanto, Freud informa que a hipótese da pulsão de morte encontrou resistência nos círculos psicanalíticos, porém isso não fez o pai da psicanálise esmorecer. Ele afirma categoricamente a importância desse conceito dentro de sua teoria:

No começo expus apenas tentativamente essas concepções, mas com o tempo elas ganharam tal ascendência sobre mim, que já não posso pensar de outro modo. Acho que teoricamente são muito mais proveitosas que quaisquer outras, pois produzem aquela simplificação sem negligência ou violentação dos fatos, que buscamos no trabalho científico. Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. (A ânsia de destruição voltada para dentro se subtrai geralmente à percepção, é verdade, quando não é tingida eroticamente.) Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela: (Freud, 1930, p.56).

Freud, então, passa a definir e a diferenciar a pulsão de vida e de morte, dando autonomia para a segunda. O termo libido pode ser novamente aplicado às forças de Eros e, assim, diferenciá-las da energia da pulsão de morte. Essa diferença é explicada por Freud em uma nota de rodapé, diz ele: *nossa atual concepção pode ser expressa, de modo aproximado, dizendo que em toda manifestação instintual há libido, mas nem tudo nela é libido* (ibid., p.87).

Embora a apreensão da pulsão de morte seja um tanto quanto difícil, ela é silenciosa. Freud só a pôde perceber como um resíduo por trás de Eros. No sadismo, onde a pulsão de morte modifica a meta erótica a seu favor, é que se evidencia sua relação com Eros. Mas também quando ela surge sem propósito sexual, mesmo que na mais cega fúria, sua satisfação está ligada ao prazer narcísico. Ele mostra ao Eu uma forma de realização de seus antigos desejos de onipotência. A pulsão de morte domada e moderada, quando dirigida aos objetos, deve proporcionar ao Eu a satisfação de suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza.

Freud então afirma que a autonomia e a constitucionalidade da pulsão de morte é um elemento fundamental para sua reflexão teórica:

Portanto, em tudo o que segue me atendo ao ponto de vista de que o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo (ibid., p. 57).

Garcia-Roza (2000) atenta para a importância dessa afirmativa de Freud:

É somente em *O mal-estar na cultura* (1930) que Freud vai afirmar a absoluta autonomia da pulsão de morte. Ela é então entendida como pulsão de destruição, sendo a destruição concebida como “disposição pulsional autônoma, originária, do ser humano”. A partir desse momento, destrutividade e sexualidade passam a ser consideradas com inteira autonomia uma com respeito à outra (ibid., p.158).

Após bem definida a nova dualidade pulsional, a cultura pode ser compreendida através dela, já que a cultura é um processo a serviço de Eros, que busca juntar os indivíduos isolados. Esse grande grupo chamado humanidade é ligado libidinalmente. As vantagens pragmáticas não são suficientes para realizar esse intento e isso só se pode realizar por meio da ação das pulsões de vida. Mas essa intenção cultural se opõe ao *instinto natural de agressão dos seres humanos* (Freud. 1930, p. 58). A tendência agressiva, representante maior da pulsão de morte, divide com Eros o domínio do mundo. Por meio da dualidade pulsional, o sentido da evolução cultural se evidencia.

Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana (Ibid., p.58).

Maldonado (2006), ao analisar a pulsão de morte no *Mal-estar na civilização*, aponta que Freud aplica diretamente sua teoria da pulsão de morte na civilização, mas o fator especulativo de 1920 foi colocado de lado. Freud postula a pulsão de morte como um

princípio explicativo da gênese, da evolução e da possível destruição da espécie humana civilizada

2. SÁNDOR FERENCZI: UMA POSSÍVEL LEITURA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE

2.1 A teorização de Ferenczi anterior ao *Thalassa*

Ferenczi foi certamente um dos mais próximos discípulos de Freud. Mas como diz Michel Balint, no prefácio das obras completas de Ferenczi:

uma divergência de pontos de vistas sempre crescente surgiu entre Freud e Ferenczi; no início, ela parece se limitar aos problemas técnicos, mas na verdade, *envolvia diversos problemas teóricos essenciais*; em 1932, redundou na desavença aberta entre os dois homens (Balint, 1991, p.7 — grifo nosso).

Seguindo na mesma linha argumentativa de Balint, podemos afirmar que, como veremos, a divergência técnica entre os dois autores foi responsável pela divergência teórica, ao mesmo tempo que a divergência teórica também estabeleceu a divergência técnica. Acreditamos que a análise do conceito de pulsão de morte, tão caro a Freud, dentro da obra de Ferenczi, abre espaço para que esses pontos sejam de fato elucidados. De forma que, ao analisar o conceito de pulsão de morte em primeiro plano, subjacente há a análise dos elementos que afastaram no campo intelectual e, até mesmo, relacional estes dois autores de importância ímpar para a psicanálise.

A primeira aparição da ideia de repetição na obra de Ferenczi se deu no artigo de 1908, *As Neuroses à Luz do Ensino de Freud*. Ao apresentar as ideias de Freud sobre o recalque, Ferenczi afirma:

O recalque das lembranças desagradáveis nunca é, na prática um processo que se conclui com inteiro sucesso; entretanto, *o combate entre o grupo de representações afetivamente investido com sua tendência de repetição* - que Jung denomina complexo -, por um lado e a censura que se lhe opõe, por outro, pode eventualmente terminar em um compromisso mútuo. Nesse caso, nem a tendência para o recalque nem a tendência para a repetição podem realizar-se inteiramente, mas o complexo fica representado na consciência por intermédio de uma associação superficial qualquer (Ferenczi 1908a, p.12. — grifo nosso).

Nesta época, tal como Freud, Ferenczi apresenta a repetição sob a ótica do retorno do recalcado, sem qualquer menção a uma compulsão à repetição.

No artigo *Psicanálise e pedagogia*, Ferenczi (1908b) tece uma crítica contundente à pedagogia. Para ele, a educação defeituosa é a origem de diversos desvios de caráter e de doenças. A pedagogia tradicional erra ao desconsiderar o princípio do desprazer, e o faz através de ensinamentos morais, o que leva ao recalque das emoções e das

representações. A pedagogia é um lugar de negação das emoções e das ideias, pois ela obriga a criança a negar o que sabe e o que pensa. É nesse contexto que surge pela primeira vez na obra de Ferenczi a noção de agressividade.

E assim como o psiconeurótico se defende contra o reconhecimento de sua própria perversão inconsciente por meio de reações exageradas, contra os pensamentos considerados impuros por um anseio patológico, contra as representações libidinais que o agitam por uma “honestidade” excessiva, também a máscara de respeitabilidade que os inflexíveis juízes morais da sociedade apresentam dissimula - à sua própria revelia - todos os pensamentos e tendência egoístas que também condenam nos outros. *O rigor deles poupa-lhes a obrigação de reconhecer esse estado das coisas e, ao mesmo tempo, fornece-lhes uma saída para um de seus desejos inconscientes escondidos: a agressividade* (Ferenczi 1908b, pp.. 42-43 — grifo nosso).

A agressividade para a psicanálise era tida, no final da década de 1900, como uma manifestação das tendências egoístas, relacionadas diretamente com as pulsões do Eu. Tal como qualquer pulsão, ela busca a satisfação. Mas isso não implica que haja qualquer proximidade com a autonomia da agressividade, como Freud definiu no *Mal-estar na civilização*.

No artigo *Transferência e introjeção*, Ferenczi (1909a) contraria a posição freudiana da época, ao aproximar a sexualidade e a agressividade das tendências egoístas. Para ele, os neuróticos frequentemente pertencem a grupos sociais ou professam ideias de abstinência e ordem, como consequência de um deslocamento de suas tendências egoístas (agressividade e sexualidade) *para um plano onde elas podem ser vividas sem culpa* (ibid., 1909a. p.89). Essa concepção é melhor compreendida sob a ótica do conceito de introjeção.

Para Ferenczi, a introjeção é *a extensão ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego* (Ferenczi, 1912. p.210). Dessa forma, todo amor objetual é uma extensão do ego, ou seja, o homem está fadado a amar apenas a si mesmo. Quando um indivíduo ama outro ser, isso equivale a integrar esse outro no seu ego. Dessa forma, a relação objetual no sentido freudiano se daria posteriormente à introjeção. Herzog e Pacheco-Ferreira (2015, p. 183), apontam que a introjeção é a condição de funcionamento do aparelho psíquico e é também por meio dela que o diferencial prazer/desprazer é incluído no psiquismo.

Inicialmente, Ferenczi considerava a introjeção como uma tendência inerente ao funcionamento neurótico. Mas com sua experiência clínica, ele pôde perceber que existem introjeções possíveis e impossíveis, o que o levou a entender que essa estrutura narcísica não está pronta desde o início: se o meio em que o indivíduo estiver inserido não for

maleável e disponível o bastante, o processo introjetivo pode ser entravado (Herzog & Pacheco-Ferreira, 2015, p.183).

Na conferência *A respeito das psiconeuroses*, Ferenczi (1909b) destaca algo de grande interesse para nossa pesquisa. Para ele, a criança tem como ponto de partida uma experiência monista do mundo, que só será posteriormente transformada em dualista.

Pode-se pensar que o recém nascido experimenta todas as coisas de maneira *monista*, quer se trate de um estímulo externo ou de um processo psíquico. Só mais tarde a criança aprenderá a conhecer a “malícia das coisas”, aquelas que são inacessíveis à introspecção, rebeldes à vontade. O monismo converte-se em dualismo (Ferenczi, 1909b, p.96 — grifo do autor).

O tema do monismo, tão caro para Ferenczi e para nós nesta pesquisa, é professado por ele nessa conferência (1909). Ele diz:

Apresso-me, pois, a assinalar que, *teoricamente*, sou um adepto dessa concepção filosófica denominada *monismo agnóstico*, que reconhece, como seu nome indica, um princípio único na base de todos os fenômenos existentes; entretanto, devemos acrescentar logo, com modéstia que nada sabemos nem podemos saber quanto à natureza desse princípio básico. Entendo, porém, que o monismo é apenas um ato de fé filosófica, um ideal para qual devemos tender, mas que supera de longe os limites atuais do nosso saber a ponto de pouco mais se pode esperar, de momento, além de extrair dele um benefício prático (ibid, p.46).

A concepção monista de Ferenczi, fundamentalmente, se afasta da posição dualista de Freud. De um lado temos um princípio fundamental, que sob a pena de Ferenczi será identificado como a regressão; e do outro, um conflito entre duas tendências que se amalgamam e se separam.

A regressão ganha força na teoria de Ferenczi em uma das suas mais importantes publicações, *O desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios*, de 1913. Nesse escrito, Ferenczi (1913a) dialoga e expande o artigo *Os dois princípios do funcionamento mental* (1911), de Freud, elucidando o processo da substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade.

Ferenczi, partindo da conceituação freudiana, afirma que no início do desenvolvimento, a criança busca a satisfação unicamente por via da violência do seu desejo, ela negligencia a realidade exterior e o faz mediante as alucinações positivas e negativas. Mas a satisfação não é alcançada por essa via alucinatória. A criança ainda se vê em um estado de frustração de seu desejo. Essa ausência de satisfação faz com que o aparelho psíquico tenha que representar a realidade externa e buscar formas de ações que possam modificar essa realidade. Dessa forma, o que se torna representável não é mais o agradável, mas a realidade, mesmo que desagradável.

Mas o psicanalista húngaro encontra nessa mesma proposta freudiana algo que carecia de desenvolvimento, pois Freud havia distinguido os estágio-prazer e estágio-realidade, e os estágios intermediários (nos quais coexistem os dois princípios). Porém, Freud não havia esclarecido se é progressivamente ou por etapas que a forma secundária da atividade psíquica se desenvolve a partir da primária e se há a possibilidade de distinguir essas etapas, ou seus derivados, na vida psíquica normal e patológica.

Para sua empreitada, o psicanalista húngaro recorre a suas experiências clínicas. Ferenczi observou que os obsessivos costumeiramente afirmam serem incapazes de se desfazer da crença na onipotência de seus pensamentos, sentimentos e desejos. Eles têm plena convicção de que seus desejos vão se realizar. Junto a isso, a felicidade e a infelicidade deles e dos outros, tal como a vida e a morte, estão de alguma forma relacionados às suas ações e seus pensamentos. Então, eles invocam fórmulas mágicas e ações determinadas para impedir que esse grande mal se manifeste. Suas convicções supersticiosas não se abalam mesmo quando a prova da realidade aponta para sua ineficácia.

Mesmo sabendo que, diante da análise, esses sintomas serão compreendidos como desejos recalçados, há nesse grupo de sintomas um outro problema a ser refletido: sua forma. O sentimento de onipotência é uma projeção da percepção da submissão do indivíduo a algumas pulsões irreprimíveis, dessa forma: *A neurose obsessiva é um retorno da vida psíquica a uma etapa infantil do desenvolvimento* (ibid., p.47). Uma etapa caracterizada pelo fato de que o pensamento ainda não se interveio entre o desejo e a ação, de que o desejo será realizado se for seguido pelo gesto próprio para realizá-lo. Justamente na identificação da megalomania infantil que persiste no obsessivo, que Ferenczi identificou algo que estaria diretamente relacionado ao desenvolvimento do ego, do princípio do prazer ao princípio de realidade. Esse algo é a onipotência infantil que durante o desenvolvimento é confrontada pelas forças violentas da natureza. Onipotência essa essencial para o desenvolvimento do ego.

Existe de fato um estado no desenvolvimento humano onde é possível estar completamente sob o domínio do prazer. Esse estado seria a vida intra-uterina. Nesse estado, o ser humano vive como um parasita no corpo materno, seus desejos de alimentação, calor e segurança estão garantidos por esse corpo. Para essa criança mal existe um mundo exterior. As necessidades dela são satisfeitas na medida em que aparecem, ela experiencia a impressão que é onipotente. Ferenczi caracteriza a onipotência como: *é a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar* (ibid.,

p.48). Na vida intrauterina, o feto tem suas pulsões constantemente satisfeitas e não deseja nada, por ser desprovido de necessidades.

A partir dessa convicção da vida intrauterina, Ferenczi pôde concluir que a megalomania das crianças e dos obsessivos nada tem de absurdo. Seu clamor e sua convicção para com a realidade que seus desejos se satisfação, nada mais é que uma exigência de retorno a uma experiência já vivida, onde eram onipotentes. Um retorno a esse estado anterior, o estado de onipotência incondicional.

Podemos compreender que Ferenczi está caracterizando um estado inicial de quietude, anterior ao aparecimento do desejo. Já que esse só se apresenta mediante a insatisfação e, nesse ponto inicial, o feto tem suas necessidades satisfeitas no momento de seu aparecimento. Mas essa experiência de onipotência persiste como uma tendência de regressão do psiquismo a esse estado inicial. Nesse sentido, Molin, Coelho Jr. e Cromberg afirmam:

Haveria um estado de inação, de quietude ou “repouso” que é sustentado por um meio originalmente não invasivo, não exigente, e provedor.... Esse mesmo meio, capaz de sustentar a quietude, entretanto, não poderá fazê-lo infinitamente: ele demandará respostas, reações, ou desadaptar-se-á, estimulando o ente a deixar a passividade radical que o domina. Mesmo fadada a terminar após a estimulação externa, em consequência desta, a existência do estado de quietude original poderia ser identificada mais tarde ... na tendência de retorno alucinatorio a condições em que nada precisaria ser desejado e nada precisaria ser feito (Molin et al, 2019 p.238).

Retornando ao texto, Ferenczi (1913a) afirma que da mesma maneira que é possível supor que traços mnêmicos da espécie sejam passados para o indivíduo, também os processos psíquicos intrauterinos influenciam a configuração do material psíquico que se manifesta depois do nascimento.

Os gritos, a agitação e a angústia do recém-nascido constituem, pelo menos na aparência, uma forma de reação, mal adaptada, às perturbações oriundas do nascimento. E os cuidados exercidos sobre essa criança nada mais são que formas de aproximar essa nova realidade daquela que fora perdida ao nascer. Esse novo momento teve por consequência o reinvestimento por via alucinatoria do estado de satisfação perdido. Dessa forma, o primeiro desejo da criança é o retorno à forma de satisfação anterior. Mas, para a criança, essa alucinação se realiza, caso ela seja bem cuidada, afinal, para ela o que mudou de sua onipotência incondicional foi que agora ela precisa investir alucinatoriamente, mas ainda não tem que modificar a realidade à sua volta. A criança não tem ideia de qualquer atividade, ou de relações de causas e efeitos, para a satisfação de suas necessidades. Ela é

levada a se sentir como portadora de uma força mágica capaz de realizar todos os seus desejos mediante a manifestação de sua satisfação. Esse é o período de onipotência alucinatória mágica.

Ferenczi identifica a regressão à situação intrauterina também no primeiro sono da criança:

O primeiro sono é, portanto, a reprodução bem-sucedida da situação intrauterina que preserva, tanto quanto possível, das excitações externas, com a provável função biológica de concentrar a totalidade da energia nos processos de crescimento e regeneração, sem ser perturbado por uma tarefa exterior a realizar (ibid., p.51 — grifo do autor).

Mas suas contribuições não se limitam ao primeiro sono. Ele identificou o elemento de regressão em todos os sonos. O sono nada mais é que *uma regressão periódica e repetida ao estágio de onipotência alucinatória mágica, e por esse intermédio, à onipotência absoluta da situação intrauterina* (ibid., 1913., p.51). Ferenczi recorre a Freud para justificar a sua posição, pois o pai da psicanálise havia identificado que todo o sistema que esteja sob o domínio do princípio do prazer possui mecanismos para escapar dos estímulos da realidade. Porém, mesmo dotada desses mecanismos, a função do sono e sonho, como resíduos da onipotência alucinatória infantil que persistem na vida adulta, é uma inovação do psicanalista húngaro. O mesmo elemento de regressão também pode ser observado na vida patológica, por meio da realização dos desejos por via alucinatória na psicose.

Com o desenvolvimento, os desejos humanos se tornam cada vez mais específicos. A simples manifestação de descarga passa a não dar conta da especificidade desses desejos. É preciso que a criança desenvolva sinais especializados correspondentes às suas necessidades (tal como a imitação do movimento de sugar com a boca, quando a criança deseja ser alimentada). Desde que essa linguagem gestual seja estabelecida, e seguida, seus desejos podem ser satisfeitos e a criança pode continuar se julgando onipotente. Esse é o período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos.

O período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos também possui um equivalente na patologia, a conversão histérica. Para Ferenczi, *as crises históricas representam, com a ajuda de gestos mágicos, a realização de desejos recalcados* (ibid., p. 53). Ou seja, a conversão histérica constitui uma regressão ao estado da magia gestual. O mesmo ocorre na vida normal, os gestos supersticiosos são resquícius do tempo em que o homem acreditava poder influenciar a realidade através de um gatinho específico.

Com o avanço do desenvolvimento, há o aumento das necessidades da criança (tanto em quantidade, quanto em complexidade). Da mesma forma, as condições necessárias para que suas necessidades sejam satisfeitas também aumentam, assim como o número de vezes que suas necessidades não são satisfeitas, mesmo quando as condições de satisfação foram rigorosamente seguidas. A mão que se ergue em direção a um objeto, para que, por sua onipotência, o objeto venha até ela, retorna vazia. Ou uma força invencível pode se opor ao gesto mágico e coagir a mão a retornar sem nada. Até então a criança, em sua onipotência, se sentia una com o universo, e esse se dobrava à sua vontade, mas uma discordância vai se instalando paulatinamente no viver do infante. Ele se vê obrigado a distinguir do seu ego as coisas malignas, que resistem à sua vontade, como pertencentes ao mundo externo. Ferenczi nomeou a fase onde todas as experiências são incluídas no ego de fase de introjeção, e o estágio que o segue de fase de projeção. O estágio de onipotência pertence à fase de introjeção, e o estágio de realidade à fase de projeção de desenvolvimento do ego.

A objetivação do mundo não desfaz completamente a relação do eu e do não eu da criança. Ela se vê como possuidora de apenas uma parte do mundo, seu ego, enquanto a outra parte resiste frequentemente aos seus desejos. Mas a criança investe no mundo externo as qualidades que descobre em si mesma, qualidades de seu ego. A criança, então, passa por um período animista da apreensão da realidade. Nesse período, são estabelecidas relações que prosseguem por toda a vida do indivíduo, entre o corpo e o mundo dos objetos. Essas relações foram nomeadas de relações simbólicas. Nesse estágio de desenvolvimento do ego, a criança vê no mundo reproduções de sua corporalidade e aprende a figurar em seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Esse aumento da complexidade da simbolização, permite que a criança assinale mais que os desejos que envolvem apenas seu corpo; ele pode simbolizar os desejos que dependem da alteração do mundo exterior (que agora já é reconhecido como tal). Se essa criança é cuidada com amor, sua ilusão de onipotência ainda persiste, pois ela só precisa figurar simbolicamente para que o objeto animado venha até ela. Porém, a criança é incerta quanto à satisfação de seus desejos. É essa incerteza que faz com que ela reconheça a existência de potências superiores (mãe) que precisam agraciá-la, para que, por meio do gesto mágico, ela possa alcançar a satisfação.

Para figurar seus desejos, uma forma de expressão acaba por ficar predominante sobre as outras, a linguagem. Originalmente, a linguagem é imitação, mas, com o tempo, certas sequências de sons são associadas a coisas e a processos, até que acabam se

identificando com eles. A linguagem permite o aparecimento do pensamento consciente, já que ela se associa aos processos de pensamentos inconscientes e lhes dão qualidades perceptíveis. O pensamento consciente é a mais alta realização do aparelho psíquico, pois é ele quem permite a adaptação à realidade, por ser capaz de retardar a descarga motora e a liberação de desprazer.

Ainda nesse estágio em que aparecem os pensamentos conscientes, a criança consegue manter seu sentimento de onipotência, já que seus desejos, manifestos sob a forma de pensamento, ainda são deveras simples, e um meio atento ao seu bem-estar é capaz de adivinhá-los. Mesmo que a criança precise manifestar seus desejos por meio da fala, esse meio atencioso se apressa para satisfazê-los. Por isso, a criança ainda crê possuir poderes mágicos. Esse é o período dos pensamentos e palavras mágicos. É justamente para esse estágio que os neuróticos obsessivos regressam. Eles são incapazes de se afastarem do sentimento de onipotência de seus pensamentos e de suas manifestações verbais. O mesmo ocorre nas manifestações religiosas, na superstição e na magia, onde basta pensar ou manifestar uma oração ou praga em voz alta para que elas ocorram.

Ao analisar o desenvolvimento do ego, Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) apontam que já se pode perceber, nessa época, a importância da relação com o meio ambiente na perspectiva de Ferenczi. De forma que o tom de sua reflexão se deu na relação do sujeito com o objeto.

Apenas quando ocorre o desligamento da criança para com os pais no plano psíquico é que se finda o reinado do princípio do prazer. É nesse momento que *o sentimento de onipotência cede lugar para o pleno reconhecimento do peso das circunstâncias* (Ferenczi, 1913a, p 57). O reconhecimento de que os desejos e pensamentos estão condicionados representa o máximo da projeção normal, da objetivação. Mas um quadro patológico específico, a paranoia, pode se situar exatamente na fixação nessa fase de projeção do sentido de realidade.

Os estágios de desenvolvimento do ego, no sentido da realidade, dizem respeito às pulsões egoístas. Isso ocorre devido ao fato de que a realidade está mais próxima do ego do que da sexualidade. Ferenczi aponta que esse afastamento da sexualidade para com a realidade se dá por duas razões: a sexualidade é mais independente do mundo externo, pela sua capacidade de satisfação autoerótica, que dura um longo tempo; e pela repressão da sexualidade durante o período de latência, cortando seu contato com a realidade. Dessa forma, a sexualidade está mais submissa ao princípio do prazer; enquanto o ego sofre mais das decepções oriundas dos desconhecimentos da realidade.

O sentimento de onipotência também está presente no desenvolvimento sexual. O período da onipotência incondicional persiste até o abandono das formas autoeróticas de satisfação, ou seja, em um período significativamente posterior ao do ego. Ferenczi enxerga no autoerotismo e no narcisismo estágios da onipotência do erotismo e, lançando mão da ideia de introjeção, pode-se entender que, já que o narcisismo nunca cessa e que o homem é limitado a se amar, sendo assim, é possível manter durante toda a vida a ilusão de onipotência. Dessa forma, ele pôde identificar o elemento regressivo no narcisismo. Diz Ferenczi: *o fato de que o caminho do narcisismo seja igualmente o caminho da regressão, o qual permanece sempre acessível após toda decepção infligida por um objeto de amor* (ibid., p. 58).

A regressão patológica também encontra seus pontos de fixação no desenvolvimento sexual. Nos sintomas da parafrenia e da histeria, estão presentes regressões autoeróticas e narcísicas e, provavelmente, se pode encontrar no desenvolvimento da realidade erótica, os pontos de fixação das neuroses obsessivas e da paranoia.

Ferenczi recorre ao manuscrito não publicado de Freud, *Neuroses de transferência: uma síntese*, para fundamentar sua posição nas concepções do velho mestre.

temos por, conseguinte nos contentar, no que se refere à *escolha da neurose*, com a formulação geral de Freud, em cujos termos o tipo de distúrbio posterior é determinado em função “da fase do desenvolvimento do ego e da libido onde se produziu a inibição do desenvolvimento predisponente” (ibid., p.58 — grifos do autor).

Mas é ele, Ferenczi, quem dá o próximo passo no desenvolvimento dessa hipótese. Ele propõe que os modos e os objetivos, pelos quais as neuroses agem, dependem diretamente da fase de desenvolvimento da libido em que ocorreu a fixação. Já os mecanismos da neurose são determinados pela fase de desenvolvimento do ego no momento em que ocorreu a inibição. Esse estágio de desenvolvimento ressurgem nos mecanismos de formação do sintoma, quando há uma regressão da libido para estágios anteriores. Quando isso ocorre, o ego já não está acostumado com essa forma de prova de realidade, assim, essa forma fica livre para ser usada pelo recalçamento e representa os complexos de pensamentos e os afetos recalçados. Ferenczi exemplifica esse mecanismo na histeria e na neurose obsessiva:

a histeria e a neurose obsessiva, por exemplo, seriam caracterizadas, por um lado, pela regressão da libido a estágios anteriores da evolução (autoerotismo,

edipismo); por outro, no que se refere aos seus *mecanismos*, por um retorno do sentido de realidade aos estágios dos *gestos mágicos (conversão)* ou dos *pensamentos mágicos (onipotência do pensamento)* (ibid., p.59 — grifo do autor).

Quanto à filogênese do desenvolvimento do sentido de realidade, Ferenczi afirma sua plena convicção de que é possível estabelecer um paralelo entre os estágios de desenvolvimento do ego, os tipos de regressão neurótico e *as etapas percorridas pela história da espécie humana*, assim como Freud o fizera em *Totem e tabu*, onde, para Ferenczi, ele identificou traços de caráter dos neuróticos obsessivos nos povos primitivos.

Outro elemento central da perspectiva ferencziana também está presente na ideia do desenvolvimento no sentido da realidade: a evolução por adaptação. O desenvolvimento no sentido da realidade ocorre devido a uma série de impulsos de recalçamento que o ser humano é submetido pela necessidade e a frustração dessas necessidades demanda um esforço adaptativo. Ou seja, a evolução se dá mediante a frustração na relação no indivíduo com o meio e não por qualquer tendência inerente à evolução. O feto preferiria permanecer eternamente dentro do corpo materno. Dessa forma, Ferenczi identificou que além de não haver uma tendência para a evolução, o que há é uma tendência para a regressão em ação na vida orgânica.

Ferenczi recorre às experiências ontogenéticas da espécie humana para explicar as causas da evolução na filogênese. Para ele, pode ter sido a modificação na crosta terrestre, e sua consequência catastrófica para os ancestrais dos homens, que forçou o recalçamento dos hábitos preferidos pela humanidade e abriu o caminho para a evolução. Essa experiência de grande magnitude pode representar pontos de recalçamento na história da espécie e, devido a sua localização e força, determinou o caráter e as neuroses da espécie. Novamente, Ferenczi recorre a Freud, diz ele: *Segundo a observação do professor Freud, o caráter da espécie é o precipitado da história da espécie* (ibid., 1913. p.60).

Ferenczi propõe outra analogia: o grande impulso de recalçamento individual, o período de latência, está relacionado com a última grande catástrofe da espécie, a era glacial, repetida fielmente na vida individual.

Acima nos referimos a um manuscrito não publicado de Freud. É sabido que entre os anos de 1914 e 1915 Freud trabalhou em uma série de doze artigos com o objetivo de lançá-los na forma de um livro intitulado *Subsídios à preparação de uma metodologia*. É também conhecido que esse livro nunca foi publicado, mas cinco desses artigos ganharam luz em publicações próprias. Até que no começo da década de 1980, junto às cartas de

Freud para Ferenczi, um desses artigos foi descoberto, o *Neuroses de Transferência: uma síntese*. Acompanhando o texto e as cartas de Freud para Ferenczi, fica evidente a mútua influência desses autores.

Nesse manuscrito, Freud (1919) propôs inicialmente fazer uma revisão de uma série de conceitos fundamentais, bem como delimitá-los uns em comparação com os outros. São esses conceitos: repressão; contra-investimento; formação de substitutos e sintomas; a relação com a função sexual; regressão e disposição. Essa operação é feita a partir da histeria de angústia, histeria de conversão e a neurose obsessiva. Para o objeto de nossa pesquisa, nos limitaremos a abordar brevemente apenas a regressão e a disposição.

Freud aponta que na histeria de conversão há uma regressão do Eu até uma fase em que não havia separação entre o pré-consciente e o inconsciente. Essa regressão atua na formação dos sintomas e no retorno do reprimido, já que as manifestações pulsionais que não são aceitas pelo Eu atual recorrem a um Eu anterior, e lá são repelidas de uma outra forma. Ao identificar um retorno a uma fase do Eu correlato à manifestação histórica, Freud se aproxima da proposta ferencziana que acabamos de discutir. Diz Freud: *Podemos afirmar de uma maneira geral que a regressão retrocede até um ponto de fixação do desenvolvimento do eu ou da libido* (ibid., p.70). Esse elemento fica mais evidente quando observamos a concepção freudiana no manuscrito sobre a disposição.

A própria ideia de regressão traz consigo algumas questões sobre a fixação e a disposição. Afinal, o retorno ao ponto de fixação do desenvolvimento do Eu e da libido representa a disposição e esse é *o elemento mais influente que intervém na decisão sobre [a] a escolha da neurose* (ibid., p.70). Freud aponta para duas possíveis origens da fixação: a congênita ou a produzida por impressões precoces. Mas sua aposta é que, de fato, essas duas origens estejam presentes, já que ambas são ubíquas.

O elemento constitucional não nega categoricamente o elemento adquirido, pois ele *retroage para um passado ainda mais remoto, já que se pode justamente afirmar que disposições herdadas são restos das aquisições dos antepassados* (ibid., p.71). Com essa posição, Freud se confronta com aquilo que ele chama de “problema da disposição filogenética” atrás da disposição ontogenética. Mas, nesse confronto, o que se destaca é a incerteza de Freud:

Ainda é imprevisível até que ponto a disposição filogenética pode contribuir para a compreensão da[s] neurose[s]... Espero que o leitor... seja tolerante, permitindo que a crítica ceda lugar à fantasia na apresentação de coisas incertas, embora estimulantes, o que justifico, na medida em que se pode, assim, abrir novas perspectivas (ibid., pp. 71–72).

E é o próprio Freud quem admite a dificuldade de investigar o desenvolvimento do Eu, citando que a única tentativa que conhecia de trilhar essa estrada sinuosa foi a empreitada de Ferenczi, justamente na publicação *O desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios*, de 1913, que acabamos de discutir. Freud define esse trabalho de Ferenczi como “rico de pensamentos”. Essa riqueza fica evidente pelo impacto dos pensamentos dentro desse manuscrito freudiano.

Mesmo tendo apresentado as suas incertezas, Freud aponta para a possibilidade de que a história do desenvolvimento da libido repita um desenvolvimento mais arcaico do que o desenvolvimento do Eu. Enquanto a libido repete as condições dos animais vertebrados, o Eu repete as condições da história da espécie humana. Prosseguindo em suas hipóteses, ele propõe uma série que apresenta as psiconeuroses em uma ordem de acordo com o momento em que elas se apresentam na vida individual. Sendo essa a série:

Histeria de angústia - Histeria de conversão - Neurose obsessiva - Demência precoce - Paranoia - Melancolia Mania (ibid., p.73).

As fixações das disposições dessas enfermidades se organizariam em um sentido contrário. Assim sendo, quanto mais tardia for a apresentação da neurose, mais a libido regressará a uma fase mais precoce. Dessa forma, a histeria de conversão se orienta contra o primado dos genitais e a neurose obsessiva tem a orientação contra a fase sádica. Assim como as neuroses narcisistas regridem à fase anterior ao encontro do objeto, a demência precoce até o auto-erotismo; as paranoias até a escolha homossexual e narcisista de objeto; a melancolia se alicerça na identificação narcisista com o objeto. Mas o próprio Freud, demonstra a falha de seu esquema, pois ele afirma que a demência aparece mais cedo que a paranoia, mesmo que a disposição de sua libido regreda a estádios mais primitivos. A melancolia-mania não permite essa categoria de classificação cronológica. Ou seja, essa série temporal não pode ser sustentada exclusivamente por via do desenvolvimento da libido.

Objetivando caminhar em sua tentativa de criar essa série cronológica, Freud lança mão do complemento oriundo da sequência filogenética, mas o faz demonstrando uma certa hesitação, pois para isso será preciso *divagar, bastando-se alguns elos hipotéticos* (ibid., p.74). Para realizar esse movimento, Freud busca as posições de Ferenczi em sua publicação de 1913. Precisamente, Freud recorre à hipótese de que o desenvolvimento do

homem primitivo se deu sob a influência dos destinos geológicos do planeta Terra, especialmente o período glacial. Sob a influência do pensamento de Ferenczi, ele ficou *tentado a reconhecer, nas três disposições para a histeria de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva, regressões a fases pelas quais toda a espécie humana teve que passar do começo ao fim dos tempos glaciais* (ibid., p.74). Assim, aquilo pelo qual todos os homens passaram, hoje apenas alguns precisam passar por essas experiências, já que suas disposições herdadas são acionadas por novas experiências. Porém, a série temporal não pode ser facilmente transposta, já que a neurose contém mais elementos do que apenas a regressão. Há na neurose uma expressão da resistência contra essa mesma regressão, de forma que na neurose há um compromisso entre o antigo e a exigência do novo.

Prosseguindo, Freud propõe as origens da fixação em pontos diferentes para as neuroses de transferência e para as neuroses narcisistas. As primeiras estariam relacionadas com as necessidades do período glacial, e as segundas estariam ligadas a uma segunda geração. Aquela dominada pelo pai da horda. Mas Freud ainda não demonstrava segurança em suas posições, temendo que o que foi apresentado nada mais fosse que uma “comparação lúdica” e que a sequência filogenética não fosse mais que uma “fantasia científica”. Talvez essas inseguranças foram a razão dele ter decidido não publicar o manuscrito.

Cabe destacarmos que, ao abordar a sequência filogenética, Freud abertamente afirma a influência de Ferenczi na sua abordagem nesse escrito. Ele nos diz: *Chegamos até este ponto na realização do programa previsto por Ferenczi* (ibid., p.78). Em suas cartas enviadas para o colaborador húngaro, essa influência fica ainda mais evidente. Em uma carta enviada em 12 de julho de 1915, Freud expõe as ideias centrais do manuscrito e conclui dizendo que: *Seus direitos autorais, no acima exposto, são evidentes* (Freud como citado por Grubrich-Simitis, 1985, p.104). Vale salientar que nessa mesma carta, Freud demonstra sua insegurança quanto a essa ideia. Ele diz: *tenho ocupado com fantasias que me perturbam e que dificilmente resultarão em algo para o público* (Freud como citado por Grubrich-Simitis, 1985, p.89) . Ferenczi era de fato o interlocutor ideal para essas ideias, afinal, sua autoria e originalidade quanto a elas são de fato indiscutíveis. Mais do que apenas um interlocutor, Freud, em uma carta de 28 de julho de 1915, deu a Ferenczi a autoridade sobre o destino do manuscrito, “pode jogar fora ou guardar”. Como sabemos, Ferenczi não apenas guardou, mas expandiu as ideias nele contidas, como veremos adiante.

Um dos elementos centrais na teoria ferencziana é a influência que seu autor sofreu da lei da recapitulação ontofilogenética de Ernst Haeckel. Essa lei aponta que no desenvolvimento a ontogênese deve repetir a filogênese. A primeira menção a essa lei dentro da obra de Ferenczi foi no artigo *A importância da psicanálise na justiça e na sociedade*. Nesse artigo, Ferenczi escreveu: *evolução que todo indivíduo - como sabemos desde Haeckel - deve repetir por conta própria* (Ferenczi, 1913b, p.5).

No artigo *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses* (1914), Ferenczi demonstrou ainda mais adesão à lei de Haeckel. Retornando o que fora proposto no *Desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios*, ele afirma que todas as psiconeuroses dizem respeito a uma regressão a um estágio anterior da libido e do ego, no desenvolvimento individual e na evolução da espécie. Os vestígios que se pode observar no universo psíquico das repetições filogenéticas levam Ferenczi a concluir que *a lei biogenética de Haeckel é igualmente válida para a evolução do psiquismo* (Ferenczi, 1914, p.184).

Para Ferenczi, essa expansão da lei de Haeckel possibilita encerrar a contradição entre os fatores traumáticos e os constitucionais na gênese das neuroses. Recorrendo a Freud, ele afirma que a constituição nada mais é que aquilo que fora deixado pelas influências sobre os ancestrais do organismo. Na perspectiva do psicanalista húngaro, Freud realizou esse mesmo movimento na escrita do *Totem e Tabu*, pois nesse escrito Freud reconheceu a analogia entre a neurose obsessiva e a religião dos povos primitivos

Ferenczi costumeiramente recorre ao *Totem e Tabu* de Freud como um porto seguro para suas especulações. Cabe a nós analisarmos até que ponto esse escrito freudiano serve de fato como base para o pensamento de Ferenczi. Ou seja, se há nesse escrito algum encaminhamento no sentido da repetição filogenética.

No *Totem e Tabu* Freud propõe uma empreitada pretensiosa, uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia dos neuróticos. O que possibilitaria lançar luz sobre o saber psicanalítico e o saber da antropologia social. Analisando o horror do incesto de certos povos, Freud constata que este *revela uma notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos* (Freud, 1913., p.17). Mas até que ponto essa concordância se estende? O próprio Freud responde a essa questão com uma advertência para o leitor:

A essa altura uma advertência deve ser feita. A similaridade entre o tabu e a doença obsessiva talvez não seja mais que uma questão de circunstâncias

exteriores; talvez se aplique apenas às *formas* pelas quais se manifestam e não se estenda ao seu caráter *essencial* (ibid., p.24 — grifo nosso).

Ele aponta que o ponto de concordância mais claro entre as proibições obsessivas e os tabus é que suas proibições aparecem destituídas de motivo, são misteriosas em suas origens e, mesmo assim, são mantidas por um medo irresistível. Mesmo quando não há nenhuma ameaça externa de punição, ainda há uma certeza interna de que a violação resultará em uma desgraça insuportável. Entretanto, nesse ponto estamos dentro das semelhanças formais. O próprio Freud se mostra cauteloso em demonstrar uma relação essencial entre os fenômenos clínicos e a psicologia social dos povos primitivos. Essa posição conservadora contrapõe a ideia de encontrar a causalidade filogenética que estamos buscando.

Prosseguindo em seu escrito, Freud propõe que o leitor esqueça sua advertência: *Façamos agora a experiência de tratar o tabu como se fosse da mesma natureza de uma proibição obsessiva em um dos nossos pacientes* (ibid., p.27). Ou seja, que assumamos a concordância como essencial. O que segue desse exercício especulativo é a seguinte afirmação:

Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. *Devem então ter persistido de geração para geração*, talvez meramente como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social. Possivelmente, *contudo, em gerações posteriores devem ter-se tornado 'organizadas' como um dom psíquico herdado* (ibid., p.27 — grifo nosso).

Nessa passagem, Freud abre espaço para pensarmos sobre esse elemento filogeneticamente herdado. Mas na sequência do texto, ele mesmo mostra sua insegurança quanto a essa posição: *Quem pode afirmar se coisas tais como 'ideias inatas' existem ou se no presente exemplo atuaram, isoladamente ou em conjunto com a educação, para ocasionar a fixação permanente de tabus?* (ibid., p.28). Infelizmente, Freud não dá atenção a essa pergunta, não a respondendo. Ou seja, o elemento filogenético ainda se mantém em suspenso.

Ao analisar a ambivalência da relação com os mortos dos selvagens, dos neuróticos e dos homens civilizados, Freud se posiciona mais abertamente em relação à herança intergeracional, que se estende aos elementos filogenéticos.

os impulsos psíquicos dos povos primitivos fossem caracterizados por uma quantidade maior de ambivalência que a que se pode encontrar no homem moderno civilizado. É de supor-se que como essa ambivalência diminuiu, o tabu (sintoma da ambivalência e um acordo entre os dois impulsos conflitantes) lentamente desapareceu. Dos neuróticos, que são obrigados a reproduzir o conflito e o tabu dela resultante, pode-se dizer que herdaram uma constituição arcaica como vestígio atávico; a necessidade de compensar isso, por força da civilização, é que os leva a um imenso dispêndio de energia mental (ibid., p.52).

De fato nessa citação podemos acompanhar o desenvolvimento da argumentação freudiana. O homem primitivo sofria de uma maior ambivalência de afetos em relação aos seus mortos, com o desenvolvimento da sociedade essa ambivalência diminuiu. O ódio e a afeição ainda coexistem no homem civilizado, mas agora sob a forma de uma cicatriz que se manifesta pelo modelo da piedade. Mas o neurótico é ainda forçado a reviver esse conflito devido a sua constituição arcaica herdada. Assim, o neurótico repete a situação psíquica de seus ancestrais, a qual chegou até ele como vestígio atávico. Eis uma argumentação em direção à perspectiva ferencziana.

Freud, porém, ainda não se mostra confortável com suas propostas, mesmo que sua linha argumentativa tenha demonstrado alto grau de convergência de suas ideias. Isso *não deve fazer-nos deixar de ver as incertezas de minhas [Freud] premissas ou as dificuldades envolvidas em minhas conclusões* (ibid., p.112). Essas incertezas provinham de dois elementos específicos: a existência de uma mente coletiva que funcionaria tal como a mente individual; e a possibilidade de o sentimento de culpa por uma ação perdurar por milhares de anos. Para ele, esses elementos constituíam *dificuldades graves e qualquer explicação que pudesse evitar pressuposições dessa espécie seria preferível* (ibid., p.112).

Essas dificuldades abrem espaço para que Freud reflita sobre o papel da continuidade psíquica no passar das gerações, e também como uma geração conseguiria transmitir seus estados mentais para outra geração. Ao seu ver, a comunicação direta e a tradição não são suficientes para explicar esse processo, mas *Uma parte do problema parece ser respondida pela herança de disposições psíquicas que, no entanto, necessitam receber alguma espécie de ímpeto na vida do indivíduo antes de poderem ser despertadas para o funcionamento real* (ibid., p.112).

Eis o retorno para a argumentação do elemento atávico que carece da estimulação correta para pôr em ação a constituição herdada dos ancestrais. Porém, na sequência do texto, Freud aponta para um outro caminho:

podemos presumir com segurança que nenhuma geração pode ocultar, à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente,

um apparatus que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos. Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e dogmas que restaram da relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção (ibid., p.113).

Nesse novo caminho, a transmissão geracional não carece de nenhum elemento filogenético, pois no contato com a geração mais antiga, a nova geração pode absorver, por via inconsciente, as experiências acumuladas pela humanidade. Dessa forma, essa transmissão se faria na ordem ontogenética, ou seja, na experiência do indivíduo com o mundo. Dessa forma, podemos afirmar que o *Totem e tabu* está longe de ser esse firme fundamento para a perspectiva filogenética ferencziana. Se há algo nos escritos de Freud que poderia dar a Ferenczi a pedra angular, seria de fato o artigo não publicado, *Neuroses de transferência: uma síntese*, no qual *Seus direitos autorais [Ferenczi]... são evidentes* (Freud como citado por Grubrich-Simitis, 1985, p.90), que discutimos acima. Ao afirmar que não encontramos esse fundamento nos textos de Freud, não indicamos um demérito do psicanalista húngaro. Pelo contrário, demonstramos sua genialidade e originalidade dentro do saber psicanalítico que estava sendo construído.

Retornando aos escritos de Ferenczi, na publicação *Dois tipos de neuroses de guerra*, de 1916, ele relata sua experiência com o atendimento de pacientes acometidos de neuroses de guerra. Os sintomas que mais se destacaram nesses pacientes foram alguns distúrbios no aparelho psicomotor. Em alguns pacientes, o menor esforço exigido era o bastante para provocar tremores violentos nos joelhos e nos pés. Tal como Freud o fizera anos depois, ao tratar de neurose de guerra no *Além do princípio do prazer*, Ferenczi também descartou, mediante a investigação, a afecção orgânica como fonte da patologia.

Um primeiro grupo de pacientes foi diagnosticado com histeria de conversão. Para Ferenczi (1926), no momento do pavor houve uma inervação predominante da área do corpo. Esses pacientes sofrem de um afeto estrangulado; o medo que não teve possibilidade de descarga. O trauma é consequência de um afeto súbito que não pode ser dominado pelo psiquismo. As inervações predominantes no momento do recebimento do estímulo indicam que o movimento afetivo não fora liquidado e, dessa forma, permanece ativo no inconsciente.

Um segundo grupo de pacientes tinha como sintomas mais evidentes um tremor generalizado e perturbações na marcha, que não se manifestavam quando eles estavam deitados, apenas quando algum esforço era demandado. Quando esses pacientes tentavam caminhar, ou se manter de pé, surgiam palpitações intensas, aceleração no pulso e

começavam a suar. Eles também demonstravam uma expressão de angústia. Além dos sintomas observáveis, Ferenczi também identificou nesses pacientes outro grupo de sintomas: a hiperestesia da maior parte dos órgãos do sentido. Tal como os neuróticos apresentados por Freud no *Além do princípio do prazer*, os pacientes de Ferenczi também relataram sonhos que repetiam a situação perigosa vivida no fronte de batalha. Ferenczi também destaca que esses pacientes diziam sofrer de uma inibição sexual. Nesses casos, a doença sobrevinha por consequência de uma comoção súbita ou de traumatismos repetidos, mais ou menos importantes. Ferenczi diagnosticou os casos desse segundo grupo como histeria de angústia.

Para que a locomoção ocorra é preciso a inervação voluntária dos membros, mas, no caso desses pacientes, essa inervação estava vinculada a uma angústia intensa. O que os levou a modificar de forma geral seu modo de vida, evitando certos movimentos, o que também pode receber o nome de fobia. Nisso se revela mais uma possibilidade de entendimento do trauma psíquico. O trauma abalou a autoconfiança que os pacientes tinham, e toda a ameaça de repetição dessa experiência produz angústia, levando o paciente a evitar os atos que possam repetir a situação patogênica. Ferenczi destaca que, diante da perspectiva freudiana, essa forma de angústia tem uma raiz sexual.

Ferenczi descreve o caso de dois pacientes com distúrbios na locomoção que tinham, outrora, uma autoestima elevada. Eles foram, no entanto, confrontados com uma potência maior que eles, a explosão de uma obus que os jogou por terra como bonecos de palha. Essa experiência abalou seriamente a autoconfiança de ambos. E retornando ao que havia desenvolvido no *O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios*, Ferenczi concluiu que esse acontecimento havia atacado a onipotência de seus pacientes, fazendo com que eles regredissem a um estágio anterior do desenvolvimento onto e filogenético.

Esse choque psíquico pode muito bem ter acarretado uma *regressão neurótica*, ou seja, o retorno a um estágio ultrapassado há muito tempo (nos planos onto e filogenético). (Essa regressão nunca falta na sintomatologia das neuroses, pois as fases totalmente superadas na aparência jamais perdem por completo seu poder de atração e manifestam-se sempre, desde que se apresente uma ocasião propícia.) Parece que o estágio para o qual esses dois neuróticos regrediram é o estágio infantil do primeiro ano, onde não se sabe ainda ficar de pé nem andar corretamente. Sabemos existir na filogênese um protótipo desse estágio, pois a marcha vertical é uma conquista bastante tardia dos nossos ancestrais mamíferos (Ferenczi, 1916, p.305 — grifo do autor).

Outro sintoma característico daqueles que sofrem de neurose de guerra analisado por Ferenczi foi o tremor. Esse grupo de sintomas também possui um caráter regressivo, retornando aspectos onto e filogenéticos.

O modelo ontogenético desse modo de reação encontra-se na primeira infância e o modelo filogenético na longínqua série de ancestrais animais, quando o ser vivo ainda reagia às excitações, não pela modificação do meio ambiente exterior (fuga, aproximação), mas por uma transformação do seu próprio corpo (id. *ibid.*, p.270).

O último grupo de sintomas identificado por Ferenczi nessa publicação de 1916 foi a hiperestesia dos órgãos do sentido. Ele interpretou esses sintomas a partir da teoria freudiana da preparação para a ansiedade. Nos casos de seus pacientes, Ferenczi entende que, mesmo tendo havido uma certa antecipação da experiência traumática, a atenção dirigida a ela foi desproporcional à intensidade real da excitação e, por isso, ela não pôde impedir que houvesse um escoamento dessa excitação por vias anormais. Para ele, diante dessa excitação a consciência age excluindo-a. Isto acarreta um certo desequilíbrio entre a consciência, poupada minimamente do choque, e o resto do aparelho psíquico. Para ocorrer o equilíbrio entre esses sistemas desajustados é preciso que a consciência aceite sua parte das excitações excluídas. É justamente nesse aspecto que a hiperestesia dos órgãos tem a sua função. Ela transmite para a consciência progressivamente a quantidade de expectativa de angústia que o paciente economizou no momento do choque.

Pela exposição feita pelo psicanalista húngaro, podemos entender que Ferenczi argumenta, a partir de Freud, que os pequenos traumatismos repetidos são, na realidade, uma tendência do organismo para a cura. Curiosamente, o mesmo fenômeno que levou a argumentação freudiana à concepção da ideia de pulsão de morte é levantado por Ferenczi como uma demonstração dessa tendência do organismo para cura. O sonho traumático, tal como o tremor, é uma forma do psiquismo reagir à excitação penosa, mas, nesse caso, o faz sem tomar as excitações externas. O aparelho psíquico cria as representações capazes de gerar medo.

Ainda no tema da neurose traumática, Ferenczi apresentou um relatório no V Congresso Internacional de Psicanálise de Budapeste, em 20 de setembro de 1918, que fora publicado sob o título *Psicanálise das neuroses de guerra*. Nesse escrito, ele volta a analisar a sintomatologia presente naqueles que foram acometidos de neurose traumática. Ferenczi (1918) destaca ser comum que esses pacientes apresentem depressão hipocondríaca, pusilanimidade, angústia e uma excitabilidade elevada. Esses sintomas

podem ser atribuídos a uma sensibilidade do ego, principalmente do que diz respeito à hipocondria e à incapacidade de suportar desprazeres morais e físicos.

O ego desses pacientes está hipersensível devido à retirada da libido dos objetos exteriores e sua concentração no ego. Isso ocorre pelo impacto da experiência ou de uma série de experiências. O investimento libidinal no ego causa uma estase da libido, que se exprime na forma dos sintomas. Tamanho investimento no ego pode acarretar em uma forma de narcisismo infantil. Ferenczi nos diz que esses doentes gostariam de ser *cuidados e amados como crianças* (ibid., p.28). Nesse caso, a perspectiva de regressão ganha força, pois se pode identificar esse narcisismo infantil como uma regressão ao estágio infantil do amor a si mesmo.

Sob a ótica da regressão, Ferenczi também explica o sintoma de angústia e os distúrbios da marcha. Ele reafirma que distúrbios da marcha são medidas defensivas contra a repetição da angústia, gerada pelo choque. Quando há a predominância desse quadro sintomático, Ferenczi diagnosticou como histeria de angústia, que nada mais é que uma regressão ao estágio infantil no qual o indivíduo não sabe andar ou ainda está aprendendo. O entendimento sob a tendência regressiva fez com que o psicanalista húngaro conclua que *o motivo primário da doença é o próprio prazer de permanecer no seguro abrigo da situação infantil, outrora abandonada a contra gosto* (ibid., p.29).

A reflexão quanto aos fenômenos relacionados às neuroses de guerra abriu espaço para que Ferenczi identificasse um modelo atávico na sintomatologia. Nesse caso, o que estaria sendo repetido é apenas a filogênese. Pela primeira vez na teoria de Ferenczi, aparece a possibilidade de que o elemento ontogenético não esteja presente na regressão, mas tudo ainda no domínio do princípio do prazer:

Todos esses fenômenos mórbidos, narcísicos e de angústia, também têm seu modelo atávico; pode-se mesmo supor que essa neurose equivale, por vezes, a comportamentos que não desempenharam qualquer papel no desenvolvimento individual (simulação da morte nos animais, atitudes e modos de proteção da descendência nos animais durante a evolução). Tudo se passa como se um afeto demasiado intenso não pudesse mais descarregar-se pelas vias normais, mas devesse regredir a modos de reação já abandonados, mas virtualmente existentes (ibid., p.29).

Outro sintoma trabalhado por Ferenczi e de vital importância para o nosso objeto de pesquisa nesse artigo foi o sonho. Ferenczi identifica que os sonhos de seus pacientes são uma tentativa de cura espontânea.

Sigo neste ponto uma indicação de Freud de considerar esses sonhos de medo e de angústia, assim como o fato de se mostrar medroso durante o dia, como tentativas de cura espontânea do paciente. É aos poucos que esses pacientes entregam à abreação consciente seu medo insuportável, incompreensível em sua totalidade e, por conseguinte, convertido em sintomas físicos, e contribuem assim para o restabelecimento do equilíbrio perturbado de sua economia psíquica (ibid., p.30).

Vale ressaltar que, mesmo Ferenczi referenciando Freud em sua conclusão, não é esse o mesmo caminho que ele seguiu no *Além do princípio do prazer*. Freud identificou no sonho traumático a compulsão à repetição que o guia para a teorização da pulsão de morte, enquanto Ferenczi o coloca a serviço da vida.

Em um texto publicado em 1921 e chamado *Reflexões psicanalíticas sobre os tiques*, Ferenczi(1921a) investiga a afirmação de Freud quanto ao tique ser um fenômeno de natureza orgânica. Analisando a questão, ele percebe que o tique é um distúrbio com uma orientação diferente daquela encontrada em uma neurose de transferência.

Ferenczi descreve um curto caso de análise de um paciente que realizava certos movimentos estereotipados. Nessa análise algo chamou sua atenção, a orientação diferente dos tiques poderia estar relacionada ao fato de que eles são, na realidade, sintomas narcísicos.

Sob a perspectiva do narcisismo, os horizontes se abrem para o entendimento do sintoma. Ferenczi nos diz que o narcisista sofre *de uma hiperestesia pronunciada, sendo incapaz de suportar uma excitação física sem defesa* (Ferenczi, 1921a, p.84). Tal condição se relaciona com o narcisismo da doença, já que um dos caminhos para que a libido se fixe em um determinado órgão é um narcisismo constitucional, em que a mínima lesão em uma parte do corpo é capaz de atingir o ego como um todo. Dessa forma, podemos compreender que a hipersensibilidade constitui o motivo das manifestações motoras, e a hiperestesia (localizada ou generalizada) é apenas uma expressão do narcisismo, de um apego da libido ao indivíduo, ao seu corpo; ou seja, da estase da libido de órgão. O tique opera dentro da lógica do princípio do prazer. O indivíduo permanece infantil no plano psíquico e demonstra incapacidade de reter excitações sensíveis e psíquicas, usando da descarga motora para a primeira e a fala para a segunda.

Outra categoria de tiques demonstrados pelo autor é a que ele chamou de tiques neuropáticos. Nesse caso, o que ocorre é um investimento libidinal anormal em órgãos que sofreram alguma alteração patológica ou traumática. Ferenczi estabelece uma comparação entre esse tipo de tique e a conversão histérica de Breuer e Freud, nos dois casos há a possibilidade da regressão para um traumatismo que, mesmo esquecido, não foi

perfeitamente descarregado na experiência traumática, mas que, diferente da histeria, o tique não guarda nenhuma forma de simbolização autoerótica no corpo e o que ocorre é uma lembrança do próprio traumatismo orgânico.

Essa concepção do tique leva a uma expansão da estrutura do sistema psíquico. É preciso que haja um sistema mnêmico do ego. Esse sistema é responsável por registrar os processos psíquicos e somáticos do indivíduo, sendo inconsciente, por um lado, e transbordando para o pré-consciente e para a consciência, de outro. A formação simbólica do tique diz respeito a um conflito entre o núcleo do ego e o narcisismo.

Aprofundando ainda mais o entendimento quanto ao tique, Ferenczi lança mão da perspectiva de Freud sobre a dor no texto *O recalçamento*. O psicanalista húngaro expõe que Freud afirmou haver uma possibilidade de que o estímulo externo se torne interno quando esse corrói ou destrói um órgão. Nesse caso surge uma nova tensão, e o estímulo se assemelha com a pulsão. Essa afirmação de Freud diz respeito à dor atual, mas pode ser ampliada para os tiques, que são lembranças da dor. O que ocorre é que uma lesão em uma parte do corpo fortemente investida pela libido forma, no sistema mnêmico do ego, um depósito de excitação pulsional. Esse acúmulo de excitação é sentido como desprazeroso, é a motilidade e é uma forma de escoá-la. Uma grande parte dos movimentos realizados durante o tique são aqueles que, quando a dor era atual, tinham a função prática de diminuir a dor, mas que persistem mesmo quando a dor já se foi. Nessa forma de tique podemos observar uma pulsão em estado nascente, pois, retornando a Freud, Ferenczi nos diz:

toda pulsão é a reação de adaptação, “organizada” e transmitida hereditariamente, a uma perturbação de natureza externa, que se deflagra em seguida desde o interior, mesmo sem razão externa, ou com base em ligeiros sinais vindos do mundo externo (ibid.. p.97).

Na perspectiva da regressão, podemos compreender que a pulsão nasce de uma necessidade do organismo de se adaptar ao meio. Mas a pulsão exerce pressão constante, levando que a mesma estratégia de adaptação seja repetida. Quando essa estratégia é abandonada, há uma tendência no indivíduo de retornar a ela, tal como ocorre nos estágios de desenvolvimento abandonados.

O acumulado pulsional, sentido como sofrimento, demanda uma ação por parte do psiquismo. Ferenczi destaca três formas de lidar com essa aflição. A primeira é pela fuga, a segunda por uma defesa ativa e a terceira pela possibilidade desse sofrimento se voltar contra a própria pessoa.

Essa terceira forma de lidar com a dor se relaciona com um comportamento comum em animais inferiores, a autotomia. Quando esses animais recebem uma excitação dolorosa em uma parte do corpo, eles simplesmente deixam a parte cair. Em alguns casos, os animais se revoltam com violência contra essa parte do corpo e a arrancam às dentadas. Esse mesmo modelo explicativo pode ser observado no reflexo normal de coçar, onde se pode observar um desejo de eliminar a parte de epiderme submetida à excitação. O que destaca dentro do nosso objetivo de pesquisa é que Ferenczi relaciona a autotomia com o elemento masoquista da pulsão, sendo essa um protótipo desse componente. Diz ele: *A psicanálise ligará sem dificuldade a reação de defesa ao sadismo e a autodestruição ao masoquismo; assim, a “autotomia” seria um protótipo arcaico do componente pulsional masoquista* (ibid., p.99). Retornaremos a discussão sobre a possibilidade de aproximação da autotomia com a pulsão de morte posteriormente.

No artigo *A propósito da crise epiléptica*, publicado postumamente, mas escrito em 1921, Ferenczi (1921) aborda metapsicologicamente a crise epiléptica e aproxima a sua posição com a conceituação da pulsão de morte de Freud.

Ferenczi identifica na epilepsia a ação da regressão em dois momentos diferentes. O primeiro, na crise em si, em que há um retorno aos estágios dos movimentos descoordenados. Mas, quando sobrevém a calmaria, há também um retorno à situação intrauterina. O epiléptico acumula e descarrega os afetos segundo um modelo infantil. Por meio da regressão, ele pode suspender a relação com o mundo externo e se refugiar em uma existência “autística”, na qual a clivagem entre o ego e o mundo ainda não ocorreu, ou seja, a vida intrauterina. Ferenczi, também supõe haver uma forte participação das pulsões sadomasoquistas nos afetos descarregados na crise.

Quanto ao rompimento com o mundo externo, há outro fenômeno que serve de modelo para a crise epiléptica, o sono normal. A semelhança do sono com a crise epiléptica é tamanha que Ferenczi define a crise como *um sono extraordinariamente profundo, cujas as excitações externas mais intensas não chegam a despertar o indivíduo* (Ferenczi, 1921b, p.148). Vale ressaltar que ele também aproxima o sono com o retorno à vida intrauterina.

A epilepsia situa-se no limite entre as neuroses de transferência e as neuroses narcísicas. A intensidade de seus sintomas aponta para uma regressão narcísica mais profunda do que a que ocorre no sonho normal. E na descarga motora e no delírio pós-epiléptico, o indivíduo investe contra o mundo externo ou lança sua agressividade contra si mesmo, se apegando à relação objetal.

Ainda há um elemento importante na crise epiléptica analisado por Ferenczi. Em alguns casos o doente chegou a falecer, em situações onde um simples movimento da cabeça seria o bastante para salvá-lo. Nesses casos *a regressão pré-natal ultrapassou, por assim dizer, a situação intrauterina, até atingir o estado de não vida* (ibid., p.152). Nessa citação há a primeira referência dentro da obra de Ferenczi à pulsão de morte de Freud. Esse conceito central na passagem para a segunda tópica freudiana, aparece de forma sutil em uma nota de rodapé, relacionada à citação acima, ele escreveu *ver a observação de Freud sobre a pulsão de morte em Para além do princípio do prazer* (ibid., p.152). Outro elemento que nos chama atenção nessa primeira aparição é o fato de que, mesmo que esse retorno ao estado de não vida guarde evidente proximidade com o escrito do *Além do princípio do prazer*, sua explicação não se dá mediante ao conceito chave de operação na proposta freudiana, a compulsão à repetição. Ferenczi a explica mediante o seu conceito fundamental, a regressão.

Ferenczi retorna ao modelo animal da autotomia como um protótipo filogenético desse retorno contra a própria pessoa. Metapsicologicamente o que ocorre é uma retirada da libido do próprio organismo, que passa a ser tratado como algo estranho ao ego e hostil. A dor física ou uma profunda tristeza podem reforçar a aspiração à quietude absoluta, a morte. Mesmo que Ferenczi tenha recorrido a Freud com sua nota de rodapé, outras diferenças entre as suas posições ficam óbvias. O caráter mortífero ganha força mediante o sofrimento, não havendo nenhum indicativo da autonomia da pulsão de morte. Outro elemento que nos indica isso é o fato de que é preciso primeiro haver uma cisão no ego para que a autodestrutividade se manifeste. Ou seja, ela não é antecessora, ela é consequência. Ela ocorre por meio da falta de investimento libidinal no próprio corpo e não pela ação de uma tendência ao inorgânico.

2.2 Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade

Figueiredo (1999) aponta que na visita de Freud a Papá, ele e Ferenczi iniciaram um projeto de escreverem um livro sobre a psicanálise e a biologia de Lamarck. Esse empreendimento os acompanhou durante anos e, mesmo que o projeto Lamarck nunca tenha saído do papel, os dois autores se mantiveram adeptos à biologia lamarckista. Esse projeto povoou as reflexões dos dois autores durante anos. Herzog & Pacheco-Ferreira (2015) propõem que o projeto não escrito deixou frutos. Sendo o primeiro, e menos evidente, o *Além do princípio do prazer*, e o segundo, esse com uma proximidade mais

explícita, o *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. As autoras também destacam que, mesmo com essa proximidade teórica, na leitura desses textos, um certo desacordo quanto ao conceito da pulsão de morte se apresenta.

O primeiro capítulo do *Thalassa* recebeu o título, e o enfoque, *A parte ontogenética*. Ferenczi (1924) inicia o texto apontando que coube à psicanálise a árdua tarefa de exumar os problemas da sexualidade, problemas esses que mofavam no armário de venenos da ciência. Suas propostas sobre a função do coito foram oriundas de suas observações clínicas de casos de impotência sexual masculina. Ferenczi afirma que Karl Abraham apontou um vínculo estreito entre a genitalidade e o erotismo uretral na ejaculação precoce. Nesses casos os indivíduos dão pouco valor para sua ejaculação, tratando-a como se fosse a urina. Ferenczi complementa essa afirmação, dizendo que em alguns casos os pacientes eram sobremaneira econômicos com seu esperma e sofriam de uma impotência ejaculatória. Quanto a esse grupo de pacientes, ele afirma que a sua organização anal apresenta com o ato sexual a mesma vinculação que Abraham apontou na ejaculação precoce.

Retornando o que foi exposto por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Ferenczi questiona a substituição das formas do autoerotismo pelo primado da genitalidade, pois seu entendimento sobre o processo da ejaculação apontou para uma anfimixia dos erotismos ou das pulsões parciais, ocorrendo uma fusão, ou síntese, do erotismo anal e uretral em um erotismo genital. O deslocamento anfimíctico ocorre durante toda a vida do indivíduo, sua extensão vai além do coito.

Para Ferenczi (1924), o primado da genitalidade tem uma função biológica: ela contribui para a conservação do organismo. Podemos observar esse movimento por meio dos caminhos do desenvolvimento da libido, desde a fase autoerótica, passando pelo narcisismo, até o amor objetal. Durante o autoerotismo, as pulsões parciais se satisfazem de maneira anárquica, não considerando o resto do organismo. Com o desenvolvimento, a libido passa a ser lançada para fora desses órgãos e se acumula em uma espécie de reservatório, onde pode ser evacuada de tempos em tempos. Caso isso não ocorresse, a sobrevivência do indivíduo estaria em risco, pois a boca se manteria como órgão erótico e não se preocuparia com a ingestão de alimentos. O olho se limitaria à contemplação erótica, ficando cego para os perigos do mundo externo. O mesmo ocorreria com a pele e com a musculatura. Dessa forma, o primado da genitalidade permitiu uma melhor adaptação do organismo a situações difíceis e catastróficas. Essa forma de organização faz

com que o aparelho genital represente todas as partes do corpo. Ele também gerencia a descarga erótica para todo o organismo.

Na passagem do autoerotismo para o narcisismo primário se tem o resultado do deslocamento anímico do erotismo para baixo. O membro viril se torna um duplo em miniatura do ego inteiro, a encarnação do ego-prazer. Para esse pequeno ego é necessário criar as condições que lhe garantam uma satisfação simples e infalível. Durante o pré-coito (carícias e beijos), ocorre a identificação entre os parceiros e um apagamento dos limites de seus egos. Dessa forma, o homem que já introjetou o órgão feminino, não precisa se preocupar em entregar o seu órgão de maior valor para um ambiente hostil. Assim, durante o coito, as tendências egoístas e sexuais conseguem se equilibrar. No final do ato sexual, o esperma se separa do corpo, escoando a tensão sexual, ficando em um ambiente tido como protegido (o corpo da mulher). Mas isso pode indicar um processo de identificação entre o ego e a secreção. Ferenczi conclui que no coito há um tríplice processo de identificação: o organismo como um todo com o órgão genital; com o parceiro sexual; e com a secreção genital.

A evolução da sexualidade e a identificação do ego com o pênis e com a segregação indicam que todo esse caminho, incluindo o coito, é uma tentativa do ego *de regressar ao corpo materno*, situação em que a ruptura dolorosa entre o ego e o meio ambiente não existia ainda (ibid., p.292). Essa regressão ocorre no coito de três formas diferentes, e, mediante as identificações do ego, no que diz respeito à identificação do organismo como um todo, ocorre por via alucinatoria. Pela identificação com o pênis, ocorre de forma simbólica. E pela identificação com o esperma, esse como representante do ego e de seu alter ego narcísico (órgão genital), é quem chega de fato no interior do corpo materno.

A tendência à regressão ao corpo materno lança luz sobre o complexo de Édipo. O desejo edipiano é uma manifestação psíquica dessa tendência biológica geral, tendência essa que impele o organismo vivo ao retorno ao estado de repouso que desfrutou antes do nascimento. Diante dessa argumentação de Ferenczi podemos apontar algumas proximidades e disparidades com a conceituação freudiana da pulsão de morte. Há, de fato, nas duas argumentações uma tendência central ao retorno, mas enquanto Freud aponta para o zero pulsional, a nulificação das tensões, Ferenczi advoga no sentido do retorno à unidade. Uma unidade que não diferencia sua existência do meio, a experiência primeira da onipotência. Nesse estado, as necessidades são satisfeitas no instante em que se

apresentam, ou seja, o mínimo de tensão possível. Mas o mínimo ainda é diferente do nada freudiano.

Retornando à publicação *Desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios*, Ferenczi (1924) reafirma sua hipótese de que essa tendência regressiva à situação intrauterina domina o homem, e ele se apega a ela de uma forma mágica-alucinatória. Mas para ocorrer o pleno desenvolvimento do sentido da realidade é necessário que o homem abandone essa tendência e encontre na realidade algo que possa substituí-la. Porém, mesmo no mais alto grau de abandono, a tendência regressiva persiste. O sono e os sonhos são formas dela se manifestar, assim como a vida sexual e a fantasia permanecem ligadas à tendência para a realização desse desejo primitivo.

Ferenczi propõe uma expansão do que foi desenvolvido em 1913. Ele explicou, por meio das fases do desenvolvimento da sexualidade de Freud, a ação da tendência regressiva na lógica sexual. Vale notar que, no início, esse elemento é ainda muito rudimentar, mas que, com o desenvolvimento, essas tentativas de retorno vão se tornando mais explícitas, tendo como ponto final um sentimento de realidade erótica.

Durante a primeira fase do desenvolvimento, o erotismo oral, são as pessoas em volta da criança as responsáveis pela manutenção da ilusão da situação intrauterina. Toda a atividade da criança se resume em mamar, mas esse objeto de amor (seio materno) é imposto sobre a criança por sua mãe, de forma que o amor primário é um amor objetual passivo. O sugar constitui a atividade puramente libidinal desse primeiro momento. Nessa forma de satisfação, Ferenczi identificou um elemento que persiste em toda a atividade erótica posterior, o ritmo da sucção. Esse elemento irá se integrar via anfimixia à masturbação e ao coito.

O lactante se comporta como um ectoparasita do corpo materno, tal como fora um endoparasita no período fetal. Porém, durante a amamentação, essa criança apresenta uma agressividade crescente contra sua mãe, a calma da fase oral-erótica desemboca em uma fase canibalesca. Com o desenvolvimento dos dentes, a criança age como se quisesse devorar sua mãe e, diante dessa violência, a mãe não tem outra opção além do desmame. Ferenczi conclui que os dentes não estão apenas a serviço da autoconservação, mas também servem à tendência libidinal. Eles são *instrumentos pelos quais a criança procurar penetrar no corpo da mãe* (ibid., p.295). Os sonhos e os sintomas neuróticos testemunham nesse sentido. Regularmente se pode encontrar neles uma identidade simbólica entre o dente e o pênis. O dente, então, pode ser entendido como um pênis arcaico, que tem seu papel libidinal renunciado pelo desmame. Mas não é o dente que simboliza o pênis, mas o

pênis que, posteriormente, se torna o símbolo do instrumento de penetração do corpo materno.

O canibalismo infantil já contém os elementos agressivos que vão se manifestar no próximo estágio de desenvolvimento, o anal-sádico. A libido anal e o sadismo se relacionam justamente pelo deslocamento da agressividade canibalesca para a função intestinal. Esse deslocamento ocorre devido ao desagrado da criança, quando é exigido dela obediência a certas regras de higiene. Mas a tendência regressiva oral-erótica persiste sob a forma da identificação da criança com as fezes, pois, depois da recusa da agressividade libidinal oral-erótica por parte da mãe, a criança canaliza essa libido para si mesma. Dessa forma, ela é em simultâneo a mãe e a criança (fezes), o que permite que ela se torne independente da mãe no plano libidinal.

No período da masturbação, que inicia o primado da zona genital, a libido anal-sádica está presente. Porém, a criança passa a se identificar com o pênis, e a concha de sua mão passa a simbolizar o corpo feminino. Ferenczi destaca que nessas últimas duas fases a criança exerce um papel duplo, o masculino e o feminino. Para ele, isso se relaciona com a bissexualidade infantil. O duplo papel permanece na vida adulta, todo ser humano consegue exercer em seu corpo, o papel de mãe e criança. A continuidade da libido nas fases posteriores de desenvolvimento permite a observação do elemento agressivo da fase oral até a genital. Temos que destacar que Ferenczi operou sobre a agressividade canibalesca da fase oral dentro da sua perspectiva da regressão, como uma ação da força libidinal. Nessa perspectiva, não há menção, ou necessidade, de recorrer à conceituação da pulsão de morte.

No final do desenvolvimento da libido infantil, a criança volta à mãe como objeto de desejo, mas dessa vez munida de uma arma mais eficiente, o pênis ereto. O pênis teria a plena capacidade de adentrar no corpo materno, se não fosse os interditos sociais e educativos, somados a um mecanismo de defesa específico, que põe um fim nesse precoce amor edipiano.

Com a falha do retorno ao corpo materno dos estágios oral, anal e masturbatório (períodos autoplásticos), o órgão sexual masculino é o que vai permitir uma nova tentativa de realizar essa tendência, mas agora de forma aloplástica, primeiramente com a própria mãe e depois com as outras mulheres. O elemento agressivo nessa fase se manifesta pela violência da conquista do objeto e pela penetração.

A agressividade masculina na mulher se transforma em um prazer passivo:

a agressividade masculina transforma-se na mulher em prazer passivo de se submeter ao ato sexual (masoquismo), o que pode explicar-se, por uma parte pela presença de *pulsão muito arcaicas (a pulsão de morte, de Freud)* (ibid., p.298 — grifo nosso).

Essa primeira citação da pulsão de morte dentro do *Thalassa* demonstra um padrão razoavelmente comum de Ferenczi ao lidar com o conceito. Ele aparece entre parênteses, tímido, sutil e às vezes de forma forçosa. Temos a impressão de que, nesses casos, Ferenczi não estava muito confortável em lidar com essa ideia. Essa última citação caracteriza bem um desses acontecimentos. Sua citação à pulsão de morte é contida, principalmente se compararmos com a extensão que ela encontrava nas obras de Freud. Nessa argumentação, Ferenczi opera a pulsão de morte de forma complementar e acessória. Ele submete essa ideia, que em Freud era autônoma e além do princípio do prazer, à força da tendência regressiva ao útero materno. Figueiredo argumenta enfaticamente esse aspecto:

contudo, quase sempre o termo [pulsão de morte], vem de fato ou simbolicamente, entre parênteses como quem diz: o que tem sido chamado por aí de pulsão de morte?. Na verdade, as sentenças que o termo aparece poderiam funcionar muito bem sem ele (Figueiredo, 1999. p.206).

Retornando ao texto, Ferenczi (1924) estende sua análise aos sintomas neuróticos e aos outros elementos envolvidos no ato sexual. A glândula peniana é envolvida permanentemente por uma membrana mucosa (prepúcio), constituindo uma réplica em miniatura da situação intrauterina. Durante a ereção, a glândula é projetada para fora, o que guarda algumas semelhanças com o nascimento. Nesse estado de excitação é experienciado um certo nível de desagrado, que elucida o desejo de restabelecer a situação perdida pelo pênis (representante narcísico do ego) de retornar à situação perdida por meio da penetração em outro invólucro. Ou seja, o desejo de penetrar o corpo da mulher e alcançar a satisfação que ele estava desfrutando de maneira autoerótica.

Ferenczi observa que o coito é um fenômeno sobredeterminado. Ele é um processo impregnado de prazer, como representação da feliz situação intrauterina, e, em simultâneo, é a repetição de situações desprazerosas, como a primeira experiência de angústia (nascimento). Com isso podemos compreender que todo o desenvolvimento sexual apresenta tentativas consecutivas de retornar ao corpo materno, mas é a organização genital que corresponde à realização final dessa intenção, embora a satisfação da pulsão de regressão materna ainda seja parcial. Em suas tentativas de satisfação, a pulsão reproduz sua própria história de desenvolvimento. Ela acaba por repetir a luta de adaptação que

ocorre no indivíduo, luta essa que tem sua gênese na perturbação de um estado anterior de satisfação.

A primeira dessas grandes lutas adaptativas é o próprio nascimento, que constitui uma experiência traumática para o indivíduo. O coito, atividade final do primado da zona genital, representa simultaneamente um retorno ao seio materno, assim como a angústia do nascimento e a vitória sobre essa mesma angústia, que se dá pelo desfecho feliz do nascimento. Ferenczi aproxima suas hipóteses com os exemplos que Freud levantou no *Além do princípio do prazer*:

Podemos aproximar essa hipótese dos exemplos que Freud utiliza para ilustrar a *compulsão à repetição* em sua obra *Além do princípio do prazer* (1921). Essa analogia talvez assuma ainda mais valor se atentarmos para o fato de que chega a um resultado idêntico a partir de hipóteses inteiramente diferentes (ibid., p.310 — grifo do autor).

Figueiredo (1999) destaca algo interessante sobre essa citação de Ferenczi ao *Além do princípio do prazer*. Ferenczi não aproximou suas propostas teóricas com as de Freud, apenas dos exemplos fornecidos por ele. Os exemplos ligados à compulsão à repetição, que levaram Freud a falar de uma entidade de ligação básica e fundamental no psiquismo. Essa atividade é quem cria as condições para ação do princípio do prazer, pois quando um excesso de energias livres invadem o psiquismo, essa atividade de ligação e conversão de energia livre em energia tônica se torna predominante, *levando o indivíduo a um nível de funcionamento que está aquém/além do princípio do prazer* (ibid., p.166). Essa forma de funcionamento visa a preservação do aparelho psíquico. Ou seja, dentro dessa perspectiva, podemos falar de uma ação que diminui a tensão no aparelho, mas não há espaço para o zero tensional e a extinção do aparato psíquico.

Ferenczi (1924) explica em qual ponto se deu a proximidade entre suas ideias com as de Freud. Para ele, Freud explicou a neurose traumática e a brincadeira da criança por uma compulsão a descarregar progressivamente, e em pequenas quantidades, a excitação não liquidada, cuja quantidade não permite que isso seja feito em sua totalidade. Ferenczi observa que esse modelo se aproxima com a sua concepção do coito, pois nele há uma descarga parcial do efeito traumático do nascimento. Mas há também uma celebração do feliz desfecho da situação difícil, e o trauma é negado por uma alucinação negativa.

Mesmo aproximando sua posição com a compulsão à repetição de Freud, Ferenczi ainda lança mão de uma incerteza quanto à natureza desse elemento de repetição. Ainda

não é certo para ele *se essa repetição constitui uma compulsão ou um prazer, se ela se situa aquém ou além do princípio do prazer* (ibid., p.311). Para ele, essa repetição, por ser uma liquidação do efeito do choque traumático, é uma compulsão. Mas Ferenczi define a compulsão como *uma reação de adaptação imposta por uma perturbação exógena* (ibid., p.311). Porém, ainda há o elemento da comemoração da vitória do nascimento e nesse campo só há *puros mecanismos de prazer* (ibid., p.311). Temos que destacar que, ao definir a compulsão, Ferenczi enfoca na relação do organismo com o meio. Uma posição diferente da autonomia que a compulsão à repetição tem na pulsão de morte nos escritos freudianos. Podemos compreender que a repetição traumática possui, para Ferenczi, simultaneamente uma dimensão compulsiva e uma dimensão de prazer. Nesse sentido, Camara e Herzog (2018) afirmam:

repete-se não somente o trauma, como também o triunfo sobre ele; é revivido não apenas a angústia sofrida ante a situação catastrófica, como também o prazer de ter sobrevivido a ela, o prazer de ter abreagido um pouco de sua excitação, enfim, o prazer do sujeito ter ativamente esquecido de sua experiência (ibid., p.256).

Prosseguindo com o texto, Ferenczi (1924) debate sobre como as forças pulsionais estão divididas. Para ele, essas forças estão divididas de forma desigual entre o germe e o soma. A maior parte das pulsões não resolvidas estão no germe. Dessa forma, a compulsão à repetição traumática seria derivada do germe e, a cada repetição, livraria o indivíduo de uma cota de desprazer. Ao mesmo tempo, o coito seria o responsável da satisfação do soma, liquidando os traumas pequenos sofridos durante a vida.

O entendimento do desenvolvimento sexual e a função psíquica do coito permitiu que Ferenczi expandisse sua compreensão do que ele chamou de psicologia do erotismo. Grande parte das atividades pulsionais se originam em perturbações externas ou internas, mas no que diz respeito às pulsões lúdicas, entre elas as pulsões eróticas, *é a própria pulsão que suscita o desprazer, com o único propósito de desfrutar em seguida de sua interrupção* (ibid., p. 311). Nesse caso, o desprazer experimentado é contido em um limite conhecido e previsto. Por meio dessa forma de repetição lúdica, Ferenczi explica o jogo infantil levantado por Freud. Ela é uma forma de reviver a felicidade de ser liberado de um desprazer. O homem sobreviveu ao grande perigo que foi o nascimento e descobriu a alegria de poder viver fora do corpo materno. É justamente esse elemento que leva o indivíduo a reproduzir situações perigosas, porém atenuadas. Ele o faz apenas pelo prazer de poder afastá-las novamente. De forma que o retorno ao seio materno, durante o coito, a

repetição e o elemento lúdico têm efeitos revigorantes. Há nessa argumentação uma retomada da soberania do princípio do prazer, *o reinado periodicamente autorizado do princípio do prazer traz consolo ao ser vivo empenhado numa luta difícil e dá-lhe forças para prosseguir em seu esforço* (ibid., p.313).

Por meio da relação simbólica, Ferenczi pôde captar a relação entre o nascimento e o coito. Essa relação indica que os fragmentos da história do indivíduo persistem e podem ser acessados por meio da técnica psicanalítica. Eles se expressam no psiquismo e no corpo, mas ainda estamos na perspectiva ontogenética, e se há a continuação da história na vida individual, o mesmo pode ocorrer na espécie como um todo, o que nos coloca na trilha da filogênese.

Em sua experiência clínica, Ferenczi percebeu que o peixe flutuando, ou nadando, era uma produção simbólica, individual e coletiva, muito frequente. Para ele, essa imagem costumeira representa, simultaneamente, o coito e a vida intrauterina. Mas esse símbolo poderia guardar mais significados do que a sua semelhança com esses elementos. Ele poderia também expressar uma parte do conhecimento filogenético inconsciente, afinal os homens são descendentes dos vertebrados aquáticos.

Mesmo inseguro quanto a essas ideias, Ferenczi continua a depositar esforços para desenvolvê-las. Ele propõe que:

toda a existência intrauterina dos mamíferos superiores fosse apenas uma repetição da forma de existência aquática de outrora, e se o próprio nascimento representasse simplesmente a recapitulação individual da grande catástrofe que, quando da secagem dos oceanos, obrigou tantas espécies animais e certamente os nossos próprios ancestrais a se adaptarem à vida terrestre e, em primeiro lugar, a renunciarem à respiração branquial para desenvolver órgãos próprios para a respiração de ar? (ibid., p.315).

A lei da biogenética fundamental de Haeckel postulava que o desenvolvimento do embrião reproduz a evolução da espécie. Mas Ferenczi propõe uma expansão dessa concepção, o desenvolvimento dos anexos protetores do embrião também encobrem uma parte da história da espécie. Eles podem repetir as mudanças do ambiente que ocorreram durante a evolução. Isso constitui um paralelo onto-filo-perigenético.

A análise dos sonhos e das neuroses permite a apreensão de uma relação simbólica entre o corpo materno e o oceano, assim como com a terra. Esse simbolismo guarda um elemento da experiência do indivíduo, pois, enquanto feto, ele era um endoparasita aquático e, depois do nascimento, se tornou um ectoparasita aéreo do corpo materno. Mas Ferenczi também identificou nesse simbolismo uma relação com a evolução da espécie, já

que o oceano e a terra representaram, no passado da vida no planeta, o papel da maternidade. Eles eram os protetores que cercavam e alimentavam as espécies primitivas. Dessa forma, o simbolismo do oceano vem de uma experiência mais antiga do que o simbolismo da terra. Esse último remonta ao tempo da secagem dos oceanos, quando o peixe fora lançado para a vida terrestre e teve que se contentar com a água que vinha do solo. Mas esse novo ambiente era minimamente favorável para o desenvolvimento desse animal e, com isso, ele pôde vegetar como um parasita, até se tornar uma espécie anfíbia.

A partir dessa nova consideração, o coito ganha ainda mais uma camada de compreensão:

Ao identificar-se com o membro viril que penetra na vagina e com os espermatozoides que se derramam no corpo da mulher, o indivíduo reproduz também, simbolicamente, o perigo mortal que seus ancestrais animais superaram com pleno êxito, graças a um meio ambiente favorável, quando da catástrofe geográfica da seca dos oceanos[...] no coito, o pênis não representa apenas o modo de existência *natal* e *pré-natal* do homem, mas também as *lutas do ancestral animal* que viveu a *grande catástrofe da seca* (ibid., p.318–319 — grifo do autor).

Na regressão talássica, esse desejo de retorno ao oceano, Ferenczi identifica dois elementos em ação: a pulsão e a atração. A pulsão diz respeito ao aspecto adaptativo do organismo, e a atração indica o caráter regressivo. Esses dois conceitos se entrecruzam, pois mesmo as pulsões que têm como alvo algo "adiante" buscam suas forças de atração do passado.

Para embasar a regressão talássica, Ferenczi se aproximou de Lamarck. Para ele, toda a evolução carece de uma mudança anterior, ou seja, para haver a adaptação é preciso que ocorra uma perturbação exterior ao organismo. A perturbação foi a seca dos oceanos, e a mudança acarretou o desenvolvimento do pênis e da vagina que o recebe, gerando uma tentativa de restabelecer a forma de vida aquática. Uma tentativa de retornar ao meio úmido e rico em nutrientes, que ganhou forma pelo restabelecimento da vida aquática no útero materno. Tal posição inverte o símbolo materno na equação, e é a mãe quem representa o oceano e não o contrário. Essa adaptação foi essencial para a sobrevivência das espécies, já que por meio dela os animais vertebrados combinaram a existência parasitária (fecundação e vida intrauterina) e a regressão talássica.

Ferenczi explica como a genitalidade dos animais superiores sofreu uma fusão entre a tendência regressiva e o instinto de conservação e fecundação. Tal como o coito, que repete a experiência do nascimento e da saída dos oceanos, um outro “algo” da

filogenia deve corresponder ao processo de fecundação. Esse outro “algo” *só pode ser a forma de existência unicelular dos tempos primitivos e sua perturbação por uma catástrofe primitiva que obrigou esses seres unicelulares a fundirem-se numa unidade* (ibid., 327).

Para o psicanalista húngaro, essa foi a mesma hipótese desenvolvida por Freud no *Além do princípio do prazer*, ao lançar mão da alegoria do *O Banquete* de Platão. Ele nos diz que: *Segundo Freud, uma grande catástrofe cindiu a matéria em duas partes, suscitando em cada um dos fragmentos o desejo de reunificação, o que poderia representar o começo da vida orgânica* (ibid., p.328). Discutiremos adiante essa possível aproximação de Ferenczi com a alegoria lançada por Freud.

Na sequência do texto, Ferenczi (1924) expande o alcance da regressão que ocorre no coito. A fusão do coito com a fecundação faz com que essa unidade fusionada vá além da representação da catástrofe individual do nascimento e da catástrofe da secagem dos oceanos, vivida pela espécie. Ela alcança todas as catástrofes que ocorreram depois do surgimento da vida. Essa concepção aparentemente aproxima a regressão com a pulsão de morte, pois o clímax do coito, o orgasmo, *não é apenas a representação da quietude intrauterina e de uma existência aprazível num meio mais acolhedor, mas também daquela tranquilidade que precedia o aparecimento da vida, a quietude morta da existência inorgânica* (ibid., p. 329).

A fecundação, como forma adaptativa de lidar com uma catástrofe, serviu de modelo para a fusão em uma unidade dos instintos de fecundação e de acasalamento, sem considerar suas origens. Esse modelo para lidar com as perturbações da vida não as elimina, as tensões das catástrofes onto e filogenéticas ainda são sentidas como penosas e desagradáveis e, por meio da autotomia, devem ser eliminadas.

Precisamos discutir sobre essa aparente proximidade entre a regressão e a pulsão de morte nessa última citação. Ferenczi aproximou a experiência do orgasmo com a quietude da existência inorgânica. Nesse ponto já temos que fazer uma pequena observação: o orgasmo se aproxima da quietude e não da vida inorgânica. Com isso, podemos argumentar que o psicanalista húngaro está nos dizendo que no orgasmo há uma liberação de tensão, que será sentida como uma satisfação “perfeita”, diminuindo drasticamente a tensão do aparelho psíquico. Afinal, temos que lembrar que na ejaculação há uma liberação dos traumas herdados, e adquiridos, pelo indivíduo. Ferenczi opera essa liberação pela autotomia, sendo justamente a ideia de deixar ir aquilo que gera desprazer, ou seja, dentro da lógica do princípio do prazer.

Ao trabalhar esse retorno ao inorgânico pela autotomia, ao invés da pulsão de morte, Ferenczi lança mão de um modelo evacuativo:

O modelo dessa operação autotômica é a evacuação, seja das fezes e urina que tensionam o organismo, seja das células germinativas em que se depositaram as memórias de todas as catástrofes experimentadas pela espécie e pelo indivíduo e cujo acúmulo no organismo produz desprazer (Figueiredo, 1999. p.193).

Ferenczi (1924) identificou que o organismo demonstra mais atenção com a substância germinal do que com os seus outros produtos. Ele pôde compreender isso pelo fato de que o corpo materno dispõe de mecanismos especiais para a proteção do feto. Tal forma de proteção vai além da simples solicitude do corpo da mãe, ela é também produto da vitalidade das substâncias geminais, mas, ao desenvolver essa camada protetora, a solicitude materna não é apenas um ato de amor, é também um ato de medo. Isso porque há no tecido germinal um acúmulo de instintos mortíferos. A camada protetora serve como um isolante desses instintos. Se há no plasma germinal essa quantidade de instintos mortíferos, é compreensível o cuidado do organismo com esse plasma, mesmo depois de tê-lo evacuado. Essa posição, no entanto, não ignora a proteção vinda do amor, ou seja, mesmo que esse plasma contenha o elemento mortífero, ainda é doloroso se separar dele, já que, por meio da identificação, a separação compromete a unidade do corpo. Alinhando essas duas posições, podemos compreender que para haver a separação é preciso que a tensão desagradável atinja um certo nível.

Já apresentamos a ideia de que as experiências traumáticas não liquidadas se acumulam no órgão genital e são eliminadas por ele. Algo semelhante ocorre com o plasma germinal, onde os traços mnêmicos das catástrofes filogenéticas se acumulam. Essas excitações forçam constantemente a repetição de situações de desprazer, mas essas repetições são quantitativa e qualitativamente atenuadas. Em cada repetição há uma mínima liquidação da tensão penosa. A persistência dessas experiências é tamanha que Ferenczi define a hereditariedade como uma *transferência para a descendência da maior parte da tarefa dolorosa de liquidar os traumas* (ibid., p.332).

Ferenczi busca uma aproximação de sua posição da repetição que ocorre no plasma germinal com a posição de 1920 de Freud. Ele diz:

Se retivermos a ideia desenvolvida por Freud de uma tendência dominante em todo o ser vivo no sentido de se esforçar pela realização de um estado totalmente livre de excitações e, em última instância, da quietude inorgânica (instinto de morte), poderemos acrescentar que, ao longo dessa transmissão de uma geração a outra do material traumático de excitações penosas, cada existência individual

ab-reage uma parte dessas excitações pelo próprio fato de vivê-las. Na ausência de novas perturbações ou de catástrofes, esse material traumático esgota-se pouco a pouco, o que equivaleria à extinção da espécie em questão (ibid., p.332).

Na repetição que ocorre no processo de fecundação, há também a participação das pulsões sexuais. Esse grupo pulsional acumula tensões, visando gozar de suas descargas. Com isso, podemos compreender que no processo do acasalamento é um compromisso entre a coerção traumática e a tendência erótica.

Retornando à relação entre as catástrofes sofridas pela espécie e seu impacto onto e perigenético, Ferenczi dispõe essa relação em um quadro esquemático.

Tabela 1

Catástrofes e Seus Impactos Filo-onto-perigenético

	Filogenia	Onto e perigenia
I. Catástrofe	Aparecimento da vida orgânica	Maturação das células sexuais
II. Catástrofe	Aparecimento dos organismos unicelulares individuais	“Nascimento” das células germinais maduras nas gônadas
III. Catástrofe	Início da reprodução sexuada ----- Desenvolvimento da vida marinha	Fecundação ----- Desenvolvimento do embrião no útero materno
IV. Catástrofe	Secagem dos oceanos ----- Aparecimento de espécies animais dotadas de genitais	Nascimento ----- Desenvolvimento do primado da zona genital
V. Catástrofe	Era glacial, hominização progressiva	Período da latência

(ibid., p.335)

Dentro desse quadro esquemático, Ferenczi destaca que, ao introduzir uma separação entre o aparecimento da vida orgânica e o aparecimento dos organismos unicelulares, individualizados, ele desdobrou a catástrofe cósmica que está na origem da vida na perspectiva de Freud. Na primeira catástrofe, a matéria orgânica surge *segundo um plano determinado* (ibid., p.334), e somente na segunda catástrofe essa matéria se

desenvolveria para indivíduos isolados, dotados de autotomia e autarcia. Essa separação que ocorreu na segunda catástrofe pode ser considerada o primeiro dos nascimentos. Se lembramos da teoria do trauma, que já expusemos, podemos observar o alcance da regressão na perspectiva ferencziana, pois se o nascimento é tido como essa primeira experiência traumática para o indivíduo, e este luta diariamente para lidar com o trauma decorrente dela, esse mesmo modelo se aplicaria à separação da matéria em indivíduos unicelulares isolados. Também podemos compreender que esse primeiro nascimento foi igualmente a primeira experiência de autotomia.

Após observarmos o quadro esquemático das catástrofes sofridas durante a evolução, podemos discutir aquela aproximação de Ferenczi com o *Além do princípio do prazer* e o mito platônico. Freud destaca uma catástrofe: aquela que dividiu a matéria inorgânica, e os elementos amorosos buscam recuperar a unidade perdida. Mas em Ferenczi são duas catástrofes operando: a primeira fragmentou a matéria inorgânica e criou a vida, e a segunda fez com que esses fragmentos buscassem a reunião. Isso quer dizer que antes da segunda catástrofe era possível ou, até mesmo aprazível, para os fragmentos viverem separados. Essa condição de vida era possível mediante uma relação favorável com o ambiente. Entretanto, com o advento da seca dos oceanos, a tendência ao retorno é imposta ao organismo.

Ferenczi propõe que a diferença entre sua perspectiva e a de Freud é apenas uma questão temporal, mas, se olharmos atentamente, esses pontos marcam uma diferença fundamental. Em Freud, o caráter conservador e regressivo indica um retorno ao estado anterior ao da primeira catástrofe. Ou seja, um estado anterior à fragmentação e à vivificação, o estado inorgânico. Dessa forma, faz sentido que ele tenha invocado como motor desse movimento a pulsão de morte. Já em Ferenczi, a regressão alcança o estado anterior à segunda catástrofe, a vida intrauterina e a vida marinha. Ou seja, a regressão se dá no espaço onde havia vida e essa vida estava em uma relação favorável com o meio (Figueiredo, 1999.).

Na continuidade do texto, Ferenczi (1924) aproxima o sono e o acasalamento, já que, nesses dois processos, a tendência regressiva se presentifica. Porém, os caminhos regressivos do sono e do acasalamento são diferentes. No processo do sono, o indivíduo nega em bloco o mundo exterior, e concentra todo o seu interesse no repouso. Esse movimento é feito por via alucinatória. O objetivo da regressão é alcançado de forma irreal e fantasmática. No processo do acasalamento, apenas uma parte do objetivo é realizado por

via da fantasia, outra parte opera na realidade, pois o órgão sexual e o esperma de fato penetram no corpo feminino.

Ferenczi destaca outra relação entre o sono e a genitalidade. O recém-nascido passa a maior parte do tempo dormindo e seu erotismo é primitivo, “autístico”. Na vida adulta há um crescimento da atividade sexual e uma diminuição do sono. Com a chegada da velhice, tanto o sono quanto a pulsão genital desaparecem progressivamente. Ele postula que esses dois processos dão lugar a misteriosas pulsões de destruição mais profundas. Podemos entender que essas pulsões de destruição ocupam o lugar no qual estavam o sono e a genitalidade, o do sentimento de “plena satisfação”, pela ausência de desejos, que só pode ser alcançado pelo retorno à vida intrauterina.

A relação entre o sono e a regressão fez com que Ferenczi atualizasse a teoria do sonho de Freud. O elemento regressivo do sono é perturbado por estímulos, os resíduos do estado de vigília, por isso cabe ao trabalho do sonho operar uma reinterpretação alucinatória, transformando esses estímulos em realização de desejos, ou seja, nos sonhos. Dessa forma:

o sentido mais profundo do sonho, é, por um lado, a relação sexual (no sentido da fantasia edipiana) e, por outro, a existência no corpo materno ou o retorno a esse estado... o caráter de realização de desejos dos sonhos como simples correspondente psíquico da tenência geral para a regressão materna (ibid., pp.342–343).

A tendência de regressão possui uma ação restauradora:

o indivíduo deve o revigoramento passageiro que extrai tanto da sexualidade como do sono a esse mergulho numa experiência paradisíaca onde não havia ainda lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de qualquer esforço. Diz-se que nos estados mórbidos a cura ocorre essencialmente durante o sono; consideramos ser também possível falar, a justo título, dos milagrosos efeitos curativos do amor; parece que nos dois casos a natureza recorre a forças geradoras arcaicas para colocá-las a serviço da regeneração (ibid., p.342).

O último capítulo do livro está sob o título *Conclusões bioanalíticas*, e nele Ferenczi propõe uma revolução no saber, tanto da psicanálise quanto das ciências naturais. É também nesse capítulo que há uma maior aproximação e, simultaneamente, um distanciamento com o conceito de pulsão de morte. O psicanalista húngaro nos lembra que, ao refletir sobre a anfimixia das qualidades das pulsões anais e uretrais no processo da ejaculação, ele lançou mão das ideias de deslocamento e condensação, ideias oriundas da

psicanálise e ignoradas pelas ciências biológicas. Mas foram justamente essas ideias que permitiram a expansão do modelo explicativo que culminou na hipótese do deslocamento e da condensação orgânicos. Afinal, a psicanálise já demonstrava a possibilidade do deslocamento da energia investida nas representações para o corpo, por meio da conversão, e o tratamento psicanalítico indicava a forma de retransposição dessa energia para o psiquismo. Ferenczi, então, propõe uma extrapolação desse quadro: a troca de energia também ocorre na economia orgânica, ou seja, na relação entre os órgãos. Essa nova forma de se lançar às ciências da natureza se torna acessível à análise. Assim, *colocamos a primeira pedra para a fundação de uma nova ciência bioanalítica, a qual transfere sistematicamente os conhecimentos e métodos da psicanálise para as ciências naturais* (ibi., p.346).

A nova ciência bioanalítica tem como método o utraquismo. Essa metodologia se baseia na abertura de um intercâmbio entre a psicanálise e as outras ciências. Com isso, Ferenczi objetivava trazer um certo fôlego e dinamismo para seu trabalho metapsicológico, ainda mais quando ele era executado em áreas engessadas ou pouco desenvolvidas.

Nessa nova concepção, a relação entre os órgãos vai além da função utilitarista. Cada órgão é dotado de uma “personalidade”, e neles repetem o conflito entre os interesses do ego e os da libido, acessíveis pela psicanálise. A nova concepção permite a distinção entre as pulsões eróticas, submissas ao princípio do prazer, e outro grupo pulsional meramente utilitarista. Destacamos que, nessa posição, Ferenczi parece trabalhar nos termos da primeira dualidade, aquela entre as pulsões sexuais e de autoconservação. Ele nos diz que por mais que essa distinção tenha valor, o entendimento áureo se dá na ideia da tendência regressiva.

Mas o que seria ainda mais importante (como Freud já constatou em sua “teoria das pulsões”), seria o estabelecimento da existência de uma tendência regressiva que rege tanto a vida psíquica quanto a vida orgânica. Tudo se passa como se por trás da fachada facilmente acessível às descrições biológicas sobrevivessem nos seres vivos uma espécie de inconsciente biológico, modos de funcionamento e uma organização pertencentes a fases há muito tempo superadas da ontogenia e da filogenia (Ferenczi, 1924. p.347).

Ora, ao recorrer ao conflito entre o ego e a libido, Ferenczi operou na perspectiva da primeira dualidade, e quando recorre às “teorias das pulsões de Freud”, o faz de forma comedida. Sabemos que o caráter retrógrado e conservador das pulsões ganhou força no pensamento freudiano a partir da segunda tópica, e é apenas nesse aspecto que Ferenczi parece se ancorar. A nova dualidade pulsional não demonstra seu impacto no argumento

que é a pedra angular de sua proposta bioanalítica. Poderíamos nos opor a esse argumento, afirmando que Ferenczi aponta para um retorno a um estado anterior ao embrionário, mas sua concepção caminha mais no sentido do retorno à filogenia arcaica do que à pulsão de morte freudiana.

Na perspectiva bioanalítica, o autor atribuiu a intemporalidade ao inconsciente biológico, tal como o inconsciente psíquico, o que possibilitou a descrição do coito e do sono como uma descarga de tensões traumáticas atuais, e, em simultâneo, como uma expressão da tendência de reproduzir a situação intrauterina e a vida aquática. Nesse contexto, Ferenczi faz uma breve citação à pulsão de morte. Ele diz: *o coito e o sono representam o ressurgimento de uma tendência para o repouso muito mais arcaico e primitiva ainda (desejo pulsional da paz inorgânica, pulsão de morte)* (ibid., p.348).

Os sintomas decorrentes dos processos mórbidos ganham uma nova significação dentro da bioanálise. Esses sintomas podem ser relacionados com a redistribuição da libido do órgão, já que a função utilitária do órgão só é efetuada por este, quando o organismo satisfaz suas exigências libidinais. Quando essa satisfação não é alcançada, há o risco de que a tendência da autossatisfação do órgão ressurja. Entre parênteses, Ferenczi exemplifica esse fenômeno recorrendo a Freud, *em Freud o abandono da função utilitária na cegueira histérica*³ (ibid., p.349).

A aplicação do saber psicanalítico nas ciências biológicas permite outra concepção da teoria da evolução.

“um estudo do “sentido de realidade” e com os estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional, partimos, a fim de examinar a evolução da genitalidade, do fato de que só uma excitação anterior, privação, ou catástrofe, pode ter forçado o ser vivo a mudar seus modos de funcionamento e sua organização (ibid., p.351).

A adaptação resultante dessas catástrofes guarda uma intenção escondida: restabelecer a situação de quietude abandonada o mais rápido possível.

Uma dúvida nos surge quando Ferenczi recorre aos “estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional”, pois na época de publicação do *Thalassa*, as últimas grandes publicações de Freud sobre a teoria das pulsões foram justamente o *Além do princípio do prazer* e o *Eu e o Id*. Se esse for o caso, Ferenczi se aproxima apenas da primeira parte do texto da primeira publicação, justamente aquela anterior à introdução da pulsão de morte.

³ Temos a impressão de que Ferenczi está recorrendo à publicação de Freud *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, de 1910. Publicação na qual Freud estabelece o aspecto conflituoso de sua primeira dualidade pulsional. Se esse for o caso, é mais um indício de que essa argumentação de Ferenczi está próxima da primeira dualidade pulsional de Freud.

Mas há indícios de que Ferenczi caminha para outro texto, um texto que dialoga justamente com seus estudos sobre o sentido da realidade. Como vimos, esse texto é o manuscrito não publicado, *Neuroses de transferência: uma síntese*. Se esse for o caso, é importante salientar que para Ferenczi não foi o *Além do princípio do prazer* o texto eleito como aquele no qual Freud fez seus estudos aprofundados da vida pulsional, mas o escrito onde a relação do organismo com o ambiente tem predominância.

Ao aplicar a perspectiva analítica aos processos evolutivos, a teoria da evolução é enriquecida. O modelo do recalque e do retorno do recalçado pode ser aplicado para compreender os fenômenos biológicos, pois o desejo de restabelecer o ponto de equilíbrio abandonado, devido às catástrofes, nunca é abandonado por completo, mas pode ter sua atividade diminuída momentaneamente. Isso ocorre pela ação da censura biológica, instituída pela diferença entre os interesses do ego e a realização da tendência regressiva. Dessa forma, há na biologia um processo semelhante à passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade: a força regressiva, quando impedida pela ação da censura, se torna progressiva, avançando no sentido adaptativo e aumentando sua complexidade.

Quanto ao efeito que o choque exógeno causa no organismo, Ferenczi cita de forma sutil a ideia de pulsão de morte de Freud:

O primeiro efeito de choque exógeno será o de despertar a tendência à autotomia que dormita no organismo (pulsão de morte); os elementos orgânicos não vão perder a ocasião que lhes é oferecida de morrer. Mas se a perturbação é violenta demais, portanto traumática, e não acompanha o ritmo progressivo segundo o qual o organismo foi outrora estruturado, produz-se uma “desintrincação” (Freud) imperfeita das pulsões do organismo, e os elementos desse começo de decomposição passam a ser os materiais da evolução ulterior. Assim, nas experiências de J. Loeb, os óvulos de ouriço-do-mar artificialmente fecundados pela água do mar hipotônica morrem em sua periferia por citólise; mais tarde, os fragmentos das células mortas formam uma membrana que impede o prosseguimento da decomposição, enquanto, sob o efeito da impulsão sofrida, o interior da célula começa a se desenvolver (ibid., p.321).

Nessa última passagem, aparentemente Ferenczi recorre à conceituação freudiana, mas acreditamos que esse movimento guarda mais proximidades formais do que essenciais. Primeiramente, temos que destacar que o termo pulsão de morte aparece mais uma vez entre parênteses, sem ser, de fato, incorporado ao texto. Como se Ferenczi estivesse apenas sinalizando que fizera o uso do conceito, mas sem operar diretamente com ele. Outro ponto que nos chama a atenção é o fato de que a tendência à autotomia é despertada pela ação do choque exógeno, ou seja, não se trata de uma tendência autônoma em ação, ela carece da relação do organismo com o meio. E Ferenczi submete a autotomia

ao princípio do prazer e não ao um princípio que vá além dele. Se admitirmos isso, teríamos que apontar uma submissão da pulsão de morte ao princípio do prazer, e esse seria o movimento contrário ao de Freud. Temos que lembrar que a autotomia, partindo do modelo animal, tem sua ação comumente aplicada em partes do organismo e não no organismo como um todo, tal como o modelo freudiano da pulsão de morte. O processo da autotomia faz com que o organismo abandone partes suas que são fontes de desprazer, assim ele pode restabelecer o equilíbrio energético. Ou seja, a autotomia é um mecanismo garantidor da vida, ela não caminha ao retorno ao inorgânico.

Poderíamos dizer que a morte, como esse primeiro passo para vida, também está contida na proposta freudiana, mas não nos mesmos termos que Ferenczi usa, pois essa desintração pulsional, a qual Ferenczi referencia Freud, causada pela ação traumática no organismo, fazendo que algumas partes dele morram e sejam usadas como material de evolução, não é operada na lógica da segunda dualidade pulsional. O altruísmo dos tecidos mortos é uma combinação de egoísmos elementares, ou seja, uma ação aproximada das pulsões do eu da primeira dualidade pulsional. É possível nos opormos a essa posição, resgatando que as pulsões de vida herdaram a primeira dualidade, mas nos parece não ser na perspectiva instaurada no *Além do princípio do prazer* que Ferenczi está argumentando. Isso porque, devido à complexidade do organismo, a tendência regressiva atua sobre aquilo que foi decomposto e é justamente essa ação da tendência regressiva sobre esses elementos, a responsável para que o organismo não tenha pressa em morrer e se reconstrua a partir de seus restos. Ou seja, Ferenczi não relaciona a continuidade da vida por meio das pulsões de vida, ele a explica por via das tendências regressivas.

As mesmas tendências regressivas que fundamentaram a ideia de que no processo evolutivo há *desejos que agem no sentido de restabelecer estados de vida ou morte anteriores* (Ferenczi, 1924, p.353). Ferenczi propõe que tal como ocorre na histeria, na qual o desejo pode se manifestar no corpo, o alterando segundo a sua imaginação, o mesmo pode ocorrer na evolução pela ação do inconsciente biológico. Ferenczi conclui que *a necessidade obriga os organismos à mudança, o desejo recalçado impele-os a voltar incessantemente à situação abandonada e, de certa forma, à sua reintegração* (ibid., p.354).

Para Ferenczi, sua bioanálise deveria assumir uma posição sobre a questão do início e do fim da vida. Ele entende a morte como uma conjectura teórica:

A verdadeira morte, o repouso absoluto, só é mencionado pelos físicos de um modo perfeitamente teórico quando afirmam que toda energia, de acordo com o segundo princípio fundamental da termodinâmica, está condenada à morte por dissipação. Mas desde já alguns naturalistas afirmam que essas energias dissipadas se reagrupam periodicamente, mesmo que os intervalos entre esses períodos sejam de longa duração (ibid., p.324).

Ferenczi também aponta não haver uma desintrincação pulsional completa entre as pulsões de vida e de morte:

não existe desintrincação total entre pulsão de morte e pulsão de vida, que mesmo a matéria tida como “morta”, logo, inorgânica, contém um “germe de vida” e, por conseguinte, tendências regressivas rumo ao complexo de ordem superior cuja decomposição lhes deu origem. As ciências naturais já afirmavam há muitíssimo tempo que não existe vida absoluta sem participação de tendências de morte em tudo o que está vivo (ibid., p.356).

Nem mesmo a morte absoluta é uma questão, talvez ela nem exista. O inorgânico pode dissimular germes de vida e tendência regressivas. Por isso:

Nesse caso, deveríamos abandonar definitivamente o problema do começo e do fim de vida e imaginar todo o universo orgânico e inorgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiriam estabelecer sua hegemonia (ibid., p.357).

Herzog e Pacheco-Ferreira (2015), valendo-se afirmam que mesmo que Ferenczi não se oponha às hipóteses estabelecidas no *Além do princípio do prazer*, é justamente no *Thalassa* que se pode observar uma discordância em relação à hegemonia da pulsão de morte no psiquismo. O pensamento ferencziano caminhava no sentido de uma oscilação entre as pulsões de vida e de morte. Para as autoras, Ferenczi pensava em variantes da pulsão de vida que ganha sua estrutura no laço com os outros. Figueiredo também argumenta nesse sentido:

Pensar nas relações entre as pulsões de morte e as pulsões de vida em termos da criação de um ritmo oscilante já é algo que vai além de um dualismo simples, de uma mera oposição. Agora vemos Ferenczi retomando essa ideia e lhe dando um alcance ainda maior... uma concepção absolutamente renovada da vida e da morte. Nesta nova concepção não há lugar para a morte absoluta, nem para a vida absoluta. Assim sendo, a vida já contém a morte em si mesma e, vice e versa, a morte já contém em si mesma a vida (Figueiredo, 1999. p.206).

2.3 A teorização de Ferenczi a partir de 1924

Em *Psicanálise dos hábitos sexuais*, Ferenczi (1925) se dedica a explicitar sua técnica ativa. Mas o que nos chama a atenção nesse escrito é a reflexão que o autor faz do sadismo dentro de sua perspectiva metapsicológica. Para ele, os impulsos sádicos dos neuróticos têm como base a angústia do coito. Os neuróticos consideram, inconscientemente, o coito como um ato perigoso, que poderia colocar em risco as suas próprias vidas ou seus corpos e, principalmente, o seu órgão genital. Por isso:

A intenção homicida tem por finalidade, pelo menos em parte, evitar a angústia, tornando de antemão o objeto de amor inofensivo, e isso a fim de poder em seguida gozar com tranquilidade, sem ser perturbado pela angústia de castração (ibid., p.378).

Ferenczi identifica essa intenção homicida por meio da fantasia de agressão dos neuróticos. Nela, a mulher é inicialmente atacada por armas externas, e só depois o coito de fato ocorre, ou seja, primeiro é preciso que o objeto sexual seja feito inofensivo para que depois o pênis possa ser usado como arma. Essa forma de realização sexual demonstra que os movimentos libidinais e agressivos, geralmente fusionados no coito normal, se desdobram em dois atos distintos.

Ferenczi também se dedicou ao entendimento sobre o masoquismo. Para ele, a necessidade dos masoquistas em sofrer, *cujas fontes profundas foram postas em evidência por Freud* (ibid., p.379), origina-se na vinculação do orgasmo com o sofrimento. Essa relação faz com que seja impossível, para eles, a realização de um coito normal, ou o coito só pode ocorrer depois das sensações penosas. As partes do corpo eleitas para receber a dor são as extragenitais. Com isso, a dor e a angústia podem ser deslocadas para outras partes do corpo, e os órgãos genitais podem experimentar uma satisfação indolor e livre da angústia da castração.

Precisamos destacar que Ferenczi cita Freud em suas reflexões, e em uma nota de rodapé referencia sobre qual publicação ele está se referindo: *O problema econômico do masoquismo*. No entanto, essa aproximação termina da mesma forma que iniciou, apenas com o aparecimento dos nomes. Não há nenhuma menção ao jogo da nova dualidade pulsional no par sadismo-masoquismo. O que ocorre é uma retomada da lógica do princípio do prazer para o entendimento do masoquismo, uma parte do corpo sofre o desprazer para que a tensão acumulada possa ser escoada, e o prazer alcançado.

Mais à frente no texto, Ferenczi se dedica à questão do hábito e, nesse contexto, lança mão da compulsão à repetição:

A teoria das pulsões, segundo Freud, permite-nos pela primeira vez entrever a motivação psíquica da tendência a repetir por hábito as primeiras experiências vividas; sua “compulsão à repetição” é uma derivação das pulsões de vida e de morte que se esforçam por repor tudo o que existe num estado anterior de equilíbrio (ibid., p.384).

Nessa aproximação da compulsão à repetição com o hábito, o caráter adaptativo é quem ganha destaque. A repetição ocorre por uma via já adaptada para o escoamento tensional, preservando o aparelho de realizar uma nova adaptação. Tudo ocorre dentro da perspectiva ferencziana: o organismo não quer mudar, só o fará se for obrigado. Valendo-se da nova topologia freudiana, Ferenczi afirma ser no Id onde se acumula as tendências para o hábito. Já o ego se movimenta quando há a ação de um novo estímulo perturbador, ou seja, quando há a necessidade de adaptação. Para realizar a adaptação, é preciso a ação da consciência e da percepção, enquanto os hábitos são depositados no inconsciente. No hábito, há uma relação dinâmica entre essas duas instâncias psíquicas. Ao adquirir um hábito, um ato adaptativo do ego é entregue ao id, enquanto que, ao perder um hábito, o ego se apodera de uma forma de descarga automática.

O hábito (e a repetição que ocorre nele) é mais um elemento que demonstra a tendência para restabelecer um estado anterior, e que cria simultaneamente algo novo, já que os instintos são hábitos que o indivíduo herdou de seus ancestrais.

Em 1926, Ferenczi publica *O problema da afirmação do desprazer*. Nesse escrito há uma aproximação direta do autor com a conceituação freudiana da segunda dualidade pulsional. O psicanalista húngaro retoma suas propostas expostas em *Transferência e introjeção* (1909) e *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913) e os aproxima da proposta da *A negativa* (1925), de Freud.

Ferenczi (1926) inicia o texto relembrando a sua posição quanto à experiência monista inicial da criança. Pois, se uma criança for preservada de toda e qualquer experiência de desprazer, sua existência é homogênea. Para essa criança, em um estado ideal, não será preciso qualquer distinção entre bom e mau, ego e ambiente, interior e exterior. Mas como já demonstrado na publicação de 1913, esse estado é impossível de ser mantido, algo ocorre durante o desenvolvimento infantil, que leva o infante do princípio do prazer para o princípio da realidade.

No ponto inicial de seu desenvolvimento, a criança acredita possuir uma onipotência incondicional. Ela se agarra a essa sensação, mesmo quando tem que submeter sua onipotência a condições específicas para a realização de seus desejos, até que em um momento a complexidade das condições obriga a criança a abandonar seu sentimento de onipotência e reconhecer a realidade. Nessa argumentação, nada de novo nos é apresentado, mas Ferenczi propõe o próximo passo do desenvolvimento de suas ideias. Um mergulho nos processos internos que acompanham essa transformação, ou seja, como a vida pulsional age nesse processo. Ferenczi recorre a Freud, afirmando que o desenvolvimento da sua nova teoria pulsional possibilitou essa empreitada.

Tínhamos necessidade da extrema simplificação a que Freud pôde finalmente reduzir a multiplicidade dos fenômenos pulsionais; refiro-me aqui à sua hipótese relativa à polaridade pulsional que abrange tudo o que vive; a polaridade entre a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte ou de destruição (ibid., p.432).

Nos primeiros passos em direção a esse mergulho, Ferenczi nos apresenta uma questão, a mesma que nomeia a publicação. Ele busca entender como a afirmação de um desprazer pode ser possível. Ele recorre à *A interpretação dos sonhos*, de Freud, e a um trabalho de Victor Tausk, para lançar mão do conceito de compensação. É justamente a possibilidade da compensação que vai permitir a afirmação do desprazer dentro de um sistema regido pelo princípio do prazer, pois:

se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer; o menos agradável torna-se, portanto, relativamente agradável e pode ser afirmado como tal (ibid., p.434).

Indo direto para o mergulho, Ferenczi nos apresenta a ideia de uma criança que teve sempre suas necessidades atendidas no momento correto, até que, pela primeira vez, experimenta a fome. Essa criança ainda não tinha noção do mundo externo, por isso não lhe era possível ter qualquer sentimento, bom ou mal, em relação a ele. Mas agora seu corpo sofre com a fome, a ausência nutricional provoca uma destruição de ordem fisiológica, mas também opera uma desintrincação pulsional no psiquismo. Quando essa criança reencontrar o seio materno, este não será algo indiferente, cuja existência não precisa ser reconhecida. O seio se torna um objeto de amor e de ódio. De ódio pelo tempo que precisou passar sem ele, e de amor, pois, com a privação, a satisfação foi ainda mais intensa. Assim, devido à desintrincação pulsional, o seio se torna uma representação de objeto.

Ferenczi identifica o ódio com a pulsão de morte e o amor com a pulsão de vida. A ambivalência entre o ódio e o amor permite que o indivíduo reconheça a existência das coisas. O que ama o indivíduo, aquilo que satisfaz sempre as suas necessidades, é incluído no ego sem que ele se dê conta; já aquilo que é sempre hostil é recalcado. Mas há coisas que não estão incondicionalmente à disposição, há objetos que o indivíduo ama pela satisfação que alcança neles, mas também os odeia, pela sua insubordinação aos seus desejos. Esses objetos são marcados por traços mnêmicos, nos quais se ligam um caráter de objetividade. Quando o indivíduo reencontra esses objetos, pode alegrar-se por poder amá-los novamente. E quando um objeto hostil não pode ser recalcado plenamente, seu reconhecimento testemunha no sentido de que se deseja amá-lo, mas que a maldade do objeto impede. Esse movimento pode ser observado no homem primitivo:

O selvagem mostra-se, portanto, perfeitamente conseqüente quando, após ter matado o seu inimigo, testemunha-se o maior amor e respeito. Demonstra simplesmente assim que teria preferido ter paz, que queria viver em harmonia perfeita com o mundo à sua volta, mas que foi impedido de fazê-lo pela existência de um “objeto incômodo”. O aparecimento desse obstáculo acarretou um desintricamento de suas pulsões sob o crescendo do componente agressivo e destrutivo; após a satisfação obtida pela vingança, o outro componente pulsional, o amor, também procura a satisfação (ibid., p.436).

Nessa passagem podemos perceber que o elemento do ódio não é primário, ele se relaciona com a percepção de que algo no objeto escapa à vontade do indivíduo. Ou seja, mesmo operando de forma próxima à dualidade pulsional de Freud, o caráter relacional ainda ganha destaque no pensamento de Ferenczi.

A ambivalência permite o reconhecimento da existência dos objetos, mas ainda não dá para elas um caráter objetivo. Nesse ponto a relação é puramente afetiva, os objetos se tornam alternadamente alvos do amor e do ódio. A objetividade só é alcançada quando as pulsões são inibidas e reunidas em um novo intricamento pulsional. Dessa forma, somente quando as pulsões se inibem, é possível a realização de um julgamento e de uma ação objetiva.

Com o jogo pulsional estabelecido na construção da objetividade, podemos caminhar para compreender os estágios de desenvolvimento do ego no sentido da realidade. Inicialmente, a onipotência é atribuída ao ego, e todo o universo é apropriado por ele. Ferenczi nomeia essa fase como período de introjeção. Posteriormente, a onipotência é atribuída ao outro, esse é o período de projeção, até que, finalmente, esses

dois mecanismos são utilizados igualmente, assim o julgamento da realidade pode ser alcançado.

O reconhecimento do mundo externo é um processo doloroso para o indivíduo, já que ele deve perceber que algumas coisas boas não pertencem ao seu ego, e que o faz discernir um mundo externo. Simultaneamente, ele percebe que pode produzir em seu ego coisas ruins, e que elas são inescapáveis. O próximo passo é dado quando ele reconhece, e suporta, uma privação total imposta pelo mundo externo e, paralelamente, reconhece os desejos recalcados associados a sua renúncia. Ferenczi destaca a ação de Eros nesse reconhecimento:

Como esse reconhecimento, sabemos-lo hoje, exige uma parte de Eros, portanto, de amor, o que é inconcebível sem introjeção, ou seja, sem identificação, somos levados a afirmar que o reconhecimento do mundo externo corresponde, de fato, a uma realização parcial do imperativo cristão: “Ama os teus inimigos”. Mas a resistência encontrada pela doutrina psicanalítica das pulsões mostra que a reconciliação com o inimigo interior é para o homem a tarefa mais difícil a cumprir (ibid., p.438 – 439).

Retornando a sua bioanálise, Ferenczi elucida alguns elementos na vida orgânica que servem de protótipos para a adaptação do ser vivo à realidade. Algumas formas de vida permaneceram no estágio narcísico, elas não agem sobre o mundo, apenas esperam que suas necessidades sejam atendidas. Caso não sejam, elas morrem. Esses seres estão deveras próximos da saída do inorgânico para o orgânico, tão próximos que *sua pulsão de morte tem muito menos caminho a percorrer para ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz* (ibid., 439). Com o desenvolvimento, o organismo ganha a capacidade da autotomia, lançando para partes do corpo o desprazer e salvando a sua própria vida. Mas a capacidade de adaptação à realidade só vem posteriormente, com o reconhecimento orgânico do mundo exterior.

A adaptação ao meio, seja ela orgânica ou psíquica, traz consigo outra questão. Nesse processo, algumas partes hostis do mundo externo são incluídas no ego, e partes amadas são excluídas dele. Ferenczi primeiramente recorre à ideia de compensação, pois o prazer renunciado e o desprazer aceito são feitos na expectativa de que ocorra uma restituição completa. Mesmo que essa hipótese tenha valor explicativo, ela ainda não é suficiente para elucidar alguns outros eventos, pois há casos em que não se encontra qualquer compensação à renúncia. Para esses casos, Ferenczi recorre à teoria pulsional de Freud:

Uma vez que é impossível livrar-se de apuros com esse gênero de explicação otimista, o jeito é recorrer à teoria das pulsões, segundo Freud, e constatar que, em certos casos, as pulsões de destruição voltam-se contra a própria pessoa, que, inclusive, a tendência para a autodestruição, para a morte, é a pulsão mais primitiva, e que só no transcorrer do desenvolvimento é que ela passa a ser dirigida para o exterior (ibid., p.401–402).

De fato, como vimos nessa última citação, o caráter mortífero e destruidor da pulsão de morte, como encontramos na proposta freudiana, parece ter sido incorporado por Ferenczi nesse texto. Dizemos nesse texto, pois em nenhuma outra publicação esse elemento é exposto de forma tão direta pelo autor. Mas será que isso indicaria uma aceitação? Parece-nos apenas uma aceitação momentânea, pois Ferenczi destaca que, dada a impossibilidade atual de avançar o pensamento, lhe restou recorrer às concepções de Freud. Mas, e se essa impossibilidade se desfizesse? Então a aceitação não seria mais necessária, ou seja, Ferenczi indica esses elementos da pulsão de morte como uma solução provisória para que o pensamento pudesse continuar seu curso, e não uma formalização desse conteúdo dentro de sua teoria.

Retornando ao texto, Ferenczi (1926) afirma que esse direcionamento masoquista da agressão atua em todos os movimentos de adaptação. Retomando a posição de Sabina Spielrein, ele afirma que na adaptação a destruição se converte em uma causa do devir, pois só é tolerado uma destruição parcial do ego, visando construir um ego ainda mais resistente. Dessa forma, podemos compreender que a destruição parcial do ego ainda mantém alguma lógica da compensação, pois ela só é permitida para que o ego tenha algum benefício. Ou seja, nesse caso, o ego nunca esteve em perigo real. Podemos notar que, ao recorrer à posição de Freud, Ferenczi demonstrou uma certa hesitação. O mesmo não ocorreu ao citar Spielrein, pois o que se destaca nas formas de autodestruição é o seu potencial criador. Assim como diz Gondar (2013., p. 32):

Daí o gosto de Ferenczi pelo título do livro de Sabina Spielrein: A destruição como causa do devir. É desse modo que ele explica o desenvolvimento de novas possibilidades, tanto subjetivas quanto culturais: os movimentos de criação e expansão se fazem a partir de fragmentos, restos de uma destruição ou de uma autodestruição ativa.

Finalizando a publicação, Ferenczi (1926) destaca que outro elemento importante para a adaptação do organismo à realidade é a memória, que também é compreendida por meio do desintrincamento pulsional. Os traços mnêmicos são impressões traumáticas feitas pela ação de destruição que Eros emprega na preservação da vida, o que permite ao ego se

orientar no mundo externo e fazer julgamentos. Ferenczi então conclui que *só a pulsão de destruição quer o mal e é Eros quem dela extrai o bem* (ibid., p.442).

E quanto à problemática da afirmação do desprazer, Ferenczi nos diz:

O reconhecimento do mundo exterior, ou seja, a afirmação de um desprazer só é possível após o abandono da defesa contra os objetos que são fontes de desprazer e sua negação, e após a transformação em impulsos internos das excitações que proveem desses objetos, incorporando-os ao ego. A força que realiza essa mudança é Eros libertado pelo desintricamento pulsional (ibid., p.443).

Chegamos a uma publicação de Ferenczi onde o termo pulsão de morte já aparece no título, *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. O autor inicia seu escrito elogiando o *Além do princípio do prazer*, de Freud, e ele estima essa publicação como um trabalho revolucionário sobre a vida pulsional em toda a vida orgânica. Vida essa que pode ser, agora, compreendida como manifestação de duas pulsões básicas: a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Ferenczi (1929) prossegue elucidando como Freud explica a epilepsia a partir de sua teoria da dualidade pulsional. Nesse quadro, há uma separação das duas pulsões, o sintoma epilético seria uma manifestação da tendência autodestrutiva sem a inibição da vontade de viver. Mas Ferenczi nos surpreende, essa aproximação com a dualidade pulsional freudiana é subvertida sutilmente quando ele analisa sua própria experiência clínica com o mesmo fenômeno. Ele nos diz de casos onde *a crise epilética seguia-se a experiências de desprazer, as quais davam ao paciente a impressão de que a vida não valia ser vivida* (ibid., p.56). Ao relacionar a crise epilética com o desprazer, Ferenczi parece deixar em aberto o modelo da autotomia e da regressão, propostos em sua publicação de 1921: *A propósito da crise epilética*. O que, por sua vez, demonstra a possibilidade de outro fator, além do constitucional, estar operando, o trauma.

Outro elemento que nos possibilita essa suposição é a outra inversão que Ferenczi realizou nesse texto, inversão sobre nossa afirmação de que o termo pulsão de morte tendia a aparecer entre parênteses em suas publicações. Nesse caso, o termo aparece incorporado ao texto, mas a sua posição frente a ele, e sua insegurança, é o que aparece em parênteses. Em sequência à última citação, ele complementa: *(Naturalmente, nada quero dizer de definitivo quanto à natureza do ataque)* (ibid., p.56). Mas falar sobre a natureza do ataque foi justamente o que Freud fez, e nisso Ferenczi se dá o direito de recuar. Isso ocorre como se Ferenczi nos dissesse “eu entendo o valor da teoria pulsional na obra de Freud, eu

consigo assumi-la como perspectiva e valido seu valor como hipótese explicativa. Mas não me comprometo com ela”.

Analisando alguns casos clínicos, nos quais os sintomas presentes eram distúrbios nervosos respiratórios e circulatórios, e em outros, onde a sintomatologia era a inapetência total e um emagrecimento inexplicável. Ferenczi (1929) pôde analisar a tendência inconsciente de autodestruição. Em todos esses casos, algo havia de comum: os sintomas eram condizentes com uma tendência autodestrutiva dos pacientes. Esses pacientes tinham de lutar contra uma tendência suicida.

Mas dois casos especiais de espasmo da glote infantil foram os que deram os indícios para que Ferenczi fizesse sua reflexão. Primeiramente, ele destaca que interpretou esses casos como uma tentativa de suicídio por autoestrangulamento. Os dois pacientes em questão tinham um elemento em comum, ambos foram *hóspedes não bem-vindos na família* (ibid., p.57). Porém, essa aversão não passou incólume, os infantes notaram os sinais conscientes e inconscientes dela, o que fez com que sua vontade de viver fosse quebrada. Dessa forma, até mesmo o menor dos acontecimentos poderia *suscitar nelas a vontade de morrer, mesmo que fosse compensada por uma forte tensão da vontade*. (ibid., p.57). Essas observações serviram para que Ferenczi propusesse sua hipótese:

Eu queria apenas indicar a probabilidade do fato de que crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam um dos numerosos meios orgânicos para desaparecer rapidamente, ou se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida (ibid., p.58).

Ferenczi passa a se dedicar sobre como se dá a ação das duas classes pulsionais em diferentes etapas da vida. No início da vida, o organismo experimenta um impulso de crescimento, o que fez com que se pensasse que nessa fase a pulsão de vida era predominante, ou seja, se representava as pulsões de vida e de morte como séries complementares. Dessa forma, o máximo da pulsão de vida seria no começo da vida, e seu ponto zero nas idades mais avançadas. Mas o autor propõe uma reformulação radical desse quadro. Para ele, de fato, o organismo se desenvolve com abundância no início da vida, mas isso só ocorre quando há condições favoráveis de proteção desse organismo. Por meio do amor dos pais dedicado à criança, o infante pode perdoar seus progenitores por colocá-lo no mundo. E se a criança não o fizer, as pulsões de destruição podem entrar em ação. Ferenczi afirma que isso ocorre pelo fato de que o bebê ainda está muito próximo do não ser individual, e um retorno a esse estado para ele é mais fácil do que para um adulto.

Isso porque é a experiência da vida que afasta o indivíduo desse estado. A força vital é fraca no nascimento, *ela só se reforça após a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato* (ibid., p.59). É somente depois dessa imunização que a pulsão de vida pode contrabalançar as tendências para a autodestruição.

Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) destacam que o conceito central para a compreensão da posição de Ferenczi é a imunização, pois é esse conceito que indica o distanciamento do psicanalista húngaro das questões constitucionais para a valorização do tato do ambiente. As pulsões de vida, responsáveis pela imunização, são integrantes no ser humano, mas sua capacidade de ação é potencial. Ou seja, a capacidade de imunização das pulsões de vida só se realizará se o ambiente favorecer sua dinamização. As autoras destacam que o mesmo se pode dizer sobre a pulsão de morte:

Pode-se pensar que o mesmo se aplica à pulsão de morte, a falha na imunização corresponderia a um recrudescimento da tendência ao inorgânico. Ambas as tendências dependeriam das primeiras relações do indivíduo com o meio circundante e não estariam ligadas à constituição (ibid., p.188).

Podemos observar as diferenças de foco entre Freud e Ferenczi quanto aos fatores ambientais ou constitucionais, quando o autor sintetiza sua explicação sobre os indivíduos com pouca vontade de viver.

Aqueles que perdem tão precocemente o gosto pela vida apresentam-se como seres que possuem uma capacidade insuficiente de adaptação, semelhantes àqueles que, segundo a classificação de Freud, sofrem de uma fraqueza congênita de sua capacidade para viver, com diferença, porém, de que nos nossos casos o caráter congênito da tendência mórbida é simulado, em virtude da precocidade do trauma (ibid., p.59).

Ferenczi então propõe uma nova perspectiva terapêutica para lidar com esses casos:

Deve-se deixar, durante algum tempo, o paciente agir como uma criança [...] Por esse *laissez-faire* permite-se a tais pacientes desfrutar pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos positivos de vida e razões para se continuar existindo” (ibid., p.59).

Com isso o autor indica que primeiramente deve o analista introduzir cotas de pulsão de vida no paciente, e somente depois a análise pode prosseguir normalmente.

Em 1933, o psicanalista húngaro publicou o polêmico texto *Confusão de língua entre adultos e crianças*. Ferenczi já havia compartilhado as ideias contidas nessa publicação um ano antes no congresso Wiesbaden, e sua recepção foi adversa. O próprio

Freud mostrou-se deveras decepcionado, a ponto de pedir que Ferenczi reconsiderasse suas ideias e parasse de editar artigos por um tempo (Herzog & Pacheco-Ferreira., 2015. p.189).

Ferenczi inicia o texto criticando a comunidade psicanalítica pela negligência dos fatores exógenos na gênese da formação do caráter e das neuroses. Ao dar as costas para os elementos relacionais, recorre-se a explicações apressadas, reduzindo esses elementos complexos à predisposição e à constituição. Essa posição de Ferenczi não advém apenas de suas reflexões teóricas, ela está fundamentada em sua prática clínica, melhor dizendo, ela está fundamentada em seus fracassos e no seu incessante esforço pelo sucesso terapêutico. Ele relata casos nos quais esperava que a ab-reação dos afetos reprimidos seria o bastante para pôr fim à formação de sintomas. Porém, o sucesso dessa técnica foi comedido, por mais que a repetição do trauma na análise tenha sido bem sucedida, e os sintomas tenham sido abrandados. Com o tempo, os pacientes começaram a sofrer de estados de angústia noturna e pesadelos, e os ganhos dos sintomas se mostraram apenas provisórios. Ferenczi confessa ter se acalentado sobre esses fracassos dizendo para si mesmo *que o paciente tinha resistências demasiado fortes, ou que sofria de um recalçamento do qual só podia adquirir consciência e se libertar por etapas* (ibid., p.112).

Mas, com o passar do tempo, esse quadro não se modificou, já que a preocupação clínica de Ferenczi não podia mais encontrar consolo nessas afirmações, e ele teve de realizar sua autocrítica e compreender a sua implicação nesses processos terapêuticos fracassados. Esse movimento autorreflexivo fez com que Ferenczi estivesse aberto para receber as críticas de seus pacientes, mesmo quando eles o acusavam de ser egoísta, frio, distante e insensível. Mas os pacientes que faziam tais acusações eram poucos, a maioria se revestia de docilidade. Porém, ele notou que mesmo esses pacientes dóceis experimentavam em sigilo pulsões de ódio e cólera para com ele, apenas não as manifestavam diretamente. Ao invés disso, eles se identificavam com o analista.

As críticas recalçadas do paciente advém, em sua maioria, da hipocrisia profissional do analista. Alguns traços do paciente podem ser difíceis de suportar, ou a sessão de análise pode gerar uma perturbação no analista. A saída de Ferenczi para esses casos, era a tomada de consciência desses elementos, a renúncia da hipocrisia e a admissão desses fatos como reais para o paciente.

A nova postura de Ferenczi na relação terapêutica proporcionou uma melhora significativa para os pacientes. Eles experimentaram uma diminuição das crises traumáticas históricas, que mesmo quando ocorriam, seus impactos eram reduzidos.

Durante a sessão, foi possível a repetição, via pensamento, dos eventos traumáticos do passado, sem isso levar o paciente a um desequilíbrio psíquico.

Após desbravar essa questão técnica, um elemento teórico subjacente foi encontrado por Ferenczi. A frieza do analista, tão duramente sentida pelo analisando, repete a situação vivida na infância que fez o paciente adoecer. Por isso, na situação analítica, a repetição do trauma se torna insuportável, repetindo também o resultado do trauma primitivo. Mas, ao abandonar a hipocrisia profissional e autorizar as críticas, ganha-se a confiança do paciente. Essa confiança é justamente *aquela algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico* (ibid., p.115). E com esse laço de confiança estabelecido, o passado pode ser reproduzido como uma lembrança objetiva. Pois, quando o paciente regride ao infantil, ele é como uma criança, sensível apenas à benevolência materna. E se ele encontrar a frieza pedagógica, ao invés desse calor maternal, se verá abandonado em seu sofrimento. Ou seja, ele estará na mesma situação em que emergiu a doença e não terá outra opção além de repetir seus sintomas.

Justamente por sua sinceridade terapêutica, Ferenczi abriu o caminho para abordar questões profundas de seus pacientes, como os inúmeros casos de violência sexual sofrido por crianças das mais diversas camadas sociais. Não se tratava apenas das fantasias históricas, mas de confissões de adultos realizadas em uma análise sincera. Esses tristes casos evidenciaram a hipótese do fator traumático, principalmente o sexual, na gênese do adoecimento.

Ferenczi descreve como ocorre as seduções incestuosas, a criança e o adulto se amam. Mas o infante é incapaz de introduzir nessa relação qualquer elemento sexual propriamente dito, ele participa unicamente no nível da ternura. E isso permanecerá assim, a menos que o adulto, movido por uma psicopatologia ou por uma alteração tóxica, interprete o terno amor infantil como um amor sexual adulto, alcançado apenas na maturidade. O que acarreta uma diferença quanto aos afetos investidos na relação, de um lado a ternura, do outro, a paixão, uma confusão de formas distintas da linguagem do amor

Ocorrendo o ato, a criança se sente indefesa e, já que sua personalidade ainda não possui as forças necessárias para protestar contra o abuso, ela não consegue se erguer contra a autoridade do adulto. O medo a leva à única estratégia defensiva possível, *obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor* (ibid., p.117). Quando a figura do agressor é introjetada, ela desaparece do mundo exterior e se torna interior. Mas essa figura, agora introjetada, pode ser submetida ao

princípio do prazer e ser modelada alucinatoriamente, de forma positiva ou negativa. Dessa forma, o agressor deixa de ser percebido como realidade exterior, e a ternura da criança pode se manter. Mas a criança introjeta a culpa do adulto e vê o ato como merecedor de punição. Sobrando-lhe um estado de completa confusão, ela está dividida, simultaneamente inocente e culpada.

A criança, perdida, busca um adulto de confiança para relatar o acontecido, e recebe dele a mesma resposta que o paciente recebe do analista, que interpreta seu relato apenas como uma fantasia neurótica. O fato é desmentido, sua fala é desautorizada, que acarreta uma dificuldade da representação simbólica do ocorrido. O efeito do desmentido é devastador para a criança, pois, o adulto que ela buscou para relatar a sua experiência não só desqualificou essa experiência, mas também a sua forma de significar o mundo. Assim, a violência sofrida pela criança se constituiu como trauma pela impossibilidade de atribuição de sentido:

em virtude da impossibilidade de atribuição de sentido ao vivido, isto é, pela falta de mediação simbólica entre as diferentes línguas. De acordo com Ferenczi (1931/1992, p. 79), não é a linguagem da paixão, por si só, o principal fator traumático, mas o desmentido, isto é, “a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento (...)”. A confusão traumática, portanto, sobrevém com a desautorização da vivência da criança pelos objetos primordiais, lançando-a em um dilema inconciliável: confiar na verdade do adulto ou confiar na verdade dos sentidos (Mello & Herog, 2009, p. 70).

O sentimento de culpa do adulto muda sua relação com a criança. Ela, que até então, era um objeto de amor, se transforma em um objeto ambivalente, investida simultaneamente de afeição e ódio. Mas essa ambivalência não existia previamente na criança, ela possuía apenas o amor terno para com o adulto. Sendo alvo desse ódio, a criança é traumatizada e, paralisada diante dele, se torna um autômato. Ela, culpada do amor, imita o adulto, e esquece de si mesma. Podemos observar que, enquanto em Freud o sentimento inconsciente de culpa é um dos fenômenos centrais para a teorização da pulsão de morte, Ferenczi (1933) trabalha sobre o mesmo sem considerar o seu caráter constitucional. Pelo contrário, o psicanalista húngaro enfatiza a capacidade traumática do meio.

Mas o adulto sustenta sua hipocrisia, age como se o abuso nunca tivesse ocorrido. E a criança se torna incapaz de reagir ao desprazer por via da defesa, restando-lhe apenas a identificação com aquilo que a agride. Devido à precocidade, essa condição faz com que o núcleo da personalidade permaneça fixado em um tempo onde a adaptação aloplástica era

impossível, constituindo *uma forma de personalidade feita unicamente de id e superego* (ibid., p.118).

Para essa criança o que sobra é a “sorte de soldado”, um heroísmo que ela ainda não consegue realizar, ou os adultos reagem com o silêncio da morte, fazendo que a criança seja tão ignorante como se deseja. Podemos apontar que Ferenczi afirma a possibilidade da morte, a disjunção silenciosa entre o sujeito e o mundo, e com ele mesmo, pode vir de sua relação com o outro. Assim como na análise das crianças recebidas com hostilidade, o analista pode injetar porções de Eros (Ferenczi, 1929), aqui vemos como o mundo pode injetar a morte.

Ferenczi indica a presença de um outro elemento na autodestruição, a angústia. Ela é uma consequência direta do traumatismo. O indivíduo não consegue se adaptar à situação de desprazer, então luta para se desvencilhar dela, pela fuga ou pela eliminação da fonte, mas, ao se ver incapaz, a autodestruição é uma válvula de escape.

o salvamento não chega e até mesmo a esperança do salvamento parece excluída. O desprazer cresce e exige uma válvula de escape. Tal possibilidade é oferecida pela autodestruição, a qual, enquanto fator que liberta da angústia, será preferida ao sofrimento mudo. O mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a desorientação psíquica. (A unidade corporal não obedece tão prontamente ao princípio de autodestruição).” (Ferenczi 1934., p.127).

Nesse sentido, Gondar (2013., p. 32) afirma que: *para se libertar do susto que o golpeou, o sujeito se golpeia a si mesmo. Repete consigo mesmo, ativamente, aquilo que lhe sobreveio de fora e, nessa medida, minimiza o trauma.* Esse processo é uma longa tentativa de imunização, o indivíduo lança sobre si mesmo uma fração do horror visando se preservar. Dessa forma, até mesmo a autodestruição é colocada a serviço da vida.

Ferenczi (1934) retoma a concepção de Freud sobre os sonhos em *A interpretação dos sonhos*, a qual afirmava que a única função deles era a de transformar os restos diurnos em realização de desejos. A acuidade mental de Freud para descrever a importância dos resíduos cotidianos é elogiada por Ferenczi, mas ainda havia algo sobre esses elementos que escapou da concepção do pai da psicanálise, *o retorno dos restos diurnos já representava por si mesmo uma das funções do sonho* (ibid., p.128), pois esses restos da vida são sintomas de repetição dos traumas. E esse é o mesmo mecanismo em ação na neurose traumática, na qual a tendência à repetição tem por objetivo conduzir o trauma a uma resolução. Mas essa tendência age até mesmo onde seu objetivo não pode ser

alcançado. Dessa forma, Ferenczi propõe uma definição mais ampla sobre a função do sonho:

todo e qualquer sonho, ainda o mais desagradável, é uma tentativa de levar os acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquicos melhores, no sentido poderíamos dizer, do esprit d'escalier, o que na maioria dos sonhos, é facilitado por uma diminuição da inteligência crítica e pelo predomínio do princípio do prazer (ibid., p.128 — grifo nosso).

Ao aproximar o trauma com a função do sonho, Ferenczi marca uma diferença fundamental com a posição de Freud. Segundo Gondar (2013, p. 30), *se em Freud a realização do desejo é a principal função onírica e o sonho traumático é a exceção à regra, Ferenczi fará da exceção o seu modelo.*

Ferenczi (1934) prossegue, mas demonstra uma certa insegurança quanto à natureza da repetição, nos dizendo que “não desejaria” que a pulsão de repetição fosse a responsável pelo retorno dos restos diurnos, mas que ele mantém uma suspeita de algo anterior ao jogo pulsional que estaria em ação, uma tendência que visa dar uma melhor solução para a experiência traumática do que a que foi possível no momento do trauma. Entretanto, a realização do desejo do sonho ainda persiste, não como fim, mas como uma tentativa dessa tendência de realizar seu objetivo. Dessa forma, ele compreende que os restos diurnos são impressões sensíveis traumáticas que não foram dominadas e tendem à repetição inconsciente. Essas impressões podem nem ter alcançado a consciência e surgem predominantemente no sonho, se aproveitando da capacidade de realização dos desejos. Mas temos de nos perguntar, qual seria essa tendência primitiva em ação? Se compreendermos o trauma como esse choque que abala a sensação de onipotência do indivíduo e sua confiança no mundo circundante, poderíamos apontar que essa tendência busca restaurar justamente o que foi perdido. Tal como na segunda catástrofe que criou uma separação entre o indivíduo e o mundo, a qual o nascimento repete (primeiro trauma do indivíduo). Dessa forma, podemos apontar para um retorno de Ferenczi à tendência regressiva desenvolvida no *Thalassa*.

Outro ponto que podemos destacar do pensamento de Ferenczi é que ele se refere aos restos diurnos repetidos no sono como impressões sensíveis traumáticas, e não como representações recalçadas. Nesse sentido, podemos compreender a extensão do modelo do sonho a partir do trauma. O impacto do trauma é tamanho que não pode ser elaborado. Não há nenhuma inscrição psíquica consciente ou inconsciente. Por isso, nos sonhos

traumáticos não há qualquer lembrança ou desejo para ser revelado. Há apenas a impressão de que existe algo, mas não há a representação desse algo (Gondar., 2013, p. 31–32).

Prosseguindo no texto, Ferenczi relata o caso clínico de uma paciente que durante anos teve todas as noites dois ou mais sonhos. O primeiro sono, o mais profundo, *não tinha conteúdo psíquico* (Ferenczi, 1934, p.129), mas a paciente despertava *com o sentimento de uma grande agitação, reminiscências abafadas de sensações dolorosas, de experiências de sofrimento de natureza corporal e psíquica, com esboços de sensações em diferentes órgãos do corpo* (ibid., p.129). Apenas após um longo tempo acordada, a paciente voltava a dormir, e nesse segundo sono as imagens oníricas apareciam. Na interpretação do psicanalista húngaro, essas imagens se revelaram como uma distorção e atenuação daquilo que foi vivido no primeiro sonho. Ou seja, só é possível a repetição da experiência traumática no sono, quando isso se dá de forma puramente emocional, sem representações. Isso apenas ocorre nos sonos mais profundos, quase comatosos. Em um sono menos profundo, só se pode suportar as atenuações do trauma na forma de realização dos desejos.

Ferenczi indica que essa forma de repetição traumática demonstra uma relação entre a profundidade da inconsciência e o trauma, pois quando ocorre o choque traumático, há uma suspensão da atividade psíquica, junto a um estado de passividade total, acarretando uma exposição da personalidade sem defesas. Nesse processo, há um arrebatamento da percepção e do pensamento, ou seja, o choque ocorre sem que a percepção possa assinalá-lo, impossibilitando a defesa. O que também acarreta que nenhum traço mnêmico, mesmo inconsciente, subsista, ou seja, a memória não consegue acessar a origem do choque.

O sono facilita simultaneamente a dominação do princípio do prazer, pela realização do desejo, e a função traumatolítica do sonho, ou seja, o retorno das impressões sensíveis traumáticas que não foram resolvidas, mas que tentam a resolução. Mas o sono só pode providenciar uma nova repetição com o mesmo resultado da experiência traumática original. Porém, o espírito da escada continua assombrando e o sonho, mesmo em seu fracasso, prossegue tentando solucionar as impressões sensíveis traumáticas e encaminhá-las para domínios psíquicos melhores, e por isso a repetição segue. No sono profundo essa repetição ocorre de forma pura, já na segunda forma do sono ocorre por meio das atenuações e distorções, uma tentativa falsificada de resolução. E nessa forma falsificada, o trauma é admitido na consciência.

Para Gondar (2013), Ferenczi está operando a repetição que ocorre no sonho em um sentido curativo, porque o sonho tem o objetivo de alcançar um patamar psíquico onde

os traumas podem ser elaborados e liquidados. A autora destaca o fato de que Ferenczi *não encara a compulsão à repetição de forma negativa... [para Ferenczi] a vida se expande e se cura pela repetição* (ibid., p.31). É justamente esse movimento que ocorre na repetição onírica. Por meio dela, os choques podem ser desgastados e enfraquecidos, e o aspecto de susto e surpresa da situação traumática vai diminuindo. Progressivamente, a surpresa se torna familiar. Outra função da repetição que ocorre no sonho é a passagem da passividade para a atividade, isso porque no sonho é o sujeito quem produz o trauma, com o intuito de dominá-lo e liquidá-lo, e, dessa forma, o indivíduo tenta reerguer as defesas da personalidade, derrubadas pelo choque.

2.4 Notas e Fragmentos

Ferenczi tinha o costume de escrever suas ideias no primeiro pedaço de papel que encontrasse. Algumas dessas notas são bem elaboradas, outras são apenas frases soltas. Essa condição faz com que muitos desses escritos apresentem ideias fragmentadas. Mas, mesmo nessa condição, há nessas notas elementos que se alinham ao objetivo da nossa pesquisa.

Em uma nota de 10 de agosto de 1930, nomeada *O erotismo oral na educação das crianças*, Ferenczi destaca que no desmame e em toda a educação da criança, a carência de tato provoca explosões de ódio. Essa criança acaba por se habituar a descarregar as tensões pela via da agressividade e da destruição. Se recorrermos à teoria do hábito, entendendo-o como uma via adaptada para a descarga pulsional, as manifestações da agressividade estariam relacionadas à adaptação da criança a um meio não acolhedor.

Na sequência, Ferenczi fala sobre uma *tendência traumática para a autodestruição*, porém a natureza dessa tendência não é definida.

É evidente que a vida amorosa do recém-nascido começa no modo da passividade completa. A retirada do amor conduz inegavelmente a sentimentos de abandono. A consequência é a clivagem da própria personalidade em duas metades, uma das quais desempenha o papel maternal. (Chupar o polegar: o polegar igual ao seio materno.) Antes que essa clivagem se produza, existe provavelmente uma tendência traumática para a autodestruição, mas que pode ainda ser inibida pelo caminho, por assim dizer: a partir do caos é criada uma espécie de nova ordem, a qual se adapta às condições exteriores precárias (Ferenczi, 1930a, p.271).

Em um outra nota, intitulada *Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração*, do mesmo 10 de agosto de 1930, Ferenczi reflete quanto à imprecisão do

termo pulsão de morte. Afinal, todo ser vivo reage a um desprazer através de uma fragmentação que se desenvolve para uma dissolução, mas esse processo é passivo, por isso, *em vez de “pulsão de morte” seria preferível escolher uma palavra que exprima a passividade desse processo* (Ferenczi, 1930b, p.271). Na sequência, o caráter relacional novamente ganha destaque, porque os complexos mecanismos dos seres vivos só podem permanecer como unidade pela pressão exercida pelo mundo externo. Quando uma mudança desfavorável ocorre no meio externo a unidade se desintegra, alcançando o ponto mais simples e, por isso, mais plástico. A plasticidade alcançada é o elemento que possibilita a adaptação à nova realidade ambiental. Dessa forma, *a autoplastia precede sempre a autonomia* (ibid., p.272). A tendência à destruição é impedida pela ação das pulsões de vida, que impulsionam o desenvolvimento no limite da plasticidade.

Na nota *Reflexões sobre o “prazer da passividade”*, de 24 de agosto de 1930, Ferenczi retoma as discussões sobre a afirmação do desprazer. A capacidade de sustentar e de defender os desejos egoístas garante uma certa tranquilidade, mas quando as forças dessa defesa se esgotam, ou quando a agressão ocorre de forma abrupta, a libido se volta contra o indivíduo. Isso pode acarretar uma identificação com o adversário vitorioso e indica que *uma autodestruição desse gênero pode estar ligada a sentimentos de prazer e o que está, incontestavelmente, nos casos de submissão masoquista* (Ferenczi, 1930c, p.276). Quanto à natureza desse prazer, Ferenczi indica duas possibilidades, uma identificação pela via da fantasia com a destruição, ou quando a fruição egoísta ao estado de repouso é impossível. Nesse último caso, a tendência ao repouso se mantém, mas devido a sua impossibilidade é preciso estabelecer uma nova forma de repouso, que se converte em um prazer de autossacrifício, o qual Ferenczi nomeou de prazer altruísta. Ele exemplifica esse prazer por meio do pássaro que olha encantado para as garras da águia e, depois de uma certa resistência, se lança para perdição. Afinal, diante da presença do predador, esse pequeno animal não pôde mais utilizar o mundo ao seu redor como o material para a sua própria defesa e bem-estar. Restando ao pássaro o sacrifício para forças egoístas mais poderosas. Nessa argumentação de Ferenczi, o que se destaca é a tendência ao repouso, como um princípio maior ao qual estão submetidas as pulsões de vida e de morte. Talvez esse argumento seja uma expressão do monismo, do princípio uno e geral que opera sobre a dualidade.

O repouso egoísta e altruísta seriam apenas, portanto, duas formas exteriores de um princípio geral de repouso superior, englobando os dois. A pulsão de repouso seria, por conseguinte, o instinto principal, ao qual estão submetidos às pulsões de vida (egoísta) e de morte (altruísta) (ibid., p.277).

A destruição nem sempre é completa, o prazer do repouso altruísta só persiste quando impulsionado por forças insuperáveis. Quando a raiva para com o mundo externo cessa, as partes do ego que se mantiveram se reconstróem em uma nova personalidade, agora adaptada às circunstâncias. Dessa forma, todo o movimento adaptativo é um processo de destruição interrompido.

Ferenczi prossegue com essas reflexões na nota de 02 de abril de 1931, intitulada *Observações aforísticas sobre o tema: estar morto — ser mulher*. Ele reafirma a ideia de que em todo movimento adaptativo ocorre uma morte parcial, ou seja, uma parte da individualidade é renunciada. Uma argumentação que se aproxima do que foi desenvolvido no artigo *Confusão de língua entre adultos e crianças*, pois se morre na medida em que uma potência externa pressiona o movimento disjuntivo, uma força que pode retirar fragmentos ou adicionar elementos estranhos ao indivíduo. Ou seja, morre-se na medida em que o outro mata.

Mas Ferenczi ainda se defrontava com um problema, *o maldito problema do masoquismo!* (Ferenczi, 1931, p.288). Ele se debruçou sobre o que ocorre para que o indivíduo busque o desprazer, se renuncie ou, até mesmo, morra. Precisamos destacar que Freud já havia se posicionado sobre esses elementos em 1924, a partir de sua nova dualidade pulsional. Mas Ferenczi, que já até mesmo havia referenciado o texto, não lançava mão dessa perspectiva em suas reflexões privadas. Ele preferia um caminho mais próximo do modelo do princípio do prazer, e postulou três hipóteses explicativas: ao antecipar o desprazer, ou acelerá-lo, alguma vantagem de longo prazo em relação à expectativa pode ser alcançada. Dessa forma, o indivíduo é quem define o ritmo da vida e da morte, e a angústia diante do desconhecido é abandonada. *Comparado à expectativa da morte vinda do exterior, o suicídio é um prazer relativo* (ibid., p.288); quando as coisas são aceleradas mediante a vontade do indivíduo, alguma experiência de satisfação pode ocorrer; um abandono de si é acompanhado por uma alucinação compensatória.

Na nota *Os três princípios capitais*, de 14 de novembro de 1932, Ferenczi discorre sobre os princípios universais passíveis da compreensão humana. O primeiro princípio é o do egoísmo ou da autarcia, este se aproxima das pulsões do eu:

o princípio do egoísmo ou da autarcia, segundo o qual uma parte isolada do universo total (organismo) possui e busca assegurar em si mesmo, tanto quanto possível independentemente do mundo em redor, as condições da existência ou do desenvolvimento (Ferenczi, 1932, p.296).

O segundo princípio é o da universalidade, o qual se relaciona com as pulsões de morte:

Um outro princípio é o da universalidade; somente existem grupos, um mundo total, comunidade; os indivíduos são “irreais”, na medida em que se imaginam existências fora das comunidades, negligenciam as relações entre os indivíduos (ódio, amor), e levam uma espécie de vida de sonho narcísico. O egoísmo é “irreal” e o altruísmo é a consideração recíproca, a identificação justificada, paz, harmonia, renúncia pessoal, desejáveis porque justificadas pela realidade (ibid., p.296).

O terceiro princípio, o universalismo, procuraria uma forma de englobar os dois princípios anteriores:

Consideraria o universalismo uma tentativa da natureza de restabelecer, sem levar em conta as tendências autárquicas já existentes, a identificação mútua e, com ela, a paz e a harmonia (pulsão de morte). O egoísmo como uma outra tentativa já muito mais amplamente vitoriosa da natureza de criar organizações num modo descentralizado a fim de assegurar a paz. (Proteção contra as excitações): (Pulsão de vida): O homem é uma unificação microcós mica muito bem-sucedida; pode-se mesmo pensar na possibilidade de que o homem possa reunir à sua volta todo o mundo exterior (ibid., p.296).

Ainda na mesma nota, Ferenczi repensa a natureza do sentimento de culpa, a partir desses princípios. O sentimento de culpa seria o sinal de que um dos princípios, egoísta ou altruísta, transgrediu o seu limite em relação à realidade. Quando o indivíduo gasta mais do que é suportado pelo seu ego para com o mundo exterior, ele se torna culpado diante do ego; por outro lado, quando o indivíduo negligencia o mundo externo, é culpado de uma falta social.

3. FREUD E FERENCZI: ENCONTROS E DESENCONTROS

3.1 A controvérsia da pulsão de morte posterior a Freud

Como já dissemos, o próprio Freud reconheceu que a teorização da pulsão de morte causou grande controvérsia na comunidade psicanalítica. Podemos apontar que essa controvérsia se deu por dois pontos fundamentais: o caráter especulativo da pulsão de morte, e a limitação que ela impunha para a clínica. Antes de retornarmos aos caminhos traçados por Freud e Ferenczi, pode ser de grande valia para a nossa discussão compreendermos como outros pensadores trataram o tema. Para tal, escolhemos cinco outros autores: Melanie Klein; Donald Winnicott; Jean Laplanche; André Green; e Jaques Lacan.

Melanie Klein se destaca dentre os pensadores que seguiram a perspectiva freudiana quanto ao caráter dual e constitucional das pulsões. Ela atribui maior ênfase ao conceito de pulsão de morte, adicionando novas interpretações e uma maior concretude ao jogo pulsional, ao relacioná-lo com a oposição entre o amor e o ódio. A pulsão de morte, e a inveja dela derivada, tem um papel central em sua teoria, assim como a intensidade pulsional inata do indivíduo.

Diferente de Freud, o qual fez a sua clínica centrada na análise dos adultos, Klein se voltou para o atendimento de crianças. Seu comprometimento com esse público possibilitou a observação de que mesmo as crianças (por volta dos 2 ou 3 anos) possuíam marcas mnêmicas do início de sua vida pós-natal. Essa compreensão a permitiu teorizar o funcionamento psíquico do infante e a sua relação com os primeiros objetos.

Klein (1935) aproxima sua concepção de objetos internos com a ideia de fantasias subjetivas. Segundo Salem, Klein define as fantasias como: *correlatos subjetivos das pulsões; seus primeiros representantes psíquicos. Elas compõem uma espécie de dimensão subjetiva de processos psicofísicos, constituindo o conteúdo básico da vida mental* (Salem, 2016, p. 37). A criança produz as fantasias desde o início de sua vida pós-uterina, pois todo e qualquer estímulo recebido pelo infante vai gerar uma fantasia. Aqueles desagradáveis, incluindo a frustração, provocam fantasias agressivas, já os estímulos gratificantes criam fantasias concentradas no prazer.

Os primeiros objetos internalizados pela criança são caracterizados por sua parcialidade, pois os aspectos bons e maus do mesmo objeto são introjetados separados. Dessa forma, para o infante, esses dois registros marcam objetos com existências

independentes. Essa posição infantil faz com que o mundo da criança seja formado por objetos hostis e perseguidores, ou por objetos gratificantes. O protótipo dessa relação objetal é o seio materno. Nesse período, o ego recorre aos mecanismos de introjeção e de projeção, porque ele introjeta tanto o objeto bom quanto o mau. Porém, o ego infantil ainda precisa lidar com a pulsão de morte e, para isso, ele lança mão da projeção para expulsar a agressividade e fazer com que ela se ligue aos objetos que serão tidos como maus e perseguidores. (Klein, 1935)

Quanto à relação da criança com o seio materno, Klein (1935) aponta que as experiências de gratificação fazem emergir a fantasia do seio bom, e as de frustração, o seio mau. Mas o seio mau não se limita apenas às experiências de frustração, a presença da pulsão de morte acarreta o surgimento da angústia e, para lidar com ela, o ego lança essa força destrutiva para o seio, o concebendo como mau, o que faz com que o seio mau se torne o representante interno da pulsão de morte.

Esse movimento de projeção da pulsão de morte sobre a fantasia do seio mau não é completamente bem sucedido, já que algo permanece no indivíduo. Essa concepção aponta para uma proximidade da posição de Klein com a de Freud, pois nela o que se destaca é o elemento desagregador da pulsão de morte. Sua força é tamanha que o ego teme ser fragmentado por ela. Ao mesmo tempo, há a fantasia de que o objeto que foi alvo do impulso destrutivo poderá se vingar. Essa posição é caracterizada pela divisão do objeto em duas entidades opostas, pelo risco da fragmentação e pela angústia persecutória. Por isso, essa posição recebeu o nome de esquizo-paranoide.

Se o elemento desintegrador das pulsões de morte se presentifica na teoria kleiniana pela projeção da pulsão de morte no seio mau, o mesmo ocorre com a capacidade de integração das pulsões de vida. Essa ocorre pela introjeção do seio bom. Esse objeto bom *atua como um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é responsável pela coesão e integração e é instrumental na construção do ego* (Klein, 1946, p.25).

Essa posição da criança vai ser modificada por volta dos cinco meses de vida. Com o desenvolvimento, o ego passa a poder experimentar uma relação com o objeto total. Essa nova relação permite que a criança se relacione com a mãe como um objeto total e não mais apenas um seio. Assim, os aspectos bons e maus do objeto são integrados no mesmo objeto, mas, ao integrar esse objeto, a criança passa a perceber que suas fantasias destrutivas atuaram sobre a mãe em sua completude. Por isso, a criança teme que o objeto total tenha sido submetido a um processo de empobrecimento e destruição. Outro fator

vivenciado pela criança é o aparecimento do sentimento de culpa, pois seu ego é confrontado com o fato de ter atacado o objeto áureo. Mas essa culpa não é o bastante para pôr fim à destrutividade, pois a passagem para a posição depressiva ocorre no mesmo momento que o sadismo alcança seu ápice. Com isso, o ego deve reconhecer que o ódio se faz presente, e há sempre o risco dele se tornar predominante.

Com a presentificação da ambivalência dos afetos sobre o objeto total, as fantasias de destruição do objeto não cessam, e, para lidar com elas, o ego recorre a medidas defensivas específicas, visando preservar o objeto bom. São elas: a cisão, a introjeção e a reparação. Essas medidas são essenciais para o desenvolvimento saudável do indivíduo e permitem que o ego adquira alguma administração do conflito pulsional.

Podemos observar que a posição de Melanie Klein quanto à pulsão de morte se aproxima em alguns pontos propostos por Freud. Para ela, tanto a pulsão de morte quanto as de vida possuem uma base constitucional. Assim como, ao relacionar a pulsão de morte com o ódio e agressividade, Klein se aproxima mais de algumas formulações de Freud, como aquelas expostas no *Mal-estar na civilização*, enquanto a quietude do retorno ao inanimado do *Além do princípio do prazer* não recebe a mesma atenção. Mas esse mesmo movimento permitiu uma nova aplicabilidade clínica. Isso porque, se em Freud a pulsão de morte era silenciosa, Klein lhe deu voz e concretude.

Caminhando em direção oposta à aceitação de Klein, **Donald Winnicott** se destaca entre os pós-freudianos que adotaram uma posição contrária à teorização de Freud sobre a pulsão de morte. O psicanalista inglês demonstrava sua discordância com Freud de forma aberta. Quanto à posição de Freud, ele diz: *simplesmente não acho válida sua ideia de pulsão de morte* (Winnicott, 1962, p.161). Ideia essa que pode ser identificada como, talvez, o único erro de Freud, que acabou sendo acompanhado por Klein: *É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida e de morte, que são talvez o único erro de Freud* (Winnicott, 1987, p.37).

Para compreendermos as críticas de Winnicott, podemos começar pela conclusão que Freud chega no *Além do princípio do prazer*, de que a vida busca o retorno ao estado inorgânico do qual se originou. Para Winnicott (1988), a afirmação de que a vida surgiu do inorgânico não significa nada, apenas uma afirmação de uma obviedade que pode nem mesmo ser verdadeira. Afinal, a animação da matéria foi um acontecimento longínquo demais, o que se tem desde esse ponto é que a vida surge de outra vida. Mas na perspectiva do indivíduo, o estado de ser vem de um estado de não-ser, o que é caracterizado por ele como a solidão essencial. Essa solidão surge antes do reconhecimento da dependência.

Dois caminhos se destacam para compreendermos as alternativas de Winnicott quanto à pulsão de morte. São eles: a compulsão à repetição e a origem da agressividade. Sua atenção para explicar esses fenômenos se alicerça na compreensão da imaturidade do bebê e na dependência que esse tem com o ambiente no início do processo de amadurecimento.

Winnicott trabalha a compulsão à repetição não como um mecanismo central em ação na pulsão, mas como uma necessidade do indivíduo de retornar a um ponto anterior à experiência penosa, para que, assim, ela possa ser integrada. Esse estado é o resultado de uma falha ambiental severa. Falha essa que o ego, ainda imaturo, não pôde suportar, pois *O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal* (1974, p.73).

Essa condição faz com que o acontecido não se torne experienciado, o que impede a integração. É justamente nesse ponto que a repetição age, como uma tentativa de colocar o não integrado dentro da área de controle do self. Isso ocorre com um retorno ao momento anterior ao acontecido, para que o amadurecimento possa continuar seu processo a partir desse ponto.

O tema da agressividade é caro dentro da teorização de Winnicott, embora o faça sem recorrer a conceituação da pulsão de morte. Para ele, esse conceito é inútil para elucidar esse tema.

A morte só se torna significativa no processo vital do lactente quando chega o ódio, que ocorre em data posterior, distante dos fenômenos que utilizamos para construir a teoria das bases da agressão. Por isso, para mim não tem utilidade unir a palavra morte com a palavra pulsão, e ainda menos se referir a ódio e raiva pelo uso das palavras pulsão de morte (Winnicott, 1965, p.173).

Sobre fenômenos usados para a construção de sua teoria da agressividade, Winnicott se refere aos estágios primitivos de desenvolvimento emocional do bebê destacando três movimentos específicos: a integração; a personificação; e a realização. Dessa forma, para ele, o bebê parte de um estado não-integrado para uma integração que ocorre gradualmente. Nesse ponto, o bebê é completamente dependente dos cuidados do ambiente para que a sua existência prossiga. Essa dependência absoluta ganha centralidade na argumentação do psicanalista inglês, e o desenvolvimento se dará por meio da relação da criança com o ambiente.

Nesse processo de integração, há a ação das forças instintuais do bebê, mas há, simultaneamente, os cuidados do ambiente para com ele. Isso porque, ao exercer esses

cuidados, o ambiente age como se o infante já fosse um ser integrado. Dessa forma, o mundo externo oferece ao bebê o material psíquico e emocional que ele carece para construir o seu mundo interno.

Winnicott (1955) enfoca sua percepção da agressividade e da destrutividade como elementos intrínsecos na formação da realidade externa. Afastando-se da posição de Freud quanto à origem da agressividade nas experiências de frustração, ele propõe que, mesmo podendo identificar a agressividade nessas experiências, elas não podem servir de modelo de gênese, pois carecem de um alto grau de amadurecimento. Amadurecimento esse ausente no início da vida.

Quanto à posição de Melanie Klein, Winnicott discorda quanto à exclusividade da compreensão desse fenômeno por meio da constitucionalidade da pulsão de morte, e diz ele: *nenhuma teoria válida sobre a agressividade poderá ser construída sobre premissa tão falsa* (1957, p. 90). Podemos apontar que, em termos gerais, a discordância do psicanalista inglês com Freud e Klein se dá pela predominância constitucional da satisfação pulsional (ou a ausência dela). Para ele, os dois autores falharam por não considerarem a importância do ambiente nos estágios iniciais da vida do bebê.

Jean Laplanche produziu uma releitura rigorosa da obra de Freud e de sua teoria pulsional. Na sua perspectiva, na constituição do inconsciente, o elemento relacional é um fator fundamental, porque a estruturação do aparelho psíquico se dá pela experiência originária de sedução da criança pelo adulto. Posição teórica que recebeu o nome: teoria da sedução generalizada. Outro fator de destaque na obra de Laplanche é a sua perspectiva sobre a pulsão de morte. Para ele, a pulsão de morte, assim como a pulsão de vida, são pulsões sexuais.

Para Laplanche (1988), a sedução não é apenas um evento episódico, ela diz respeito a uma situação antropológica fundamental. Relação essa entre o adulto, dotado de um inconsciente sexual, e a criança, que ainda não possui um inconsciente sexual e conta apenas com suas montagens biológicas. Nesse encontro o adulto age, inconscientemente, para com a criança como objeto de seus desejos, investindo nela sua própria sexualidade infantil.

A comunicação entre a criança e o adulto é marcada pela contradição, porque a criança ainda não possui um inconsciente erógeno e, devido a isso, ela é incapaz de processar a mensagem recebida do adulto. Mensagem essa marcada pelo inconsciente do emissor e, por isso, possuidora de uma significação sexual. Convém destacar que essas

mensagens não são exclusivamente linguísticas, já que, além dos significantes verbais, há também a presença dos não-verbais e comportamentais.

O mundo adulto onde a criança é inserida não diz respeito apenas à objetividade da realidade, ele é constituído por mensagens que alcançam a criança antes mesmo de ela conseguir metabolizá-las. Esse movimento díspar marca para Laplanche (1987) a origem da pulsão sexual e do inconsciente.

Laplanche recorre à noção de apoio para explicar esse movimento. A criança, dotada de sua montagem biológica, possui capacidades perceptivas e motoras ligadas a sua autoconservação, mas é justamente por essas entradas que o sexual é introduzido nela. Aqui as zonas erógenas se destacam entre os locais de troca com o exterior. Por exemplo, a mãe que apresenta o seu seio para saciar as necessidades orgânicas do bebê, a autoconservação é alcançada pela apresentação do seio. Mas esse seio também está impregnado com as significações sexuais inconscientes da mãe.

No modelo presente no exemplo da amamentação, podemos entender a posição de Laplanche. Na relação de cuidado exercida pelo adulto, algo do mundo externo é enxertado no mundo interno da criança. Esse algo estranho implantado é a fonte da pulsão, ou seja, na perspectiva de Laplanche, a sexualidade infantil não tem sua fonte em uma característica constitucional inata. Ela é implantada por meio da relação da criança com o adulto: *Nada permite afirmar que a erogeneidade das zonas erógenas esteja ligada a uma tensão endógena inata* (Laplanche, 2000, p. 24).

Não só a pulsão é originada pela implantação do sexual vindo de fora, mas todo o aparelho psíquico se constitui a partir dele, pois como o infante é incapaz de metabolizar o conteúdo sexual da mensagem, ele é paulatinamente recalçado. Esse é o conteúdo recalçado no recalque originário, que constitui o aparelho psíquico e a pulsão. Ou seja, para Laplanche (1993), o inconsciente é justamente o elemento sexual infantil, perverso e polimorfo, que não pode ser traduzido pela criança na mensagem do adulto. Com isso, podemos indicar que não só a pulsão tem sua fonte exógena, o inconsciente também é constituído pela relação com o mundo externo, assim como o sexual é a sua fonte.

Dada a importância dos fatores externos, Andrade (2011) indica que Laplanche critica algumas posições de Freud e sua teoria pulsional, posições essas que ele nomeia de desvios biologizantes. Sua crítica está centralizada a um retorno ao endogenismo da pulsão sexual, feito por Freud. Para ele, Freud assimilou à pulsão algumas características do instinto, o que o levou a naturalizar a sexualidade inconsciente.

Laplanche então opera a partir de três elementos: o instinto de autoconservação; o instinto sexual; e a pulsão sexual. O instinto de autoconservação está presente na montagem biológica da criança, mas será inevitavelmente recoberto pelo sexual que advém da sedução. O instinto sexual surge na puberdade, mas vai se tornar submisso à sexualidade infantil. Já a pulsão sexual se distinguirá do instinto, primeiramente por seu caráter não constitutivo, e também por ser incapaz de encontrar o apaziguamento. A pulsão sempre busca por mais excitação, ela é carente de ligação e ambivalente.

Se a teoria da sedução generalizada aponta que toda pulsão é sexual, como ela se relaciona com o posicionamento de Freud quanto à pulsão de morte? Laplanche (1985) oferece uma reflexão sobre o *Além do princípio do prazer* e os caminhos que o antecederam e o sucederam. Para ele, a publicação de 1920 de Freud *continua sendo o texto mais fascinante e mais desconcertante de toda a obra freudiana. Freud nunca se mostrou tão livre, tão audacioso quanto nesse grande afresco metapsicológico, metafísico e metabiológico* (ibid., p.109). Seu biologismo, seu recurso às ciências naturais, se apresentam e pressionam de todos os lados.

No *Além do princípio do prazer*, há a formulação de ideias novas, descompassadas em relação aos artigos metapsicológicos de 1915. O próprio narcisismo é enfraquecido, ao invés de consolidado. Laplanche (1985) nos diz que uma hipótese surge para questionar tudo o que já havia sido assentado:

Hipótese? ela é apresentada sem reservas, com argumentos de toda ordem, frequentemente alheios aos domínios da clínica psicanalítica, chamando em seu auxílio a biologia, a filosofia, a mitologia. É uma argumentação que se desenvolve por ruptura, seguindo com obstinação os detalhes de um debate científico para repentinamente abandoná-lo, como um jogador sem sorte que vira bruscamente a mesa: estamos pensando aqui na longa discussão, muito documentada, sobre o problema da imortalidade da célula viva à luz das experiências com os protistas, discussão na qual, de repente, quando se tem a impressão de que o exame das diferentes teses chegaria a invalidar a existência de uma tendência interna à morte, Freud rompe esse contato através de um recurso ad hoc à metafísica das entidades: "Torna-se, para nós, completamente indiferente saber se podemos ou não provar que a morte nos protozoários é uma morte natural (ibid., p.112).

Laplanche destaca que o “devaneio metafísico”, proposto em 1920, acabou se tornando um dogma para Freud e seus discípulos. Um dogma que se integra mal à clínica psicanalítica. Isso porque, para ele, a antiga dualidade pulsional ainda persiste clinicamente, e a pulsão de morte só é invocada como um último recurso.

Além do aspecto clínico, Laplanche também destaca uma falha na argumentação metapsicológica de Freud. Com a teorização da pulsão de morte, Freud teria dado uma *prioridade do zero sobre a constância* (ibid., p.115). No nível econômico, há a dualidade do prazer, a satisfação apaziguante e o gozo. Mas, para Laplanche, Freud apresentou os termos “zero” e “constância” com uma vaga sinonímia. Porém, o zero não pode ser assimilado à constância.

Em um sistema hemostático onde há uma tendência para constância energética, caso ocorra uma mudança do nível ideal de energia (aumentando ou diminuindo), será necessária uma descarga ou uma carga para restabelecer o equilíbrio. Mas se há nesse sistema uma tendência ao zero energético, inevitavelmente isso irá contradizer o princípio da constância. Dessa forma, Laplanche aponta que, em um sistema que tende para a constância, o organismo não busca apenas a eliminação da tensão, mas, em alguns casos, ele busca a excitação.

Podemos destacar que, até esse momento, explanamos a posição de Laplanche quanto ao inatismo pulsional, à sexualidade fundante da pulsão, e à impossibilidade de haver simultaneamente no mesmo sistema uma tendência à constância e ao zero. Todos esses temas são fundamentais na argumentação de Freud sobre a pulsão de morte. Agora precisamos discutir sobre como Laplanche vai operacionalizar o conceito da pulsão de morte em si.

Para Laplanche (1987) há apenas uma única pulsão, a pulsão sexual instituída pelo recalque original. Dessa forma, as pulsões sexuais de vida e de morte são aspectos dessa pulsão original. A pulsão sexual de vida diz respeito ao efeito de um objeto-fonte total ou totalizante. Ela é ligada, atua sob o princípio da constância, tem por objetivo a síntese e a construção de laços, e seu funcionamento se relaciona, principalmente, com o processo secundário e a metáfora.

A pulsão sexual de morte é um efeito de um objeto-fonte parcial, instável e fragmentado. Seu funcionamento ocorre por meio da energia livre e tem por objetivo a descarga total, mesmo que seja necessária a destruição do objeto. Seu funcionamento diz respeito ao processo primário e à metonímia.

Laplanche aponta que a teorização da pulsão de morte recupera o aspecto demoníaco da sexualidade, que correu o risco de desaparecer com a teorização do narcisismo, pois na primeira tópica a pulsão sexual *visava qualquer coisa exceto a unidade, e não estava ligada por nenhum plano pré-estabelecido* (Laplanche, 1993, p. 22). A sexualidade é mais que Eros e seu aspecto ligado e organizador. Há na sexualidade um

ímpeto, uma busca desenfreada pela descarga, sem qualquer consideração ao ego e a realidade. É justamente esse elemento que é resgatado pela teorização da pulsão de morte.

André Green (1986) estabelece dois pressupostos necessários para sua argumentação sobre a pulsão de morte. O primeiro é que o par pulsão de vida e pulsão de morte estão tão atrelados conceitualmente, que não é possível falar algo sobre uma das pulsões sem falar sobre a outra. Isso faz com que seja necessário aprofundar as questões sobre a pulsão de vida para realizar o mesmo com a pulsão de morte. O segundo pressuposto diz respeito ao fato de que a teoria pulsional é um conceito que busca esclarecer a experiência e, por isso, não pode ser desassociado dela. Isso indica que, mesmo tendo as pulsões como entidades primeiras e fundamentais, o objeto da pulsão não pode ser deixado de lado. O objeto é o revelador das pulsões, ele não as cria, mas é a condição para a sua existência.

Green destaca que Freud evidenciou que os mecanismos das pulsões de vida e de morte são, respectivamente, ligação e desligamento. Essa posição carece de uma observação: a pulsão de morte comporta apenas o desligamento. Entretanto, nas pulsões de vida, podem coexistir tanto a ligação quanto o desligamento, assim como ela pode absorver uma parte da pulsão de morte e se transformar, porém, suas manifestações ainda serão interpretáveis no registro de Eros.

Green (1986) propõe a hipótese de que o essencial da pulsão de vida é que ela assegura uma função objetalizante. Essa função não se limita apenas a criar a relação com os objetos internos e externos, mas também que ela transforma estruturas em objetos. Ou seja, a função objetalizante promove à condição de objeto algo que não possui originalmente as características de objeto, desde que se mantenha o investimento significativo, tal como ocorre ao Eu que pode se tornar objeto do id. Essa função não se limita apenas a estruturas complexas como o Eu, no limite até o investimento é objetalizado.

Já a pulsão de morte age inversamente. Ela realiza *uma função desobjetalizante pelo desligamento* (ibid., p.100). Dessa forma, não só a relação objetal pode ser atacada pela ação da pulsão de morte, mas também todos os substitutos do objeto, incluindo o Eu objetalizado. O desinvestimento é a manifestação própria da destrutividade da pulsão de morte. Manifestação essa que pode ser observada na psicose, em que, nesse caso, o Eu é empobrecido por ter sido submetido ao desinvestimento. Essa concepção permite uma releitura da proposta de Klein: o esquizo da fase esquizo-paranoide não diz respeito à

clivagem entre o bom e o mau, mas que o desinvestimento esquizoide se opõe ao investimento paranoide.

Outro fator importante na perspectiva de Green é a relação da pulsão com o narcisismo. O narcisismo é fruto da função objetalizante, o Eu é investido como objeto, mas Green propõe outra forma de narcisismo: o narcisismo negativo, fruto da pulsão de morte. Nesse caso, pela ação da função desobjetalizante, o Eu é desinvestido. O narcisismo negativo se constitui como um narcisismo de morte, uma forma de abolição das tensões até ao zero, promovendo um desinvestimento das representações. O Eu, nesse caso, se vê confrontado com o seu vazio constitucional. Ao buscar o zero, o narcisismo negativo busca a extinção de qualquer excitação, seja ela desprazerosa ou prazerosa.

O psicanalista francês **Jacques Lacan** atribui uma centralidade à pulsão de morte (Safatli, 2007). Podemos apresentar a posição de Lacan quanto à pulsão de morte por sua articulação com o simbólico. Lacan leva ao limite a conceituação da pulsão de morte, e ele afirma *que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte* (Lacan, 1964, p.243). Pela ação da linguagem, o objeto simbolizado é trocado pela palavra, e essa toma o seu lugar, de forma que *o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa* (Lacan, 1953, p.320). Mas é justamente pelo fato da morte da coisa que algo pode surgir no simbólico e participar da realidade. Uma realidade fundada do discurso.

Ao articular a dinâmica pulsional com o simbólico, Lacan se afasta das leituras organicistas atribuídas a Freud no *Além do princípio do prazer*.

Ora, o de que se trata, no que concerne à pulsão, será do registro do orgânico? Será que é assim que é preciso interpretar o que diz Freud num texto que faz parte de *Jenseits des Lustprinzips* – que a pulsão, o *Trieb*, representa *die Äuseserung der Trägheit*, alguma manifestação de inércia na vida orgânica? Será uma noção simples, que se completaria pela referência a um arrimo dessa inércia que seria a fixação, a *Fixierung*? Não só eu não penso assim, mas penso que um exame sério da elaboração que Freud dá da noção de pulsão vai contra isto (Lacan, 1964, p.154).

Esse afastamento pode ser apreendido pela separação dos conceitos de pulsão, necessidade, demanda e desejo. A necessidade diz respeito às carências vitais do organismo (como a fome). Ela possui um objeto definido e um ritmo próprio. O objeto pelo qual a necessidade encontra satisfação não consegue satisfazer a pulsão.

Para Lacan (1999), a demanda e o desejo não podem ser pensados dentro desse estado primeiro (mitológico) da necessidade, já que eles são consequências da entrada do humano na dimensão simbólica. Na busca de encontrar uma significação e a satisfação de

suas necessidades, o indivíduo encontra o lugar do código, o Outro, e a partir desse lugar sua necessidade vai ser determinada pela cadeia significante. Nessa entrada na linguagem, surge a demanda, cujo significante barra a necessidade e origina a pulsão. Na relação entre a necessidade e a demanda, o desejo escapa.

A demanda é aquilo que, partindo de necessidade, passa pelo significante dirigido ao Outro, ou seja, ela é formulada pelo significante que está no Outro. Mas isso não trata de uma *simples tradução da necessidade, mas uma retomada, reassunção, remodelagem da necessidade, criação de um desejo outro que não a necessidade. É a necessidade mais o significante* (Lacan, 1957 p. 95).

Lacan articula o desejo com a demanda:

O desejo se situa na dependência da demanda – a qual, por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo (Lacan, 1964, p. 146).

Na articulação com o simbólico, Lacan (1960) articula a pulsão com a demanda:

Ela [a pulsão] é o que advém da demanda quando o sujeito aí desvanece. Que a demanda também desaparece é evidente, exceto que resta o corte, pois este continua presente no que distingue a pulsão da função orgânica que ela habita: ou seja, seu artifício gramatical, muito patente nas reversões de sua articulação com a fonte e com o objeto (ibid., p.831–832).

A pulsão surge quando o sujeito desaparece diante da demanda do Outro. Ela é um efeito do significante. Não há pulsão sem demanda. Isso pode ser identificado pela fórmula da pulsão $S \llcorner D$ (sujeito barrado punção de demanda), a exigência de satisfação pulsional deve necessariamente passar pelos significantes da demanda do Outro. A fórmula da pulsão também afirma uma separação fundamental entre a pulsão e o instinto, pois a pulsão carece de uma articulação do sujeito ao Outro, enquanto o instinto é apenas um padrão de comportamentos e necessidades recebidos hereditariamente.

Lacan repensa o dualismo pulsional freudiano: a pulsão de vida e de morte não são duas pulsões distintas, elas são dois aspectos de uma única pulsão. Mas isso não significa que não há diferenças entre elas. Na articulação da pulsão sexual no nível das significações inconscientes se apresenta a morte.

A estrutura do significante é de pura diferença, ele não é capaz de representar nada, só atesta a separação entre a representação e o objeto. Assim, a presença do significante

testemunha a morte da coisa. Essa morte que caminha junto do simbólico evidencia que na entrada no mundo da linguagem algo foi decepcionado.

A entrada na linguagem não mata apenas o objeto, mas uma parte do organismo também é perdida, e sua natureza é mortificada. O homem dentro da linguagem não pode alcançar a satisfação, tendo em si um excesso que o leva a ir: *ela tende para além do princípio do prazer, fora dos limites da vida e é por isto que Freud a identifica ao instinto de morte* (Lacan, 1954, p.407).

A relação da pulsão com a sexualidade sempre esteve presente na argumentação de Freud. Lacan não abandona essa posição e entende que a pulsão é a forma pela qual a sexualidade participa do psiquismo, uma sexualidade afastada da necessidade de reprodução, uma sexualidade tomada pelo simbólico. Impedida no seu *goal* e sem objeto definido, dessa forma, ele compreende que a pulsão *nunca é senão pulsão parcial* (Lacan, 1964, p.863). Mas, também como Freud, Lacan identificou que a pulsão não se resume à sexualidade, pois, no seu movimento de repetição e excesso, algo vai além do princípio do prazer, e há um elemento destrutivo na pulsão que aponta uma *afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte* (Lacan (1964, p.188). Tal constatação nos permite retomar a ideia de que, virtualmente, toda pulsão é pulsão de morte, pois toda pulsão pode ultrapassar o nível aceitável de tensão. Dessa forma, a distinção entre a pulsão de vida e de morte não se refere a duas formas distintas de pulsões, mas dois aspectos da pulsão.

Esse desvio para outros autores que não são o foco dessa dissertação nos permite observar, e concordar com Freud, sobre a controvérsia quanto à pulsão de morte. Mas podemos destacar que as diferenças alcançam pontos essenciais do conceito, como: dualismo ou monismo pulsional; constitucionalidade ou relação ambiental; destrutividade ou quietude. Esses pontos marcam um excelente caminho para retornarmos a discussão entre Freud e Ferenczi.

3.2 Considerações sobre a pulsão de morte em Freud e Ferenczi: o zero e o um

Talvez o melhor caminho para apontarmos algumas aproximações e alguns afastamentos de Freud e Ferenczi quanto às suas perspectivas da vida pulsional possa ser encontrado na origem, que é simultaneamente o destino. A origem a que nos referimos é a origem da vida, tema que os dois autores dedicaram considerações em seus textos irmãos, como disse Figueiredo (1999), o *Além do princípio do prazer* e o *Thalassa*.

Começamos pelo irmão que veio ao mundo ligeiramente primeiro. Freud (1920) nos diz que pela ação de forças externas a vida foi despertada na matéria inorgânica. Nesse momento inicial, a matéria recém-animada buscava se equilibrar. E esse foi seu primeiro impulso: o retorno ao estado anterior, o inanimado. Freud diz que nesse momento era fácil para essa substância viva morrer, o que ela fez sem perder tempo. Esse pode ter sido o estado das coisas por um longo período, pois a matéria orgânica era animada e facilmente morria. Mas algo modificou essa relação, já que, por mais que a morte persista, sua facilidade foi perdida. Esse algo foi justamente a ação de agentes externos, isso porque o ambiente se modificou de tal forma que obrigou a substância viva a modificar seu caminho para a morte. A manutenção desse caminho diz respeito aos fenômenos vitais, mas mesmo por esses caminhos a *meta de toda vida é a morte e, retrocedendo, que o inanimado estava aí antes das coisas vivas* (ibid., p.64).

No *Thalassa*, Ferenczi (1924) também descreve o início da vida, mas a centralidade de seu argumento é posta em outro lugar, a perda da vida marinha. Para avançarmos com a nossa argumentação, é preciso retomar a aproximação que o psicanalista húngaro faz da vida marinha primordial com o coito e a vida intrauterina. Pela identificação do ego com o pênis, o coito é uma tentativa de regressão ao corpo materno, regressão a uma situação onde não havia uma separação entre o ego e o ambiente, na qual Ferenczi identifica um estado de repouso. A publicação de 1913 nos ajudará a caracterizar essa vivência intrauterina. Nela Ferenczi atribui a esse estado uma relação com o mundo externo como se esse nem existisse, o indivíduo experimenta uma situação completamente dominada pelo prazer, suas necessidades são satisfeitas assim que surgem. Tanto que, diferente de Freud, Ferenczi (1924) não fala sobre uma tentativa de equilíbrio da matéria orgânica em sua gênese, mas é somente no próximo passo da argumentação do *Thalassa* que chegaremos ao primordial, pela expansão da lei biogenética de Haeckel. Ferenczi propõe que a vida intrauterina é uma repetição da forma de vida aquática anterior à seca dos oceanos, cujo nascimento recapitula na espécie. Assim, a tendência de regressão à vida intrauterina é uma manifestação de uma regressão talássica, um retorno ao ambiente primordial.

Nessa tentativa de alcançarmos a origem nas argumentações de Freud e Ferenczi, alguns elementos se destacam e se cruzam. São eles: ambiente, regressão e equilíbrio. Comumente quando se relaciona as posições de Freud e Ferenczi quanto ao ambiente, atribui-se ao vienense uma posição inteiramente centrada na interioridade e na

constitucionalidade, enquanto ao húngaro é atribuída uma centralidade na relação ambiental. Quanto a essa posição, concordamos com a fala de Herzog e Pacheco-Ferreira:

Seria injusto dizer que Freud não leva em conta o ambiente, ou o papel real dos primeiros objetos para a constituição da subjetividade e para a etiologia patológica, o que se quer ressaltar é que suas formulações acabam sempre privilegiando uma perspectiva que foca as mudanças internas ao aparelho psíquico (Herzog & Pacheco-Ferreira, p.190).

O mesmo poderíamos dizer sobre Ferenczi. Ele não ignora o interno e o aparelho psíquico, mas o foco de suas reflexões geralmente recai sobre a relação do indivíduo com o ambiente que o cerca. Nesse caso, sublinhamos que a questão não é sobre exclusividade, mas sobre enfoque. Tal posição de Freud fica ainda mais evidente com a leitura do *Além do princípio do prazer*, pois, nesse escrito, a relação com o ambiente é sistematicamente marcada. Podemos até mesmo apontar que esse elemento relacional nunca esteve tão presente no pensamento de Freud, pelo menos desde que ele abandonou a teoria da sedução. O ambiente foi o responsável pela excitação da matéria inerte, já que foram também as mudanças ambientais que obrigaram a vida a se estender e a encontrar um caminho para o seu equilíbrio, dentro de seu próprio desenvolvimento. Também podemos somar nessa relação outros fenômenos, pensados por Freud na reformulação da dualidade pulsional, como: a neurose traumática, a agressividade e a reação terapêutica negativa. Mas de fato, ao explicar esses elementos por meio da dualidade pulsional e da compulsão à repetição, Freud claramente dá mais atenção ao fator interno e ao funcionamento do aparelho psíquico. Como podemos ver nessa citação:

Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (Freud, 1920, p.47).

Freud nos diz que o caráter conservador das pulsões é característica inerente ao organismo, uma propriedade da vida que se manifesta pela relação desta com o meio. Ou seja, o movimento pulsional não carece do meio para existir enquanto tendência. Com isso, podemos indicar que independentemente do meio no qual o organismo possa estar inserido, enquanto existir vida, existirá esse movimento visando a inércia. Podemos apontar também que esse posicionamento indica que, sob a pena de Freud no *Além do princípio do prazer*, o meio é tido apenas como um fator negativo, algo que forçou a substância viva a mudar, que engendrou estimulações. E tudo que o vivo almeja é se livrar dessas estimulações, independentemente se for por vias diretas ou pelo seu próprio

caminho de desenvolvimento. Tudo que é vivo almeja o inanimado, exclusivamente por razões internas. Em outras palavras, o animado anseia se livrar do que foi lhe dado pelo ambiente.

Como dissemos, Ferenczi atribui maior importância para a relação ambiental. O seu entendimento quanto à catástrofe é um bom caminho para analisarmos suas posições, pois, como disseram Herzog e Câmara (2021, p. 64), Ferenczi *tomou a catástrofe como uma das categorias principais de seu pensamento*. Segundo esses autores:

Cada etapa, cada parte e movimento do corpo, cada alteração fisiológica, cada experiência emocional envolvidos no ato sexual são decompostos e remetidos a épocas ancestrais. Tomado em seu conjunto, o coito, em sua configuração atual, é a expressão de uma história de transformações, e essas transformações são resultantes de adaptações às grandes catástrofes que assolaram a Terra e, ao mesmo tempo, os seres que nela viviam (ibid., p.68).

Essa é a consequência da expansão da lei biogenética fundamental de Ernst Haeckel, feita por Ferenczi. As catástrofes filogenéticas são repetidas na ontogênese, mesmo que de forma abreviada. Herzog e Câmara (2021) distinguem três pontos nos quais Ferenczi articula sua ideia de adaptação às catástrofes. O primeiro diz respeito à ideia de que, no processo adaptativo, ocorre uma destruição parcial da forma de vida que será substituída. O segundo, com perda do ambiente, o organismo introyeta o ambiente perdido, tal como o útero é uma reconstrução da vida marinha. E o terceiro ponto: mesmo que o sobrevivente tenha sofrido inúmeras transformações, ele ainda tenderá a retornar ao ambiente perdido pela catástrofe. Esse último elemento diz respeito à regressão talássica, tendência a que todo o ser vivente está submetido.

Além de expor como ocorre o movimento adaptativo do organismo, Ferenczi (1924) também vai destacar características essenciais do próprio ambiente. Nos diz Ferenczi:

O peixe, lançado à terra em consequência da secagem dos mares, tinha que se contentar com a água que se filtrava desde as profundezas do subsolo (o qual, ao mesmo tempo, o alimentava). *Nesse meio favorável*, ele pôde vegetar, por assim dizer, como parasita *durante todo o tempo necessário* para realizar sua metamorfose em animal anfíbio (ibid., p.317 — grifo nosso).

Nessa citação podemos destacar que é preciso que o ambiente seja maleável, favorável e paciente para que ocorra a adaptação. Sem essas características, o organismo, que perdeu seu ambiente primordial, não é capaz de realizar sua capacidade adaptativa, e seu potencial vital é perdido, só lhe restando a morte. Argumentos esses que retornarão na

obra de Ferenczi, principalmente em *A criação mal acolhida e sua pulsão de morte e Confusão de línguas entre adultos e crianças*. Publicações que precisaremos discutir na sequência. Antes, no entanto, precisamos elaborar sobre a proximidade e o distanciamento da regressão e o retorno ao inanimado.

No capítulo cinco do *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) nos diz como a compulsão à repetição se relaciona com a pulsão. Isso ocorre justamente por aquilo que ele caracteriza como *um caráter universal dos impulsos, talvez de toda a vida orgânica em geral* (ibid., p.61). E esse caráter é justamente a tendência do vivo de retornar ao estado anterior, seu caráter conservador. Para alicerçar sua posição, o vienense recorre ao comportamento migratório das aves, e a repetição, mesmo que fugaz, do embrião nos seus estágios de desenvolvimento. Até que ele alcança o estado elementar, no qual o vivo não queria se modificar, mas foi obrigado por ação externa, mantendo, no entanto, a tendência de retornar ao *inanimado [que] estava ai antes das coisas vivas* (ibid., p.64). Freud passa a argumentar como essa tendência conservadora também está presente nos impulsos vitais, pois esses também trazem de volta *estados anteriores da substância viva*. O pai da psicanálise passa então a se perguntar se há alguma possibilidade de existir algum impulso rumo ao desenvolvimento, o que ele rapidamente aponta não haver tal coisa no reino animal ou vegetal, que a observação desse impulso seria apenas uma questão de avaliação, que despreza todos os retrocessos impostos para o organismo nesse movimento. Dessa forma:

Tanto o desenvolvimento ascendente quanto a involução poderiam ambos ser consequências de forças externas pressionando por adaptação, e o papel dos impulsos poderia se limitar nos dois casos a conservar, sob a forma de fonte interna de prazer, a mudança imposta (ibid., p.68).

E nesse contexto Freud referencia Ferenczi e sua publicação de 1913, *O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios*, em uma nota de rodapé no *Além do princípio do prazer*. Diz Freud:

Por outro caminho, Ferenczi chegou à possibilidade da mesma concepção (“Estágios de desenvolvimento do senso de realidade”, 1913, p. 137): “Levando até o fim de maneira consequente esse raciocínio, precisamos nos familiarizar com a ideia de uma tendência à inércia, ou melhor, à regressão, que também domina a vida orgânica, enquanto a tendência ao desenvolvimento continuado, à adaptação etc. só ganha vida em razão de estímulos externos” (ibid., p.69).

Para acompanharmos essa citação de Freud, será preciso recorrer a essa publicação de Ferenczi, para que assim possamos compreender até que ponto suas ideias se aproximam. Nela, Ferenczi diz:

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalamento, aos quais o ser humano *é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas*. O primeiro grande recalamento torna-se necessário pelo processo do nascimento, que, com toda a certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem intenção por parte da criança. *O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno*, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalcar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio do desenvolvimento (Ferenczi, 1913, pp. 59–60 — grifo nosso).

De fato, podemos observar que os mesmos elementos argumentados por Freud estão presentes nessa citação: o organismo é forçado a desenvolver-se pela ação do ambiente e não por qualquer tendência interna. E o que se mantém como tendência é o movimento regressivo. Não só Freud aproximou sua perspectiva da de Ferenczi, mas o húngaro também aproximou seu pensamento do vienense, de uma forma menos explícita. Foi Ferenczi quem escreveu o prefácio da tradução para o húngaro do *Além do princípio do prazer*. Nesse escrito, ele afirma:

O apego ao passado, a tendência para reencontrar um estado anterior de equilíbrio, a regressão, manifesta-se com uma constância tão absoluta na vida psíquica que Freud foi levado a opor às pulsões de conservação e de evolução – as únicas consideradas até então – a pulsão de morte e, pondo assim termo à arbitrariedade que campeava no domínio da teoria das pulsões, a reduzir os processos biológicos à polaridade dessas duas tendências (Ferenczi, 1924, p. 242 — grifos do autor).

É inegável que a percepção de uma tendência para o passado estivesse presente nos dois autores, tal como a compreensão de que o desenvolvimento só ocorre por motivos externos. Porém, por mais que essas semelhanças existam, há elementos fundamentais que separam conceitualmente a repetição de Freud e a regressão de Ferenczi. Podemos diferenciar essas duas posições por duas características: onde ela age, e qual é o seu objetivo.

Freud (1920) nos diz que, com a animação da matéria, surgiu a tendência de retorno ao estado anterior, o inanimado. Ou seja, a inércia à qual Freud se refere é uma tendência em ação, cujo foco é a diminuição da tensão no interior do organismo, levando-o a um estado constitucional anterior. O retorno é exclusivo do organismo. Já Ferenczi (1924), ao falar sobre a regressão talássica, vai apontar que essa tendência age para restabelecer o

estado primordial, no qual a ruptura entre o organismo e o ambiente não existia. Dessa forma, o foco é o retorno a uma forma de existência em relação ao ambiente. Se em Freud a primeira relação da matéria animada com o ambiente busca ser negada, pela eliminação de toda e qualquer tensão, em Ferenczi é justamente essa primeira relação que o organismo busca.

Quanto ao objetivo, Freud nos diz que o objetivo da vida é a morte, o retorno ao inanimado, a eliminação de toda e qualquer tensão. Em Ferenczi, o organismo busca restabelecer uma relação tão próxima com o meio que suas necessidades nem chegam a se apresentar, não há nenhum desejo, mas ainda há vida. Uma vida consubstancial entre o organismo-meio, uma unidade fundamental, um mínimo tudo possível. Nesse sentido, Figueiredo (2002, p.8) afirma: *a regressão materna ou thalássica faz parte dos recursos vitais do organismo e do sujeito. A tendência à inércia não é uma tendência ao zero, mas à estabilidade em um nível mínimo, porém vital.*

De um lado, há o zero, a nulificação; e de outro, o um, a unidade fundamental entre o vivo e o entorno. Na perspectiva do ponto de equilíbrio ideal do sistema, para Freud ele se dá a partir da eliminação do próprio sistema, enquanto que em Ferenczi, o mínimo de organização persiste, para que o sistema também sobreviva.

Entretanto, mesmo apontando para essa unidade fundamental e demarcando algumas diferenças de suas posições quanto ao pensamento de Freud, Ferenczi, tanto no *Thalassa* quanto em algumas obras que o sucederam, não negou explicitamente a ideia da pulsão de morte. Pelo contrário, o termo foi repetidamente usado em suas publicações, até mesmo constando no título de uma delas, e outros termos ligados à pulsão de morte também podem ser encontrados em seus escritos. No entanto, como argumentamos acima, mesmo próximos, Ferenczi e Freud estão fundamentalmente afastados. Dessa forma, a análise desses usos dentro da obra do húngaro, em comparação aos usos do vienense, se faz necessária.

Na publicação *O problema da afirmação do desprazer*, Ferenczi reflete sobre o início da vida da criança. Nessa reflexão ele caracteriza uma situação ideal inicial. Ele diz:

cheguei a suposição de para uma criança preservada de todo desprazer a existência inteira deveria parecer, à primeira vista, perfeitamente homogênea, “monista”, por assim dizer; a distinção entre as coisas “boas” e “más”, entre ego e o meio ambiente, o interior e o exterior, só se estabeleceria mais tarde; estranho e hostil seriam, pois, nessa primeira etapa, idênticos (Ferenczi, 1926, p.431).

Nessa argumentação, Ferenczi nos indica que no início há uma experiência monista, que só mais tarde será modificada. Experiência essa que guarda semelhanças com a vida intrauterina e, por consequência, com a vida marinha primordial. Mas é justamente essa modificação na relação do organismo com o ambiente que o leva para a próxima etapa, pois o infante fora do corpo materno sofre com a fome, situação impossível no estado anterior. Situação essa que o levará a uma destruição orgânica e a uma desintração pulsional. Essa desintração que permitirá que no reencontro com o seio materno este se torne uma representação de objeto, alvo do amor e do ódio e alheio à vontade da criança.

O desintrincação pulsional produz uma ambivalência, e ela é necessária para a percepção do objeto e também é uma forma de obter domínio sobre esses objetos, porque os objetos que serão reconhecidos são aqueles que o indivíduo deseja e que o frustram. Dessa forma, Ferenczi nos diz:

Tudo se passa como se as duas espécies de pulsões se neutralizassem mutuamente quando o ego se encontra em repouso, à maneira da eletricidade negativa e positiva num corpo elétrico inerte e como se nos dois casos influências externas particulares fossem necessárias para separar as duas espécies de correntes e torná-las de novo ativas. O aparecimento da ambivalência seria, portanto, uma espécie de medida defensiva, uma aptidão geral para a resistência ativa que representaria, assim como o fenômeno psíquico que o acompanha, o reconhecimento do mundo objetivo, um dos meios de controlá-lo (Ferenczi, 1993, p.398).

Por essa citação, nos parece que Ferenczi está caracterizando que, no estado de repouso (estado de não separação do ego com o ambiente), já haveria nesse organismo as duas classes pulsionais, só que em estado inerte pela neutralização que uma efetua sobre a outra. Estado esse rompido pela ação do ambiente. O que claramente poderia indicar uma pronta aceitação do húngaro à ideia da pulsão de morte, bem como do dualismo que a acompanha. Mas essa conclusão iria no caminho contrário da afirmação do monismo psíquico que Ferenczi afirmou no começo desse mesmo texto, pois teríamos que assumir que o monismo seria um estado virtual de nulificação pulsional, que esconderia um dualismo, ao invés de estado de repouso, pensado como um estado de puro prazer, como definido na publicação de 1913. Porém, se refletirmos sobre como ocorre a desintração pulsional, podemos encontrar algumas pistas que nos indiquem como Ferenczi está se posicionando. Ao se sentir ameaçado pela força de destruição oriunda da necessidade, o estado de repouso é rompido, o infante então espera, por sua onipotência, que algo surja para satisfazê-lo. Mas quando essa satisfação é adiada, aquilo que se fez ausente é odiado,

e o que se fez presente é amado. Dessa forma, o ódio é relacionado ao que afasta do estado de repouso, e o amor é aproximado com aquilo que age nesse sentido. Assim, seria o estado de repouso primeiro (e o objetivo), e ódio e amor características que se formariam na relação com os objetos.

Retomando a argumentação de Ferenczi (1926), depois do desintrincamento, é preciso um novo intrincamento pulsional para alcançar a realidade objetiva. As pulsões de vida devem inibir a agressividade direcionada para o objeto. Ora, mas o estado de inibição das pulsões é o estado inicial que o indivíduo foi forçado a abandonar, o qual agora ele busca retornar, contudo, reconhecendo o mundo externo. Um mundo capaz de satisfazê-lo, mas para isso será preciso que esse organismo aja nesse mundo e sobre ele mesmo, já que se não o fizer, a morte será seu único destino. Devemos lembrar que Ferenczi já havia nos dito que o objetivo do desenvolvimento é o retorno ao ambiente primordial, e esse reconhecimento do mundo externo é a forma pela qual essa tentativa de retorno age, tendo em vista que a pulsão repete o mesmo movimento adaptativo: união, separação, união.

A morte, como destino da falta de adaptação, é exposta pelo psicanalista húngaro:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico; aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem — pura e simplesmente; encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz. Num estágio mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que constituem para ele fontes de desprazer e de salvar assim sua própria vida (autotomia); essa espécie de ‘sequestro’ pareceu-me ser outrora o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. É preciso esperar uma outra etapa do desenvolvimento para ver surgir a faculdade de adaptação à realidade, espécie de reconhecimento orgânico do mundo exterior que é manifesto no modo de vida dos seres que vivem em simbiose, mas igualmente em todo ato de adaptação (Ibid, p.401).

Além do destino mortífero que a falta de adaptação pode causar, essa passagem também indica a carência que o organismo tem no seu estado inicial, e que a cisão de partes de si é uma estratégia defensiva que o organismo poderá lançar mão posteriormente. Assim como diz Herzog e Pacheco-Ferreira:

Nesta longa passagem, duas ideias necessitam menção: a primeira é a afirmação de que o frágil organismo sucumbe ao estado inorgânico do qual emergiu recentemente, caso o ambiente não satisfaça suas necessidades básicas. A segunda diz respeito ao mecanismo de defesa, passível de se desenvolver num momento posterior, que consiste em expelir, cindir partes de si mesmo, como estratégia de sobrevivência diante de uma ameaça de perigo iminente. Ambas as afirmações estão interligadas e serão amplamente desenvolvidas nos trabalhos subsequentes de Ferenczi. A primeira está relacionada à sua compreensão da

pulsão de morte e a segunda se insere em suas reflexões sobre o trauma (Herzog & Pacheco-Ferreira, p.187).

Ainda nessa publicação, Ferenczi (1926) articula a autodestruição do ego com o reconhecimento da realidade. Para esta ocorrer, é preciso que partes hostis do mundo sejam incluídas no ego, e partes amadas do ego sejam excluídas. Esse movimento caracteriza uma mudança masoquista da agressão. Nesse sentido, Caropreso (2019) aponta que a autodestruição de partes do ego teriam como consequência o devir, porque, por meio dessa destruição, é possível que ocorra a adaptação, pois somente por meio dela será possível a representação de objetos e o desenvolvimento do sentido de realidade. Nas palavras de Ferenczi:

nessa autodestruição é o fato de que neste caso (na adaptação, o reconhecimento do mundo circundante, a formulação de um julgamento objetivo), a destruição converte-se verdadeiramente na 'causa do devir'. É tolerada uma destruição parcial do ego, mas somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um ego capaz de resistência ainda maior [...], ao passo que Eros, liberto por ocasião do desintrincamento pulsional, transforma a destruição num devir, num desenvolvimento contínuo das partes que permaneceram incólumes (Ferenczi, 1926, p. 402 — grifo autor).

Como podemos ver, Ferenczi retoma a sua posição quanto à necessidade de uma destruição parcial do que se quer substituir no processo adaptativo, como apresentado na *Thalassa*. Uma destruição limitada, controlada, que objetiva a vida. Podemos observar como nessa argumentação não há espaço para o zero, mas uma tentativa de vida de reencontrar o um.

Até esse momento, pudemos identificar na perspectiva de Ferenczi alguns elementos essenciais para nossa pesquisa. A identificação de ódio e amor com a dualidade pulsional, que ganha forma pela capacidade dos objetos de satisfazerem ou frustrarem o sujeito. A dependência que o organismo tem do ambiente para a manutenção de sua vida, e a adaptação necessária para que esse não morra, assim como a autodestruição como elemento que possibilita a vida. Ferenczi ainda vai trabalhar com outra forma de destruição autodirigida, mas retornaremos para ela quando formos discutir sua teoria do trauma. Antes de continuarmos essa análise na obra de Ferenczi, devemos analisar como Freud tratava esses mesmos termos em seus escritos.

Retornando ao *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) relaciona o amor e a ternura com as pulsões de vida, assim como o ódio e a agressividade com as pulsões de morte. Diz Freud:

Partimos da grande oposição entre impulsos de vida e de morte. O próprio amor objetual nos mostra uma segunda polaridade desse gênero, a do amor (ternura) e do ódio (agressão). Se conseguíssemos relacionar essas duas polaridades, derivar uma da outra! Desde sempre reconhecemos um componente sádico do impulso sexual (...) Porém, como se conseguiria derivar o impulso sádico, que almeja a danificação do objeto, do eros, que conserva a vida? Não se torna evidente aí a hipótese de que esse sadismo é na verdade um impulso de morte que foi afastado do eu por influência da libido narcísica, de maneira que só aparece na relação com o objeto? (ibid., p.81–82).

Posição que Freud reafirma três anos mais tarde no *Ego e o Isso*:

Parece haver um fato assim. Para a oposição entre as duas espécies de instintos podemos introduzir a polaridade de amor e ódio. Não temos dificuldade em achar uma representação para Eros, mas ficamos satisfeitos em poder encontrar no instinto de destruição, para o qual o aponta o ódio, um representante do instinto de morte, de tão difícil apreensão (Freud, 1923, p.39).

Precisamos salientar que esse polo afetivo não é igualado à dualidade pulsional, mas são representações de Eros e da pulsão de morte, ou seja, essa é uma forma privilegiada pela qual as pulsões se manifestam. Dizemos privilegiada, pois a diferença qualitativa das pulsões impedem que esses afetos sejam intercambiados entre elas, ou seja, o ódio é sempre manifestação da pulsão de morte, enquanto o amor é manifestação da pulsão de vida. Como diz Freud: *Com isso não precisamos supor, em nenhum desses casos, uma transformação direta de ódio em amor, que seria incompatível com a diferença qualitativa das duas espécies de instintos* (Freud. 1923. p. 41).

Porém, ao aproximar a pulsão de morte do ódio e da destruição, Freud vai trabalhar esse aspecto destrutivo da pulsão de morte por dois caminhos: a destruição autoinfligida, e aquela lançada para o mundo externo. Quanto à primeira, Freud apresentou algumas considerações clínicas, para não retornarmos a toda a discussão já realizada no primeiro capítulo, vamos aqui centralizar nossa argumentação em dois pontos: a melancolia e o masoquismo. Na melancolia, o elemento destrutivo da pulsão de morte se instalou no Supereu, e esse se lança implacavelmente contra o Eu. O que vigora no Supereu é *pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte* (ibid., p.50). Por pura expressão da pulsão de morte, só podemos compreender como uma manifestação do retorno ao inorgânico. Esse elemento destrutivo no Supereu é oriundo da disjunção pulsional do final do complexo de Édipo, após a disjunção o componente erótico perde a capacidade de conter a destrutividade, o que faz com que ela seja liberta na forma de agressividade e destruição. O funcionamento do Supereu na melancolia nos indica como essa destrutividade tem caráter inerente. Ele é resultado do próprio funcionamento do aparelho psíquico dominado pela pulsão de morte.

Podemos tentar observar como essa tendência se mantém na argumentação de Freud sobre o masoquismo. Freud (1924) operacionaliza o par sadismo-masoquismo por meio da nova dualidade pulsional. No organismo há a ação da libido e da pulsão de morte, se essa última não for impedida, sua tendência destruidora pode se realizar. Assim, Eros se une à pulsão de morte, na tentativa de impedir que a vida acabe. Nessa união, a pulsão de morte é erotizada, e uma parte dela é lançada para fora. Essa é a origem do sadismo. Mas uma parte da pulsão de morte *permanece dentro do organismo e com o auxílio da excitação sexual acompanhante [pela ação da libido] acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno* (ibid., p.181). Freud define o masoquismo como um processo primário, e o sadismo como uma modificação dele. Isso significa que a atuação da pulsão de morte, mesmo excitada pela libido, tem como objeto principal a ação no organismo, e aqui podemos reencontrar a tentativa de retorno ao inorgânico.

Antes de continuarmos com a argumentação em volta da agressividade nos escritos de Freud, nos cabe aqui fazer uma observação. Um ano depois da publicação de *O problema econômico do masoquismo*, Ferenczi também refletiu quanto ao par sadismo-masoquismo, e o fez aproximando de sua posição no *Thalassa*. Para Ferenczi (1925), o sadismo tem origem na angústia do coito (e da castração). Nesse caso, o indivíduo teme por sua vida e por seu corpo, e, principalmente, pelo seu pênis (a encarnação do ego-prazer). Dessa forma, antes de intercurso, o objeto sexual deve se tornar inofensivo, para que depois o coito possa ocorrer. O objetivo é criar boas condições para que o representante do ego e do organismo possa alcançar a satisfação de forma segura. Como diz Figueiredo ao analisar essa posição de Ferenczi no *Thalassa*:

Ereção ou não ereção, penetração ou não penetração, ejaculação ou não ejaculação, eis as questões. Cada patamar do processo de excitação deixa o delegado [pênis] diante de riscos e dilemas. Não só o pênis ereto e penetrante corre perigo, mas também a secreção que ele produz, a quintessência do ego, pode estar sendo entregue a um recipiente não confiável (Figueiredo, 1999, p. 148).

E o organismo só enfrenta esse perigo objetivando retornar ao útero materno, e a última instância, ao oceano que esse representa. Mas uma vez o caráter adaptativo e o retorno ao um pode ser encontrado na argumentação de Ferenczi. Essa linha argumentativa também está presente na posição de Ferenczi (1925) sobre o masoquismo. Dada a angústia de castração e do nascimento, o orgasmo é tido como uma experiência dolorosa, o que faz

com que esses indivíduos sejam incapazes de experimentar a relação sexual de forma normal, tendo que primeiro experienciar sensações dolorosas. Mas o alvo dessas sensações são as áreas extragenitais, para que, por meio de seu sofrimento, os órgãos genitais possam alcançar a satisfação.

Após abordarmos a posição sobre o par sadismo-masoquismo em Freud e Ferenczi, podemos retomar a discussão sobre a agressividade em Freud. Como já havíamos falado, a libido age sobre a pulsão de morte na tentativa de lançá-la para objetos externos, o que faz com que essa pulsão possa ser chamada de *instinto de destruição*, *instinto de apoderamento*, *vontade de poder* (Freud, 1924, p.171). Mas, ao analisar a agressividade lançada pra fora na cultura, Freud (1930) vai trabalhá-la como um elemento não erótico:

Admito que, no sadismo e no masoquismo, tivemos sempre diante de nossos olhos as manifestações do instinto de destruição, dirigidas tanto para fora quanto para dentro, com forte ligação de erotismo; mas já agora considero que não possamos passar por alto a ubiquidade da agressão e da destruição não erótica, nem que deixemos de atribuir-lhes a posição que merecem na interpretação da vida (Freud, 1930, pp.115-116).

Assim, a agressividade (e a pulsão de morte a ela associada) ganha seu caráter autônomo, como *um instinto agressivo natural no ser humano* (ibid., p.118). Assim como diz Simanke (2014):

Essa autonomia instintiva da agressividade, por sua vez, será invocada para explicar os aspectos excessivos, não adaptativos da agressão, aqueles que, pelo menos aparentemente, transcendem as necessidades de sobrevivência e de reprodução do indivíduo (ibid., p.448).

Tamanha a autonomia e a constitucionalidade, que Freud (1930) vai inscrevê-la como um elemento da “natureza humana” :

ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. [...] [ela] desmascara os seres humanos como bestas selvagens que sequer respeitam os membros de sua própria espécie (ibid., p. 49).

A agressividade inerente perde qualquer característica adaptativa, talvez uma consequência de Freud tê-la afastado das pulsões de autoconservação (Simanke, 2014), pois é possível encontrá-la em seus escritos como uma forma de adaptação. Em *As pulsões e seus destinos*, de 1915, Freud afirma que: *De fato, pode-se afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não advêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sua*

conservação e sua afirmação (Freud, 1915, p.59). O Eu ama aqueles objetos que lhe dão prazer, mas odeia o mundo externo portador de estímulos, sendo o ódio uma manifestação da reação de desprazer provocada pelos objetos. Essa forma de agressividade adaptativa era creditada às pulsões de autoconservação. Podemos observar que é justamente essa forma de agressividade que se aproxima dos argumentos de Ferenczi, como expomos acima. E foi justamente a teorização da pulsão de morte e, conseqüentemente, do novo dualismo pulsional, que acabou por afastar a posição dos dois autores.

Agora podemos retornar para as propostas de Ferenczi e discutir sobre aquela outra forma de autodestruição. Na publicação *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, Ferenczi (1929) aproxima a ideia de pulsão de morte com a autodestruição. Ele nos diz que quando era médico pôde examinar inúmeros casos de epilepsia, os quais permitiram que ele estudasse *mais a fundo as manifestações da pulsão de morte* (ibid., p.56). Mas infelizmente esse empreendimento foi impedido, mas outros casos permitiram que ele examinasse *mais a fundo a gênese das tendências inconscientes de autodestruição* (ibid., p.56).

Ferenczi identificou nesses casos que os pacientes tinham que lutar contra tendências suicidas. Como já dissemos, havia algo em comum nesses pacientes, eles não foram bem vindos em suas famílias. E essa situação familiar não passou despercebida, ela foi registrada consciente e inconscientemente e, com isso, *a sua vontade de viver foi quebrada* (ibid., p.57), fazendo com que os menores acontecimentos da vida suscitassem neles a vontade de morrer, e morrer de bom grado. Essas pessoas demonstravam que, pela ação do meio no qual estavam inseridas, não conseguiram desenvolver seu potencial adaptativo, e devido a isso perderam o gosto pela vida. E pela observação desses casos, Ferenczi se afasta da posição de Freud, pois o húngaro aponta que, na classificação feita por Freud, a tendência mórbida tem um caráter congênito. Entretanto, nos casos que ele pôde observar, essa tendência inata era apenas simulada, devido à precocidade do trauma. Ou seja, Ferenczi aponta para as mesmas diferenças que discutimos acima. Freud argumenta a pulsão de morte como uma ação inerente ao organismo, enquanto que para Ferenczi ela vai se configurar pela relação com o meio.

No entanto, na seqüência da publicação, Ferenczi afirma que o organismo só se desenvolve com abundância no início da vida, quando há condições favoráveis para esse organismo. E isso ocorre pelo amor dos pais, que imuniza o infante dos ataques físicos e psíquicos. Caso isso não ocorra, as pulsões de autodestruição podem entrar em ação, pois, como ainda está mais próximo do não ser individual, esse retorno seria mais fácil para o

bebê. Essa afirmação poderia indicar uma aceitação da pulsão de morte como um elemento constitucional e primário, mas, se retornarmos para algumas posições de Ferenczi, podemos apontar para outro caminho.

Aqui precisaremos retornar para uma citação que fizemos anteriormente, sobre o peixe lançado para a terra depois da secagem dos oceanos. Esse primitivo animal teve de se saciar com a água que podia filtrar do solo, e pela ação minimamente favorável desse ambiente ele pôde se adaptar e alcançar definitivamente a forma anfíbia. Podemos apontar que as condições ambientais do solo e da terra eram significativamente diferentes: a temperatura podia variar, o ar era seco em comparação ao mar, havia a necessidade de um esforço enorme para alcançar a água, que antes era tudo o que o circulava. Mas ainda era possível encontrar algo nesse ambiente que, de alguma forma, criava alguma condição parecida com o ambiente original, e isso possibilitou a vida. Caso esse novo ambiente não pudesse prover o mínimo necessário para esse ser, ele pereceria. E também, se não houvesse nesse novo ambiente elementos para proteger (ou diminuir o impacto) esse ser primordial do calor do sol, da força do vento, e dos predadores, não restaria outra alternativa para ele senão a morte. Assim, podemos apontar a possibilidade de que seja nesse caminho que a argumentação de Ferenczi caminha, porque, ao aplicar esse modelo ao humano, Ferenczi nos diz que cabe aos cuidadores criar um ambiente que se aproxime com o útero materno no início da vida da criança e assim ela poderá ter suas necessidades satisfeitas e ser protegida da ação do mundo externo. Entretanto, se esses cuidados faltarem, tal como o peixe fora da água, só pode restar a morte para o infante. Dessa maneira, o funcionamento pulsional é relacionado com as relações que o indivíduo estabelece com o seu meio. Nesse sentido, Herzog e Pacheco-Ferreira afirmam:

Para Ferenczi, não fazia sentido pensar um funcionamento autônomo e inexorável dos fenômenos vitais, como um emaranhado de manifestações de duas pulsões básicas, a de vida e a de morte, não subordinado às relações intersubjetivas que constituem a história de vida de cada um (Herzog e Pacheco-Ferreira, p.187).

Sabemos como a neurose traumática foi essencial para a construção da ideia da pulsão de morte em Freud. Freud (1920) trabalhou o trauma no *Além do princípio do prazer* pela perspectiva econômica. O trauma foi entendido como consequência da quebra da barreira protetora, quebra essa que faz com que o princípio do prazer seja colocado de lado. Cabendo então ao aparelho psíquico dominar essa grande quantidade de estimulação, para ela poder ser liquidada. Dessa forma, como diz Lindenmeyer (2017, p, 186), *Para que*

o trauma ocorra, um acontecimento deve provocar, na vivência psíquica do sujeito, um aumento de excitações que não pode ser eliminado nem reelaborado segundo o modo habitual. Nesse ponto, a compulsão à repetição age para neutralizar o efeito desse excesso de energia, por meio do esforço para ligá-la às representações.

Segundo Herzog e Pacheco-Ferreira (2015), é justamente pela teoria do trauma que Ferenczi se distanciou de Freud. Isso porque, por meio dela, Ferenczi revalorizou a relação com o objeto e questionou o ponto de vista econômico pensado por Freud. Na publicação *Confusão de línguas entre adultos e crianças*, Ferenczi (1933) vai trabalhar a ideia do trauma por meio da sedução infantil. Ele destaca que *nunca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico* (ibid., pp.115–116). Uma posição que se afirma contra as tentativas de resumir os abusos sofridos pelas crianças à esfera da fantasia. Assim, mais uma vez, Ferenczi defende o caráter relacional contra as *explicações apressadas, [que acabam] invocando a predisposição e a constituição* (ibid., p.111). Como diz Gondar (2013., p.29): *seria preciso admitir que o trauma provém de fora, e não das fantasias do próprio paciente: para Ferenczi, tratava-se de um trauma real, impossível de ser ligado a qualquer representação e, portanto, impossível de ser recalcado.* Dessa forma, Ferenczi vai pensar o trauma desestruturante como um fator exterior que tem a capacidade de modificar o psiquismo.

Ferenczi (1933) descreve que a criança dotada apenas da linguagem da ternura, encontra um adulto que, tomado pela linguagem da paixão, seduz essa criança. Após o ocorrido, esse adulto reage com culpa e nega o que aconteceu. Como diz Vertzman (2002, p.67): *Se parássemos neste ponto, teríamos uma situação extremamente dolorosa, mas não traumática.* Mas a criança não abandona as suas impressões sobre o ocorrido, e busca um terceiro para relatar o ato. E este toma as palavras da criança como fantasias infantis e produz uma segunda negação, essa sim, traumática. Gondar explica o que é esse desmentido que ocorreu em um segundo tempo:

Por desmentido entenda-se o não-reconhecimento e a não-validação perceptiva e afetiva da violência sofrida. Trata-se de um descrédito da percepção, do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma. Portanto, o que se desmente não é o evento, mas o sujeito (Gondar, 2012, p.196).

Depois do trauma há um empobrecimento do eu e, dada a impossibilidade da introjeção, resta à criança a identificação com o agressor. Para preservar esse adulto como modelo identificatório, sua culpa é assumida pela criança. Assim, o abusador desaparece

da realidade externa e toma todo o espaço de reconhecimento de si da criança, o que dificulta a criação do universo subjetivo da criança. Vertzman afirma que:

A identificação com o agressor é, portanto, incorporação violenta da culpa. É uma tentativa paradoxal e desesperada de introjeção, na medida em que o que está em jogo é a significação do ocorrido. Se a criança só encontra a culpa como campo linguístico no qual pode se mover, isto se deve ao fato de não lhe ter sido disponibilizado outro vocabulário capaz de manter sua integridade subjetiva. (Vertzman, 2002, pp. 68-69)

A culpa aqui é apresentada como uma tentativa de introjeção, de adaptação e de criação da realidade subjetiva. Uma culpa imposta pela ação do outro, por ser o único vestígio de sentido ao qual a criança pode agarrar. Vemos então como Ferenczi, pela relação da criança com o ambiente, se afasta da culpa como fora apresentada por Freud no *Ego e o Id*.

Retomamos o trauma em Ferenczi, pois além do caráter relacional na formação do psiquismo e a sua perspectiva sobre a culpa, outros elementos também se aproximam e, simultaneamente, se afastam da teoria pulsional de Freud. Ferenczi indica mais duas outras consequências do trauma: a cisão e a autodestruição.

Com a falha nas instâncias de mediação no trauma, causando uma impossibilidade de atribuição de sentido, uma das saídas possíveis que o indivíduo pode encontrar é a clivagem que, como diz Vertzman (2002, p. 65): *a clivagem é o selo de uma introjeção impossível*. Pela clivagem o indivíduo se retira da experiência traumática e cinde a sua subjetividade. Assim, ele pode assegurar uma sobrevivência paradoxal, se descentrando de si mesmo e se distanciando de sua vida subjetiva. Dessa forma, ele pode se distanciar dos afetos que dão sentido à existência do trauma (Sales *et al*, 2013).

Temos que destacar que na clivagem do eu há essa luta para se afastar dos afetos e não das representações, já que, pela resposta que os objetos primordiais deram para o sujeito, ele foi forçado a não simbolização. No entanto, o trauma persiste, não ligado à memória representacional, mas como impressões sensíveis. A experiência conserva um caráter atual que conturba a inscrição e o reordenamento temporal. Assim, a clivagem é uma resposta de sobrevivência, como diz Herzog e Pacheco-Ferreira:

O conceito de clivagem e a imagem da autotomia, que pode ser considerada como sua precursora, são, portanto, respostas radicais a uma situação insuportável na relação com o ambiente. Neste contexto, uma autodestruição antecipa uma destruição exterior, como estratégia de sobrevivência, inaugurando uma nova tópica que não obedece à lógica do recalque (Herzog & Pacheco-Ferreira, p.191).

Pois o choque do trauma *equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo* (Ferenczi, 1934, p.109). O que destrói a sensação de segurança do sujeito, sensação de que seus objetos primordiais iriam protegê-lo, tal como os anexos protetores defendem o feto do mundo externo. Devido a essa situação, uma poderosa angústia sobrevêm, e como defesa a ela, os conteúdos psíquicos são fragmentados, destruídos. Mas a criança ainda carece de proteção, e como os adultos falharam em sua função, ela mesma constrói uma parte do seu eu para executar essa função. Esse é o bebê sábio de Ferenczi. Toda essa autodestruição, entretanto, tem como objetivo tentar sobreviver, se adaptar e criar, mesmo que por meio de seus próprios restos, um ambiente seguro.

Dentro desses elementos que apresentamos na perspectiva de Ferenczi sobre o trauma, alguns podem se aproximar, pelo menos em aparência, de elementos explicados por Freud pela pulsão de morte. Além da autodestruição que já expomos exaustivamente acima, a clivagem, e sua aproximação com a autotomia, também vai apresentar essa semelhança. Tanto que o próprio Ferenczi (1924, p.322) fez essa aproximação: *O primeiro efeito de choque exógeno será o de despertar a tendência à autotomia que dormita no organismo (pulsão de morte)*. Ora, a autotomia, o processo pelo qual uma parte do corpo é separada, deixada cair, para que o resto sobreviva, poderia ser aproximado da pulsão de morte pela sua característica disjuntiva, catabólica, mas, enquanto na pulsão de morte a unidade, feita por Eros, é separada visando o retorno ao inorgânico, em Ferenczi, esse é um esforço adaptativo, uma luta pela vida.

Como vimos, mesmo Ferenczi usando com alguma frequência a expressão pulsão de morte em seus escritos, ela não aparece com os mesmos termos que em Freud. Ferenczi a usa, porém a subverte, ao relacioná-la à regressão a um, à busca da vida e à adaptabilidade, e a retirar a sua autonomia e lhe dar um caráter passivo: *em vez de pulsão de morte seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade deste processo* (Ferenczi, 1930, p.271). E por meio desse seu uso, podemos compreender uma frase solitária escrita em seu diário clínico *Nothing but life-instincts. Death-instincts, a mistake* (nada além de instintos de vida. Instintos de morte, um erro) (Dupont, 1998 como citado em Figueiredo, 2002, p.3 - tradução nossa). Assim seu monismo professado é mantido, e a pulsão ganha caráter na relação com o mundo. Mas o objetivo ainda é a vida.

Se tentássemos encaixar o termo pulsão de morte no mesmo significado de Freud na obra de Ferenczi, seria um encaixe impreciso. Como tentar encaixar uma peça de um

quebra cabeça em um outro, mesmo que a imagem final guarde alguma semelhança, essa peça sempre ficaria marcada por um buraco ou por um excesso. Em alguns casos, pode ser que a imagem final não fique tão diferente quanto deveria ser, mas em outros, ela corre o risco de ficar irreconhecível.

3.3 Considerações finais

Árdua é a tarefa de colocar lado a lado a metapsicologia de dois autores tão geniais como Freud e Ferenczi, tamanha é a dificuldade, que sabemos que nossas argumentações não foram capazes de esgotá-las, apenas pudemos apresentar algumas de suas ideias. Ao apresentá-las, demos ênfase a alguns elementos, enquanto outros figuraram em um segundo plano. Mas temos consciência de que esses elementos que abordamos não encerram essa tão complexa questão, apenas marcam o nosso caminho.

Outros enfoques podem ser tão valiosos quanto e, por isso, os indicamos como possibilidades de pesquisas futuras. Sabemos que a relação entre Freud e Ferenczi foi marcada por aproximações e distanciamentos, por discipulado e subversão, e por submissão e autonomia, esse fator relacional pode também somar nessa discussão. Assim como as estratégias clínicas dos autores, a pulsão de morte marca um entravamento na clínica de Freud, uma barreira de difícil superação, enquanto que Ferenczi, “o psicanalista dos casos difíceis”, sempre se esforçou para não se deixar esmorecer diante dessas dificuldades, e ativamente buscou formas de superá-las. E o posicionamento clínico certamente expandirá o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, F. C. B. D. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, (36), 55-68. ISSN 0100-3437
- Balint, M. . (1991) Prefácio do dr. Michael Balint. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp.VII-X). Martins Fontes.
- Câmara, L. C. P., & Herzog, R.. (2018). Um prefácio imaginário para Thalassa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 244-260. Recuperado em 02 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100014&lng=pt&tlng=pt.
- Caropreso, F. (2019). O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 24. Doi: 10.4025/1807-0329e42588
- Dal Molin, E. C., Junior, N. E. C., & Cromberg, R. U. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, 24(2), 231-245. DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>
- Ferenczi, S. (1908a) As neuroses à luz do ensino de Freud. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 5-24). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1908b) Psicanálise e pedagogia. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 39-44). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1909a) Transferência e introjeção. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 87-1244). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1909b) A respeito das psiconeuroses. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 45-62). Martins Fontes.

- Ferenczi, S. (1912) O conceito de introjeção. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 208- 211). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1913a) O desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise II*. (2ª ed., pp. 45-62). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1913b) A importância da psicanálise na justiça e na sociedade. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise II*. (2ª ed., pp. 1-12). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1914) Progresso da teoria psicanalítica das neuroses. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise II*. (2ª ed., pp. 177-190). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1916) Dois tipos de neuroses de guerra (histeria). In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise II*. (2ª ed., pp.293-310). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1918) Psicanálise das neuroses de guerra. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.13-32). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1921a) Reflexões psicanalíticas sobre os tiques. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.81-112). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1921b) A propósito da crise epilética. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.147-154). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1924) Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.277-358). Martins Fontes.

- Ferenczi, S. (1925) Psicanálise dos hábitos sexuais. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.359-398). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1926) O problema da afirmação do desprazer. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp.431-444). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1929) A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.55-60). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930a) O erotismo oral na educação das crianças. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.270-271). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930b) Toda adaptação é precedida de uma tentativa de desintegração. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.271-272). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930c) Reflexões sobre o “prazer da passividade”. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.276-278). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931) Observações aforísticas sobre o tema: estar morto — ser mulher. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.287-288). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1932) Os três princípios capitais. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.295-297). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1933) Confusão de língua ente adultos e crianças. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.111-135). Martins Fontes.

- Ferenczi, S. (1934) Reflexões sobre o trauma. In A. Cabral, C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.125-135). Martins Fontes.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.1 - Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. (pp. 212- 264). Imago.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Imago.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.7 - Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*.(pp. 77-150). Imago.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.13 - Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. (pp. 7- 114). Imago.
- Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12 - Totem e tabu e outros trabalhos*. (pp. 189-203). Imago.
- Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.14 - A história do movimento psicanalítico, a artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*.(pp. 67-84). Imago.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.14 - A história do movimento*

- psicanalítico, a artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916).*(pp. 140-154). Imago.
- Freud, S. (1919). O estranho. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17 - Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918).* (pp. 137-162). Imago.
- Freud, S. (1919) Neuroses de transferência: uma síntese. (1ª ed.). Imago.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. L&PM Editores
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In . In P C. Souza (org.), *Sigmund Freud: Obras completas, v.16 - O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925).* (pp. 9-64). Companhia das Letras
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In . In P C. Souza (org.), *Sigmund Freud: Obras completas, v.16 - O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925).* (pp. 165-181). Companhia das Letras
- Freud, S. (1930). Mal-estar na civilização. In P C. Souza (org.), *Sigmund Freud: Obras completas, v.18 - o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).* (1ª ed., pp. 9-89). Companhia das Letras.
- Figueiredo, L. C. M. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi.* Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2002). A tradição ferencziana de Donald Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 909-928.
- Garcia-Roza, L. A. (2000). Introdução a metapsicologia freudiana v.3. (7ª edição). Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2004). Freud e o inconsciente. (23ª edição.) Zahar.
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 34(27), 193-210. ISSN 1413-6295
- Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 35(29), 27-39. ISSN 1413-6295.

- Green, A. (1986) A pulsão de morte, narcisismo negativo e função desobjetalizante. In *A pulsão de morte*. (pp. 53-64)
- Green, A. (1986) O trabalho do negativo. Artemed.
- Grubrich-Simits, I. (1985). Metapsicologia e biologia. In I. Grubrich-Simits (org). *Neuroses de transferência: uma síntese. (Manuscrito recém-descoberto)*. (pp. 82-120). Imago.
- Herzog, R., & Câmara, L. (2021). Ferenczi e a catástrofe: ruptura dos limites. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 13(2), 62-77. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v2p.62>
- Herzog, R., & Pacheco-Ferreira, F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18, 181-194. DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, 6(1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Klein., M. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In *Obras Completas de Melanie Klein v.I - Amor culpa e reparação e outros trabalhos*. Imago
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Obras completas de Melanie Klein, v. 3 - Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Imago.
- Lacan, L (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp.238-324). Jorge Zahar.
- Lacan, L. (1954). Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (2ª ed.). Jorge Zahar.
- Lacan, L (1957) Seminário 5, as formações do inconsciente. Jorge Zahar.

- Lacan, L. (1960). Subversão do sujeito a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. (pp.807-842). Zahar.
- Lacan, L. (1964) Posição inconsciente. In *Escritos*. (pp.843-864). Jorge Zahar.
- Lacan, L. (1964) Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (2ª ed.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964) Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In *Escritos*. (pp.735-745). Zahar
- Laplanche, J. (1985). Vida e morte em psicanálise. Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1987) Novos fundamentos para a psicanálise. (1ª ed.) Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988) Teoria da sedução generalizada e outros ensaios. Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1993) Freud e a sexualidade: o desvio biologizante. Zahar.
- Laplanche, J. (2000) Pulsão e instinto: oposições, apoios e entrelaçamentos. In M. R. Cardoso (org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. (pp.13-28). Nau Editora.
- Lindenmeyer, C. (2017). Le traumatisme, de Freud à Ferenczi. *Tempo psicanalítico*, 49(1), 180-208. ISSN 2316-6576
- Maldonado, G. (2006). Um estudo sobre o conceito freudiano de pulsão de morte. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Mello, R., & Herzog, R. (2009). Trauma, clivagem e anestesia: uma perspectiva ferencziana. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 61(3), 68-74. ISSN: 0100-8692
- Mezan, R. (1996). Cem anos de interpretação. In A. Slavutzky, C. L. S. Brito & E. L. A. Sousa (org), *História, clínica e perspectiva nos Cem anos da Psicanálise*. Artes Médicas
- Mezan, R. (2006). Freud: A trama dos conceitos (5ª edição). Perspectiva.
- Molin, Eugênio C. Dal, Coelho Jr, Nelson, & Cromberg, Renata U.. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica.

Estilos da clínica, 24(2), 231-245.

<https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>

Ravasio, M. T. H. (2016). Considerações sobre a pesquisa em psicanálise. *Salão do Conhecimento*.

Safatle, V. (2007). A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, (36), 151-192.

<https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.38076>

Salem, P. (2016). Objeto e fantasia inconsciente na psicanálise de Melanie Klein. *Primórdios*, 33-44.

Sales, J. L., de Oliveira, R. H., & Pacheco-Ferreira, F. (2016). Clivagem: a noção de trauma desestruturante em Ferenczi. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 60-70. ISSN 1809-5267

Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12(1), 73-95. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000100004>

Verztman, J. S. (2002). O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 59-78.

Winnicott D. W. (1955) A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In *Winnicott, da pediatria à psicanálise*. (pp.355-374). Francisco Alves

Winnicott, D. W (1957) Agressão. In *Winnicott, 1999 (W13)*. (p.93-102).

Winnicott, D. W. (1962) Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In *Winnicott, o ambiente e os processos de maturação*. (pp. 156-162). Artes Médicas

Winnicott D. W (1974). O medo do colapso. In *Winnicott D. Explorações Psicanalíticas*. (pp.70-76). Artmed.

Winnicott, D. W (1987). O gesto espontâneo. Martins Fontes.

Winnicott D. W. (1988). Natureza humana. Imago.